

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CONTABILIDADE**

KARLA SPLITTER

**PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES E PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS SOBRE A PROFISSÃO DO CONTADOR**

**Florianópolis
2013**

KARLA SPLITTER

**PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES E PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS SOBRE A PROFISSÃO DO CONTADOR**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de mestre em Contabilidade.

Orientador: Prof. Dr. José Alonso Borba

**Florianópolis
2013**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Splitter, Karla

Percepção de estudantes e professores universitários
sobre a profissão do contador / Karla Splitter ;
orientador, José Alonso Borba - Florianópolis, SC, 2013.
125 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Sócio-Econômico. Programa de Pós-Graduação em
Contabilidade.

Inclui referências

1. Contabilidade. 2. Estereótipos. 3. Contador. 4.
Percepção. I. Alonso Borba, José. II. Universidade Federal
de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Contabilidade. III. Título.

Karla Splitter

**Percepção de estudantes e professores universitários sobre a
profissão do contador**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre em Contabilidade e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Contabilidade da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 29 de Agosto de 2013.

Prof. Dr. José Alonso Borba
Coordenador do PPGC/UFSC

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Alonso Borba
Orientador
Universidade Federal do Estado de Santa Catarina (UFSC)

Profa. Dra. Anete Alberton
Membro Externo
Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)

Prof. Dr. Leonardo Flach
Universidade Federal do Estado de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Sérgio Murilo Petri
Universidade Federal do Estado de Santa Catarina (UFSC)

Dedico esse trabalho aos meus pais, meus exemplos de vida.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me dar força para superar mais um desafio. Aos meus pais, Arnaldo e Iclesia, pelo carinho e paciência. Aos meus irmãos e sobrinhos, que souberam entender os momentos de distância.

Ao meu companheiro Josemar, que esteve ao meu lado em todos os momentos, me incentivando a prosseguir, com paciência e coragem.

Ao meu grande amigo de alma Júnior, pelo apoio incondicional.

Ao corpo docente do Programa de Pós Graduação em Contabilidade (PPGC) pelos conhecimentos transmitidos. Aos funcionários do PPG, em especial a Maura, pelo carinho e atenção.

Ao Professor Barbetta pelo auxílio no tratamento estatístico dos dados.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa de mestrado concedida.

A todos os colegas do PPGC, que permitiram que esta jornada fosse mais alegre e agradável, especialmente ao amigo Sandro, que muitas vezes, gentilmente, cedeu seu tempo para me auxiliar.

A Universidade do Vale do Itajaí (Univali) pelo apoio neste projeto e a todos os colegas que de alguma forma contribuíram para a realização deste sonho.

Ao amigo Tarcísio pela valorosa ajuda na aplicação dos questionários. A minha grande amiga e irmã Cleunice, parceira de todas as horas.

Aos alunos e professores que participaram da pesquisa. E a todos que direta ou indiretamente me ajudaram nesta trajetória.

“Somos um instante entre dois passos...
“Mas esse instante contém todas as possibilidades do mundo.”

Franz Kafka

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema de estereótipo do bibliotecário	30
Figura 2 – Protótipo de uma cadeira	31
Figura 3 – Mapa perceptual $H2$ – dimensões Interesse e Isolamento ...	71
Figura 4 – Mapa perceptual $H6$ – par de adjetivos Chato - Interessante	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Faixa etária dos respondentes	53
Tabela 2 – Valores Qui-Quadrado $H1$	63
Tabela 3 – Médias e desvios padrão dos itens apresentados em quatro cursos	68
Tabela 4 – Valores Qui-Quadrado $H2$	69
Tabela 5 – Tabela de contingência $H2$ – dimensão Estrutura	70
Tabela 6 – Valores Qui-Quadrado $H6$	72
Tabela 7 – Valores Qui-Quadrado hipótese $H5$	77
Tabela 8 – Valores Qui-Quadrado $H6$	77
Tabela 9 – Valores Qui-Quadrado $H7$	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pesquisas realizadas com estudantes.....	41
Quadro 2 – Pesquisas realizadas com professores	45
Quadro 3 – Pesquisas realizadas em filmes e músicas.....	47
Quadro 4 – Pesquisas realizadas em jornais, livros e anúncios de propaganda.....	47
Quadro 5 – Pesquisas realizadas com grupos específicos.....	50
Quadro 6 – Composição da população.....	52
Quadro 7 – Cálculo da média.....	59
Quadro 8 – Diferenças encontradas nos aspectos favoráveis e desfavoráveis entre os professores de cada curso	60
Quadro 9 - Semelhanças encontradas nos aspectos favoráveis e desfavoráveis entre os professores de cada curso	62
Quadro 10 – Categorias e subcategorias da análise de conteúdo a visão da carreira do contador.....	65
Quadro 11 - Semelhanças encontradas entre os grupos de estudantes..	67
Quadro 12 - Aspectos favoráveis e desfavoráveis apresentados pelos estudantes e professores de cada curso	76
Quadro 13 – Categorias e subcategorias da análise de conteúdo atribuições do contador	82

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Esfera de atuação dos docentes	53
Gráfico 2 – Número de respondentes por curso que atuam no mercado de trabalho.....	54
Gráfico 3 – Frequência de utilização de algum serviço prestado pelo contador.....	64
Gráfico 4 – Visão dos professores sobre a carreira de contador	64
Gráfico 5 – Nível de importância atribuído à profissão do contador pelos professores.....	65
Gráfico 6 – Estudantes que possuem amigos e/ou parentes contadores	72
Gráfico 7 – Visão dos estudantes sobre a carreira do contador.....	73
Gráfico 8 – Nível de importância atribuído à profissão do contador pelos estudantes	74
Gráfico 9 – Opção pelo curso de contabilidade pelos estudantes dos demais cursos	80
Gráfico 10 – Opção pelo curso de contabilidade pelos professores dos demais cursos	81

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a percepção que estudantes e professores universitários têm acerca da profissão do contador. A amostra da pesquisa foi composta por 461 estudantes e 102 professores universitários dos cursos de contabilidade, administração, direito, engenharia de produção e jornalismo de duas universidades, uma pública e outra privada, localizadas no Estado de Santa Catarina. A coleta de dados foi por meio da aplicação de questionários, tendo como base o questionário desenvolvido por Saemann e Crooker (1999), adaptado e ajustado para esta pesquisa, com o objetivo de mensurar a percepção da profissão contábil. Para tanto valeu-se da escala de diferencial semântico, utilizando 33 pares de adjetivos representando visões opostas. Esses pares foram divididos em quatro categorias de análise, sendo: estrutura, precisão, isolamento e interesse. Os procedimentos estatísticos utilizados foram o teste Qui-Quadrado e mapas perceptuais construídos pela técnica de análise de correspondência. De forma geral, o que se pode concluir é que ainda paira no ar o estereótipo do “*beancounter*”, a imagem do contador tradicional ainda está muito ligada à do contador contemporâneo. As características de uma profissão chata, maçante, rotineira, que envolve muitos cálculos, sem criatividade, sem habilidades com pessoas, permanecem. A profissão é considerada importante ou muito importante por mais de 90% dos respondentes, contudo os mesmos não sabem definir com clareza o que este profissional faz, atribuindo-lhe apenas algumas, e as mais triviais, atividades. O contador é visto como um profissional sem visão de negócios, pouco participativo ou envolvido na gestão, pouco atualizado, usa muito a lógica e se esquece das pessoas, apenas cumpre normas e resolve questões operacionais. Quanto à profissão em si, esta é percebida envolvendo cálculos, matemática, ligada a aspectos fiscais e tributários, principalmente à declaração do Imposto de Renda. Portanto, não há como negar que existe uma percepção estereotipada sobre este profissional, o contador ainda está ligado à imagem do guarda-livros, atrelado somente às exigências fiscais.

Palavras-chave: estereótipo, percepção, contador.

ABSTRACT

The overall objective of this work is to analyze the perceptions of university students and professors concerning the profession of accountant. The research sample consisted of 461 students and 102 university professors of courses in accountancy, business administration, law, production engineering and journalism in two universities in the State of Santa Catarina; one public and the other private. Data were collected through the application of questionnaires, based on the questionnaire developed by Saemann and Crooker (1999), adapted and adjusted for this research, in order to measure the subjects' perceptions of the accounting profession. For this purpose, it uses the scale of semantic differentiation, using 33 pairs of adjectives representing opposing views. These pairs were divided into four categories of analysis, namely: structure, precision, isolation and interest. The statistical procedures used were the Chi-Squared test and perceptual maps built using the technique of analysis of correspondence. In general, it can be concluded that there is still a stereotypical image of a "beancounter", and the image of the contemporary accountant is still closely linked to that of a traditional accountant. It is seen as a dull, boring, routine profession that involves lots of calculations, without creativity, lacking in people skills. The profession is considered important or very important by more than 90% of the respondents, yet they were unable to clearly define what this professional does, attributing to it some trivial activities. The accountant is seen as a professional without business vision, not very participative or involved in the management, not very up-to-date, someone who is very logical and not bothered about people, who always follows the rules and resolves operational issues. As for the professional itself, it is seen as involving calculations and mathematics, and linked to physical and tax aspects, particularly the Tax declaration. It cannot be denied, therefore, that there is a stereotypical perception of this professional, and the accountant is still associated with the image of a bookkeeper, performing only financial duties.

Keywords: stereotype; perception; accountant

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
1.1 TEMA E PROBLEMA	15
1.2 OBJETIVOS	19
1.2.1 Objetivo geral.....	19
1.2.2 Objetivos específicos	19
1.3 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA.....	19
1.4 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	22
1.5 ESTRUTURA DA PESQUISA	22
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1 ESTEREÓTIPOS: DEFINIÇÕES E FUNÇÕES	23
2.2 FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS ESTEREÓTIPOS	27
2.3 CONSEQUÊNCIAS DOS ESTEREÓTIPOS.....	33
2.4 MECANISMOS PARA SUPRESSÃO, REDUÇÃO E MODIFICAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS.....	34
2.5 ESTEREÓTIPO DO CONTADOR	36
3 METODOLOGIA	51
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA	51
3.2 SELEÇÃO DA AMOSTRA	51
3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	54
3.4 FORMULAÇÃO DAS HIPÓTESES.....	56
3.4.1 Diferença de percepção entre endogrupo e exogrupo.....	56
3.4.2 Teoria da Identidade Social	57
3.4.3 Processo afetivo e mecanismos culturais.....	57
3.5 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS	58
4 ANÁLISE E RESULTADOS DA PESQUISA	60
4.1 PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES.....	60
4.2 PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES.....	66
4.3 PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES X PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES	75
5 CONCLUSÕES E LIMITAÇÕES	85
5.1 CONCLUSÕES	85
5.2 LIMITAÇÕES	90
5.3 RECOMENDAÇÕES	91
6 REFERÊNCIAS.....	92
LISTA DE APÊNDICES.....	107

1 INTRODUÇÃO

1.1 TEMA E PROBLEMA

Algumas profissões conseguiram criar uma boa imagem perante a sociedade ao longo do tempo, solidificando sua imagem pública. Outras, no entanto, padecem no tocante a criação de uma imagem profissional sólida e respeitável. Este é o caso da profissão do contador. Para Belski, Richmond e Brozovsky (2004), o sucesso desta profissão depende amplamente de como a profissão é vista pelo público, principalmente por ela ter sido abalada no passado recente pela ampla publicidade de fraudes, escândalos e falências envolvendo estes profissionais. Albrecht e Sack (2000) ainda descrevem outros entraves relacionados a imagem desta profissão, como as mudanças no ambiente empresarial, diminuição dos níveis de salário na profissão, o aparecimento de outras carreiras como alternativas mais atraentes aos estudantes e a falta de informação e/ou desentendimento sobre a carreira de Contabilidade.

Para Dimnik e Felton (2006) o contador é um dos profissionais que mais tem se preocupado, nos últimos anos com a imagem pública. Os autores colocam que durante anos os contadores vêm sofrendo com a imagem de uma pessoa chata, pouco atraente, forçados a se defender contra acusações de irrelevância, esforçando-se para reforçar sua reputação de competente e íntegro. Azevedo (2010) menciona que a percepção pública sobre a contabilidade é fonte de preocupação para o profissional contábil, principalmente, por ser considerada equivocada e estereotipada. Morais (2007) comenta que essa preocupação influencia muitos profissionais, que acabam incorporando tal sentimento de descrédito e buscam outras profissões nas quais possam se sentir mais valorizados.

As percepções negativas da contabilidade e dos contadores se originam com as argumentações de Stacey (1958), que afirma que a imagem do contador como retratada em romances, poesia e drama não é muito lisonjeira. Desde então muitas pesquisas internacionais foram realizadas para identificar o estereótipo do contador e da própria contabilidade. Imada, Fletcher e Dalessio (1980) reexaminam os estereótipos do contador com entrevistadores da área, contadores e estudantes britânicos. Os resultados indicam que os alunos percebem o contador como mais interessado em gestão de negócios, atividades que

envolvam trabalho detalhado e baixo nível de desgaste, enquanto entrevistadores e contadores percebem como aventureiro, extrovertido, vasta gama de interesses. Fischer e Murphy (1995) relatam a percepção de grupos de contabilidade e estudantes de outros cursos sobre o estereótipo do contador. Não estudantes de contabilidade demonstraram antipatia pela profissão, considerando a mesma como tediosa, que causa aborrecimentos e forte sugestão de práticas antiéticas; quanto aos alunos de contabilidade, os mesmos reconhecem as atitudes negativas em relação à profissão, contudo estão comprometidos com a carreira, e acreditam que contabilidade é algo interessante de estudar e que a profissão tem *status* elevado. A pesquisa de Michael e Levas (2003) aponta que os estudantes de outros cursos na área de negócios interpretam o estereótipo do contador como conservador, retraído e com dificuldades de trabalho em grupo.

No cenário nacional, Azevedo, Cornachione Júnior e Casa Nova (2008) compararam as percepções dos alunos de contabilidade com outros cursos. O estudo identificou diferenças significativas relativamente à percepção que se tem sobre o curso de Contabilidade para os fatores relativos à ambição, propensão ao risco, independência, orientação a pessoas, nível de estudo, trabalho em equipe, flexibilidade, nível de estudo, liderança, onde para estes fatores a percepção dos estudantes dos outros cursos foi significativamente mais negativa do que a percepção dos estudantes de Contabilidade. Miranda, Miranda e Araujo (2012) analisaram as percepções de alunos do ensino médio sobre a atividade profissional do contador. Resultados apontam que os alunos não conhecem alguns aspectos relevantes da profissão, contadores foram considerados éticos, não há grande desvalorização da profissão comparada com outras.

O que as pesquisas demonstram é que, um dos principais motivos destas percepções equivocadas ou até mesmo estereotipadas, é falta de clareza sobre o que é a profissão, quais são as atividades exercidas pelo profissional contábil (COBBS, 1976; HAZELL, 1998; SMITH, BRIGGS, 1999; PARKER, 2000). Se em parte, a forma como as pessoas são vistas determina como elas são tratadas, supõem-se que as percepções dos contadores ou da própria contabilidade são influenciadas pela ausência de informações. McMurdy (1997) acredita que a linguagem utilizada por contadores é uma forma de confundir o público e mantê-los no escuro sobre o que é contabilidade, contribuindo para a

permanência destas percepções equivocadas. Bougen (1994) segue nessa mesma linha, afirmando que essa percepção negativa é duradoura devido à complexidade da imagem do contador, que é derivada da interdependência entre a contabilidade e a escrita fiscal e a indefinição das características pessoais e de contabilidade em si.

Essa imagem estereotipada do contador e da contabilidade vai além, gerando graves implicações. Nos Estados Unidos o declínio das matrículas em programas de contabilidade foi apontado em vários estudos (ANDERSEN, 1989; FELTON, BHUR; NORTHEY; 1994; HERMANSON *et al.*, 1996; ALBRECHT; SACK, 2000; SCHLEE *et al.*, 2007), demonstrando que a profissão foi se tornando menos atraente para os alunos ao longo dos anos. Azevedo (2010) também menciona que este fato tem sido mundialmente uma fonte de preocupação não só de acadêmicos e profissionais, mas também de entidades profissionais como *American Accounting Association (AAA)*, *American Institute of Certified Public Accountants (AICPA)*, *Canadian Institute of Chartered Accountants (CICA)*, *European Accounting Association (EAA)*, *Institute of Chartered Accountants in England and Wales (ICAEW)*, *Institute of Management Accountants (IMA)*, *Japanese Institute of Certified Public Accountants (JICPA)*, bem como empresas de auditoria. Estes órgãos preocupados com a percepção equivocada do público sobre a carreira de contabilidade estão desenvolvendo campanhas para trabalhar esta imagem e atrair novos estudantes.

A falta de nitidez das funções do contador e da própria contabilidade faz com que os estudantes tenham uma imagem que não revela propriamente a realidade (PARKER, 2000; SMITH, BRIGGS, 1999). Hiroshi (1998) comenta que outras disciplinas, como medicina, economia, engenharia, química, conseguem chamar a atenção para suas áreas, mostrando seus novos “produtos”, suas curiosidades, ao contrário do que acontece em contabilidade. Wells (2010) coloca que desta forma a contabilidade pode deixar de atrair as pessoas com habilidades e capacidades necessárias para a profissão.

Holanda (1973) ressalta ainda, que são os estereótipos profissionais que formam a base para as decisões sobre qual carreira o indivíduo deve seguir. Portanto, “Se esta visão é estereotipada negativamente pelos estudantes, pode acarretar na decisão precipitada de cursar outra formação em carreiras relacionadas, ao desconsiderar simplesmente a possibilidade de cursar contabilidade” (AZEVEDO,

2010, p. 7). Além disso, a existência de estereótipos já nos cursos frequentados pelos estudantes pode interferir, de maneira significativa, em sua atuação como futuros profissionais (SCHLEE *et al.*; 2007).

Para Smith e Briggs (1999), essa imagem negativa da profissão contábil pode ter graves consequências para a próxima geração de contadores, já que, para os jovens, a reputação de uma profissão como maçante e chata, é um forte desincentivo para seguir esta carreira, principalmente para os melhores alunos (FRIEDMAN; LYNE, 2001). Os estereótipos acabam afetando, sobremaneira, a escolha da futura carreira profissional (ALBU, ALBU, GIRMINA; 2011).

No Brasil, é notável a evolução do profissional contábil nas últimas décadas, adaptando-se às mudanças no ambiente social. Os avanços da tecnologia e da informação forçosamente redirecionaram o papel desempenhado pelos contadores. Recentemente, o desafio do profissional brasileiro está sendo adaptar-se ao processo de convergência das normas internacionais de contabilidade. Cardoso (2006) afirma que tal demanda exige cada vez mais a capacidade e a habilidade dos contadores no campo da interpretação, do julgamento e da mensuração dos eventos econômicos.

As transformações no ambiente social provocaram mudanças também nas necessidades dos usuários da contabilidade, exigindo agora a interação do contador com a gestão dos negócios. É possível perceber que a expectativa da sociedade em relação ao contador atual é cada vez maior. Profissionais que não souberem agregar valor para a organização, apenas fazendo lançamentos de débitos e créditos, estão com seus dias contados. (CONSENZA, 2001). Fortes (2002) já mencionava que o papel do contador na sociedade era, a cada dia, mais relevante.

Como visto, é crescente a preocupação de pesquisadores, órgãos de classe internacionais sobre a imagem do contador, apontando consequências e impactos que os estereótipos podem ocasionar, tanto para os alunos que cursam contabilidade ou venham a cursar, como para os profissionais da área. Mas será que este fenômeno mundial, do contador estereotipado negativamente, apontado nas pesquisas internacionais, ocorre também no Brasil? Diante da nova realidade da contabilidade no país, com alterações importantes na legislação, na forma de atuar deste profissional, será que o contador é visto de forma estereotipada?

Neste sentido, esta pesquisa tem o objetivo de identificar a percepção de alunos e professores universitários, quanto às características deste profissional, funções desempenhadas, sua importância perante a sociedade. Portanto, a presente pesquisa propõe-se a buscar a resposta para o seguinte problema: **qual a percepção de estudantes e professores universitários acerca da profissão do contador?**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Analisar a percepção de estudantes e professores universitários acerca da profissão do contador.

1.2.2 Objetivos específicos

Para atingir o objetivo geral, os seguintes objetivos específicos foram abordados:

- identificar as características associadas à profissão do contador;
- investigar a percepção dos alunos dos cursos de contabilidade, administração, direito, engenharia de produção e jornalismo sobre as atribuições da profissão do contador;
- investigar a percepção dos professores dos cursos de contabilidade, administração, direito, engenharia de produção e jornalismo sobre as atribuições da profissão do contador;
- Comparar a percepção da profissão do contador entre os grupos analisados na pesquisa.

1.3 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Para Vicente e Machado (2010) a credibilidade e o desenvolvimento futuro da profissão contábil, dependem da correspondente imagem pública, portanto uma percepção equivocada e estereotipada negativamente pelo público em relação à contabilidade é prejudicial para o valor da profissão. É sabido que, a fim de atrair e reter os mais competentes e talentosos estudantes e profissionais, a profissão contábil carece de projetar uma imagem de confiança, respeitabilidade e

de oferecer desafios (AZEVEDO, 2010).

Para Azevedo (2010, p. 13), “se as pessoas não percebem a área de contabilidade como uma área que proporciona desafios para o desenvolvimento de habilidades e aprendizados, estas muito provavelmente evitarão obter esse tipo de formação”. Consta-se então que, para buscar criar uma boa imagem perante a sociedade, é necessária a divulgação das capacidades e potencialidades do profissional contábil. A falta de informação ou desinformação sobre o que é contabilidade, qual o papel dos contadores, faz com a contabilidade continue sendo um mistério para muitos (WELLS, 2010), o que pode contribuir para as percepções negativas do contador e da própria contabilidade.

Azevedo (2010) afirma que, na presença de estereótipos negativos, os indivíduos podem ser influenciados na avaliação de sua carreira futura com base em comparações com outras carreiras, levando-os a não optarem por esta área de formação ou ainda desejarem mudar de atuação profissional. Resultados semelhantes foram apontados por Albrecht e Sack (2000), em pesquisa na qual, profissionais e acadêmicos da área de contabilidade foram indagados quanto à escolha da profissão, se pudessem escolher novamente sua área de formação profissional, escolheriam contabilidade? A maioria respondeu que não, alegando como um dos motivos, o fato de a contabilidade ser vista como muito restrita e antiquada.

As consequências de uma percepção equivocada e estereotipada negativamente podem ocasionar prejuízos para o desenvolvimento de qualquer profissão, inclusive em relação ao próprio posicionamento na sociedade como profissional (STEELE, ARONSON, 1995; SCHLEE *et al.*; 2007).

No Brasil, o número de vagas oferecidas e o número de candidatos ao curso de contabilidade vem aumentando ano a ano, conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). No ano 2000, o número de vagas oferecidas era de 51.916, em 2011 este número passou para 131.320, representando um aumento de quase 153%. Em relação ao número de candidatos, no ano de 2000 eram 103.430, já em 2011 foram 248.918 interessados no curso.

Ainda de acordo com o INEP (2013), atualmente existem 1.070 cursos de bacharelado em Ciências Contábeis, sendo a maior parte criada entre os anos de 1995 e 2011. Esses dados revelam que, cada vez

mais estudantes estão optando pelo curso de contabilidade e mais cursos estão sendo abertos para comportar essa demanda, diferentemente do que tem se observado internacionalmente em relação ao declínio no número de matrículas no curso (AZEVEDO, 2010). De acordo com dados do Conselho Federal de Contabilidade (2013), o número de profissionais ativos nos conselhos regionais de contabilidade é de 484.598, entre contadores e técnicos. A região sul está em segundo lugar no país em número de profissionais, com 17,97%, só ficando atrás da região sudeste, que possui 51,69%. O Estado de Santa Catarina possui atualmente 19.440 profissionais ativos registrados.

Embora isso seja um fator positivo, o Brasil ainda carece de pesquisas sobre a imagem do contador ou da contabilidade, e como isto pode influenciar na demanda futura destes cursos. Identificar a percepção da profissão do contador pode contribuir para o desenvolvimento desta em vários sentidos. Essas informações podem ser utilizadas pelas instituições de ensino para adequar suas matrizes curriculares, no intuito de captar mais alunos que tenham o perfil para a profissão, incluindo em seus currículos conhecimentos, habilidades e atitudes apontadas como deficientes por esse profissional.

Os órgãos de classe, tais como os conselhos regionais de contabilidade, o próprio conselho Federal de Contabilidade, por sua vez, podem agir no sentido de melhorar a imagem profissional, inicialmente se preocupando em apresentar as ameaças à imagem, culminando no monitoramento da mesma, administrando os seus principais componentes, como confiabilidade do serviço, segurança nas informações prestadas aos clientes (MORAIS, 2007); e bem como desenvolver ações para melhorar a própria atividade, propiciando mais cursos de qualificação, atualização constante, contribuindo para o aprimoramento profissional. Para a própria classe, a divulgação de pesquisas desta natureza, pode levar os contadores a uma re-leitura de seu papel, forçando-os a se posicionarem como agentes transformadores, que contribuem para o desenvolvimento social e econômico da sociedade.

Além do mais, a contabilidade brasileira está passando por um momento especial, qual seja, a adoção das normas internacionais. Este processo de convergência vem exigindo grande esforço destes profissionais, e quem sabe possibilite um processo de mudança de

imagem, mostrando para a sociedade como o contador está cada vez mais envolvido no contexto social, econômico e, inclusive, político.

Para Mackie *et al.* (1996, p. 68), "uma compreensão da base de formação de estereótipos pode contribuir para a compreensão de como e quando as consequências negativas dos estereótipos podem ser eliminadas, bem como quando eles podem ter uma função positiva." Belski, Richmond e Brozovsky (2004) ainda destacam que a compreensão dessas diferenças de percepção podem ajudar na comercialização da profissão para o público em geral.

Azevedo (2010, p. 14) coloca que, "quando os estereótipos inibem a capacidade da profissão de representar fielmente seus membros e de atrair novos estudantes, torna-se necessário entender e combatê-los". Nessa perspectiva, é preciso aprofundar os estudos sobre estereótipos, tanto da contabilidade, quanto do profissional que a exerce.

1.4 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa está delimitada a percepção do estereótipo da profissão do contador pelos estudantes e professores dos cursos de contabilidade, administração, direito, engenharia de produção e jornalismo, o que acaba não permitindo generalizações.

1.5 ESTRUTURA DA PESQUISA

Além dos aspectos introdutórios já mencionados neste capítulo, o restante da pesquisa está estruturado da seguinte forma: o capítulo 2 apresenta o referencial teórico que fundamenta o tema discutido; o capítulo 3 trata dos aspectos metodológicos envolvidos para o atendimento dos objetivos da pesquisa; o capítulo 4 apresenta os resultados obtidos com o estudo; o capítulo 5 aborda as conclusões da pesquisa, assim como recomendações de trabalhos futuros; e, por fim são apresentadas as referências e apêndices utilizados neste trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ESTEREÓTIPOS: DEFINIÇÕES E FUNÇÕES

A compreensão das dinâmicas sociais, suas implicações bem como os aspectos fundamentais e as suas circunstâncias, são de interesse de todas as áreas das ciências sociais, tanto no aspecto teórico como prático/aplicado. Diversas são as abordagens e os modos para se investigar esses aspectos, mas, contemporaneamente, um modo destacado de se estudar este processo consiste na teoria dos estereótipos.

A teoria dos estereótipos pode ser diferenciada em quatro grupos, sendo que a perspectiva teórica utilizada neste trabalho é a individualista, ilustrada por meio da abordagem da cognição social, entendendo que os estereótipos sociais interferem no processamento das informações. Para Castañon (2010) as abordagens cognitivistas têm como objetivo, em geral, estudar e estabelecer as regras da transformação da informação e de como esta informação é expressa no comportamento do sujeito.

Estudiosos da cognição social acreditam que os estereótipos devem ser compreendidos como estruturas cognitivas capazes de intervir na forma pela qual a informação sobre os grupos e seus membros é processada e a ênfase está em apontar os mecanismos pelos quais cada indivíduo processa as informações, os estímulos e as experiências oriundas das relações humanas e que implicações podem ser percebidas dessa forma de se entender o contexto social.

Os estereótipos surgem do processo cognitivo de formar percepções sobre grupos de pessoas, normalmente envolvendo a atribuição de rótulos para estes grupos. Esses rótulos são chamados de estereótipos. Assim, estereótipo seria, de forma simples, a ideia sobre algo ou alguém, a imagem espontânea que surge na mente quando o indivíduo se depara com determinadas situações.

No sentido etimológico, o termo estereótipo tem origem grega, em que *stereos* significa rígido e *típos* significa traço. Inicialmente o termo foi utilizado como jargão tipográfico, referindo-se a um molde metálico, com caracteres fixos, utilizado para produzir uma mesma impressão milhares de vezes (PEREIRA, 2002; AZEVEDO, 2010).

Walter Lippmann foi um dos primeiros estudiosos a utilizar o termo na área das ciências sociais, em seu livro “*Public Opinion*” em

1922. Para Lippmann (1922), estereótipos são imagens armazenadas na mente, deitadas por indivíduos sobre objetos e pessoas de outros grupos. O autor menciona que os estereótipos surgem pela necessidade de simplificar o mundo, torná-lo mais compreensível do que realmente é, constituindo generalizações, nem sempre corretas, sobre eventos, grupos e categorias de pessoas. Desta forma, os estereótipos servem como mecanismo de categorização, armazenando dados sobre o item categorizado para posterior utilização.

A definição de Lippmann foi utilizada como referência até 1933, quando da publicação do trabalho de Katz e Braly (PEREIRA, 2002), o qual caracterizou-se como o primeiro estudo de natureza empírica sobre o assunto, e, para tanto, cem estudantes universitários americanos foram convidados a indicar os traços mais característicos de dez diferentes grupos sociais. O resultado foi a apresentação de um alto nível de consenso sobre as características de determinados grupos raciais e étnicos, como negros e judeus.

Pereira (2002) menciona que a definição do termo estereótipo sofreu várias alterações desde seu surgimento nas ciências sociais. Para o autor, apenas nos anos 80, de fato, os estereótipos foram definidos dentro de uma abordagem cognitivista, quando Hamilton e Trolier (1986) definiram que os estereótipos são estruturas cognitivas que contêm os conhecimentos, as crenças e expectativas percebidas sobre um grupo social humano.

Na década de 90, os estereótipos passaram a ser considerados crenças compartilhadas referentes aos atributos pessoais, especialmente a traços de personalidade e a comportamentos de um grupo de pessoas (LEYENS, YZERBYT, SCHADRON; 1994). Já na última década, Myers (2000) definiu estereótipos como crenças e percepções sobre atributos de um grupo, que, além das informações sobre esses atributos, apresenta também a extensão com que são compartilhados; para Hinton (2000) os estereótipos podem ser definidos como atribuições de características para uma pessoa, baseada em suas semelhanças com o grupo. Esse processo de aplicar um julgamento estereotipado chama-se estereotipização.

Os estereótipos mais comuns estão relacionados a aspectos raciais, culturais, de sexo e a observações de determinados grupos de pessoas. Pode-se citar alguns exemplos de estereótipos culturais e raciais: “todos os árabes e muçulmanos são terroristas”, “todos os judeus

são gananciosos”, “todos os africanos são bons na prática de esportes”; em relação ao sexo pode-se citar: “os homens são mais fortes que as mulheres”, “as mulheres não podem fazer um bom trabalho como um homem”, “as meninas não são boas em esportes”. Em relação aos estereótipos de determinados grupos, tem-se os exemplos: “as loiras são pouco inteligentes”, “as crianças não gostam de comida saudável”, “todos os góticos usam roupa preta, maquiagem preta e são deprimidos”, “todos os bibliotecários são mulheres, usam óculos, amarram o cabelo em formato de coque”, “as pessoas acima do peso são mais alegres”.

Os estereótipos são formados pelas percepções dos indivíduos em relação a um grupo de pessoas, agrupadas e, categorizadas, de acordo com uma série de características. Mas, por que categorizar as pessoas em grupos? Existem vários motivos de acordo com os pesquisadores. Maximiano (2004, p. 255) coloca que “Como a percepção de outros é complexa, a simplificação é um recurso por meio do qual apenas uns poucos traços do comportamento alheio são percebidos.” Assim, os estereótipos ocorrem quando utilizamos a nossa percepção sobre um grupo ou contexto para generalizar julgamentos em torno de indivíduos (ROBBINS, 2005), reduzindo a necessidade de cada indivíduo ser considerado separadamente.

Tajfel e Turner (1986) ainda sugerem que a categorização em grupos permite que os indivíduos possam construir uma imagem superior de seu próprio grupo social e aumentar a sua própria auto-estima, ou seja, as pessoas tendem a avaliar as pessoas de seu grupo de uma forma mais positiva em relação àquelas que não pertencem ao grupo.

Para Macrae, Milne, e Bodenhausen (1994) a motivação para o estereótipo esta no desejo de conservar os recursos mentais e surge devido à carga de informação cada vez maior com que os indivíduos estão lidando. Para os autores (1994, p. 37), os “Estereótipos, portanto, servem para simplificar a percepção, julgamento e ação. [...] poupam os percebedores a provação de responder quase incompreensivelmente a um mundo social complexo.” Bernardes (2003, p. 308) também concorda que, “Processar a informação social sem a ajuda de categorias resultaria numa sobrecarga de informação e, conseqüentemente, numa incapacidade de lidarmos eficazmente e eficientemente no nosso mundo social.”

Wells, Kearins e Hooper (2009) confirmam que esta seria uma vantagem do estereótipo, isto é, reduzir a carga de processamento de informação, em que os indivíduos não serão ignorados uma vez que já foram atribuídas características do grupo, contudo, aponta como desvantagem, o fato que o estereótipo resulta em perda de informação uma vez que não reconhece as diferenças individuais.

Para Stangor e Schaller (1996), as duas funções básicas de estereótipos podem ser categorizadas como epistêmica e auto-estima. A função epistêmica do estereótipo consiste em explicar e prever o mundo social, facilitando as informações úteis sobre os outros (OAKES; TURNER, 1990). Hinton (2000) coloca que os estereótipos fornecem explicações que as pessoas podem ficar felizes em aceitar. Para Friedman e Lyne (2001) essas categorias (estereótipos) trazem coerência e ordem para o nosso ambiente social.

Dessa forma, os estereótipos podem ser usados para explicar o comportamento das pessoas baseado nas categorias em que elas estão inseridas ou para prever, de acordo com o comportamento do indivíduo, a qual categoria ele pertence.

Essa função de contribuir para a compreensão do mundo ocorre, de acordo com Hinton (2000), pelo julgamento das pessoas acontecer não de uma forma individualista, mas sim como membros de uma determinada categoria. O uso de categorias também permite que uma pessoa se identifique com as características de determinado grupo em detrimento de outro, levando-a a um grau de pertencimento a este grupo.

Por sua vez, a função de auto-estima dos estereótipos atua de forma que os indivíduos se sintam bem consigo mesmos e com os grupos a que pertencem (TURNER, 1988). Com isso, as pessoas tendem a se identificar com os grupos aos quais pertencem, geralmente avaliando o próprio grupo de uma forma mais positiva, favorecendo a preservação da auto-estima. Como consequência desse sentimento tem-se a diferenciação dos grupos em endogrupo (*ingroup*) e exogrupo (*outgroup*) (TURNER, 1988), em que haverá um claro favorecimento do próprio grupo (endogrupo) em relação aos membros que não pertencem ao grupo (exogrupo). Ou seja, o fato de a categorização social criar diferentes grupos também cria um conceito de identidade social, um sentimento de pertença a determinado grupo social. Para Pereira (2002), o uso dessa estratégia ocasiona uma homogeneização dos membros do endogrupo, sendo minimizadas as diferenças entre eles e, maximizada as

diferenças entre os grupos (endogrupo e exogrupo), em que os membros do exogrupo passam a ser tratados de forma bastante diferente dos membros do endogrupo.

Assim, sempre que houver um confronto entre endogrupo e exogrupo, os membros do endogrupo tendem a serem avaliados de forma mais positiva quando comparados aos membros do exogrupo. Isso está baseado na ideia de que as pessoas, em geral, mantêm contatos mais intensos com os membros do próprio grupo, há uma relação mais complexa, o que exige, num momento de julgamento de uma situação, uma cuidadosa avaliação entre os aspectos positivos e negativos. Ao contrário dos membros do exogrupo, o contato é reduzido, o que ocasiona uma relação menos complexa, levando a uma menor alocação de recursos cognitivos para o julgamento, propiciando julgamentos mais extremados (STEPHEN, 1985).

2.2 FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS ESTEREÓTIPOS

A formação e a forma como são organizados os estereótipos podem ocorrer por múltiplos processos, como a maioria dos fenômenos psicológicos sociais (MACKIE *et al.*, 1996; PEREIRA, 2002).

Mackie *et al.* (1996) sugerem que os estereótipos podem ser formados pelos processos cognitivo, afetivo, socio-motivacional e cultural, que agem no ambiente social e que os mesmos podem sofrer influência de cada um desses processos, individualmente ou de forma combinada. Para Stangor (2000) a combinação dessas influências faz com que os estereótipos se confirmem facilmente e se tornem resistentes a mudanças.

O processo cognitivo se inicia quando os indivíduos são categorizados em grupos, ou seja, seu início envolve a identificação de duas ou mais pessoas, como um grupo que é diferente e separado de outros grupos (WELLS, 2010). Primeiramente, devemos entender que o sistema cognitivo, responsável pelo processamento da informação, está sujeito a determinados limites. Como o ambiente social é complexo, apresentando diversos estímulos ao percebedor, a tarefa de processar cada estímulo presente no ambiente acarretaria um desgaste muito grande neste sistema. Dessa forma, selecionando uma pequena parcela destes estímulos, ou seja, simplificando a percepção que se tem do ambiente social, a informação pode ser processada de forma mais rápida

e simples, reduzindo a carga de processamento da informação. Assim, quando vários indivíduos são agrupados de acordo com uma série de características, diminui a necessidade de cada um ser considerado separadamente (PENDRY; MACRAE, 1994).

Além da economia no sistema cognitivo, o uso de categorias também permite que o percebido faça inferências sobre o indivíduo que está sendo-lhe categorizado, sendo atribuídas características em virtude de adesão a determinado grupo, mesmo na ausência da constatação empírica dessas características. Para Wells (2010) a atribuição de características tem o efeito de reforçar os benefícios de diferenciar o próprio grupo de outros grupos.

Friedman e Lyne (2001) descrevem, em seu trabalho, que alguns pesquisadores sugerem que os estereótipos são necessários devido a nossa limitada capacidade para lidar com dados complexos. Todavia, tratando-se de um processo inevitável, muitas vezes os estereótipos resultam em erro de supergeneralização e exagero (TAJFEL, 1969; HAMILTON, 1981; FRIEDMAN, LYNE, 2001; WELLS, 2010), o que pode trazer consequências significativas quando os mesmos são consensualmente compartilhados, afetando, de uma forma geral, grupos inteiros de pessoas (STANGOR; SCHALLER, 1996).

Cabe ressaltar, que o processo de categorização exerce um papel importante na formação dos estereótipos, contudo categorizar não é o mesmo que estereotipar. Pereira (2002) coloca que, diferentemente do processo de categorização, o elemento decisivo na formação dos estereótipos é a tendência a realizar inferências acerca dos atributos dos indivíduos que pertencem ao grupo observado.

O processo afetivo por sua vez está relacionado às experiências afetivas resultantes das interações com os grupos. Para Pereira (2002), a interação com determinados grupos, com os quais se tem pouco ou quase nenhum contato pode gerar afetos negativos, e mesmo ocorrendo uma série de encontros desta natureza, a familiaridade não gera afetos positivos, pois o encontro intergrupar foi, inicialmente, marcado pelo sentimento de desconforto, assim tais afetos tornam-se associados ao grupo percebido. Diante disso, más experiências com indivíduos de determinados grupos leva o observador a concluir que o grupo inteiro é ruim, sem ser necessária a presença de qualquer membro do grupo para disparar a reação afetiva.

Pereira (2002) ainda coloca que o desenvolvimento de atitudes positivas em relação a determinado grupo pode ser favorecido pela simples exposição a um determinado estímulo, um grupo social. Essa opinião é partilhada por Wells, Kearins e Hooper (2009), que descrevem que uma reação afetiva é sempre uma resposta instintiva a estímulos.

Para Pereira (2002, p. 153) chega-se a conclusão de que, como desde muito cedo as pessoas se encontram expostas aos membros do próprio grupo, podemos imaginar que os estereótipos positivos a respeito do ingroup são favorecidos prontamente devido à mera exposição aos indivíduos do próprio meio social.

O mecanismo sociomotivacional tem o papel de identificar a posição relativa dos grupos. Para Mackie *et al.* (1996), esse mecanismo é o fator chave no desenvolvimento dos estereótipos. Tajfel e Turner (1979), baseados na teoria da identidade social, acreditam que os indivíduos são motivados a manterem uma identidade social positiva dos grupos a que pertencem, pois isso favorece a sua própria auto-estima. Outra tendência é utilizar os estereótipos para manter o *status* do grupo (JOST; BANAJI, 1994), em que aspectos positivos são atribuídos ao endogrupo e negativos para o exogrupo, mantendo as diferenças entre eles.

Dentre os mecanismos associados à formação e ao desenvolvimento dos estereótipos, ressaltam-se os mecanismos culturais. Para Wells (2010), os estereótipos culturais são socialmente transmitidos e aprendidos; sendo os familiares, amigos e os meios de comunicação os transmissores mais poderosos.

Atualmente, os meios de comunicação de massa têm um papel central na difusão dos estereótipos. “A presença dos estereótipos no discurso midiático pode colaborar para seu impacto e permanência” (BIROLI, 2011). Para a autora, sendo a relação do mundo mediada por imagens produzidas e difundidas em escala industrial, a fusão entre o mundo com o qual temos contato diretamente e o mundo que conhecemos pela mídia, cria nossas referências.

Para Pereira (2002) os estereótipos são produtos da interação social, transmitidos de geração em geração, por meio de contatos diretos entre os diversos agentes sociais, bem como pelos meios de comunicação, que criam e reforçam esses estereótipos, sendo capazes de modificar as impressões sobre os grupos em vários sentidos.

A representação de informações sobre um grupo social dentro de memória pode ocorrer sobre três abordagens (WELLS, 2010): os esquemas de grupos, protótipos e modelos baseados em exemplares. De acordo com Stangor e Schaller (1996), cada abordagem apresenta diferentes hipóteses sobre como as crenças do grupo são representadas e se enquadra em um nível diferente de especificidade.

Os esquemas de grupo são estruturas de conhecimento abstratas que especificam os atributos definidores relevantes ou as características de um grupo social (WELLS, 2010). Para Pereira (2002), um esquema de grupo significa o conjunto das crenças de alguém a respeito das características prováveis de membros de determinado grupo. “Reconhece-se que a existência de um esquema sobre um grupo social é suficiente para influenciar a percepção que se tem sobre os membros deste grupo.” (PEREIRA, 2002, p. 110).

Esses esquemas são fáceis de assimilar, armazenar e ativar e, portanto, facilmente influenciam nos julgamentos dos outros indivíduos, permitindo inferências a respeito de informações indisponíveis e indicando “roteiros” comportamentais a serem usados, a depender da circunstância (STANGOR, SCHALLER, 1996; PEREIRA, 2002).

Nesse sentido, os esquemas permitem emitir prontamente uma análise do comportamento dos outros indivíduos; eles categorizam os sujeitos de forma mais ampla, pela generalização, portanto, tendem à falta de especificidade, desencorajando o observador a subclassificar as características dos mesmos. Por exemplo, observemos o esquema de um bibliotecário, como demonstrado na Figura 1.

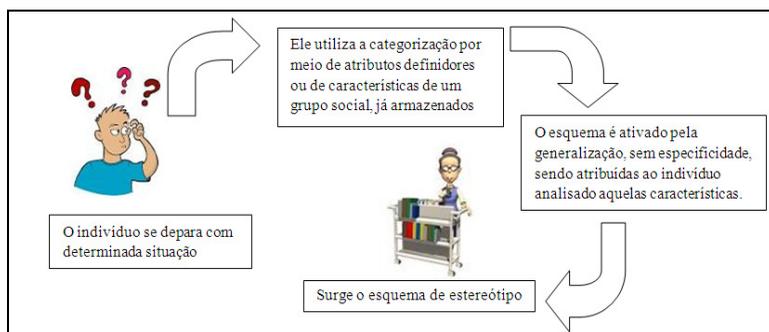


Figura 1 – Esquema de estereótipo do bibliotecário

Fonte: Elaborado pela autora.

Quando pensamos neste indivíduo, logo lhe atribuímos características generalizadas do grupo: normalmente do sexo feminino, meia idade, usa óculos e coque no cabelo, roupas conservadoras. Hinton (2000) coloca que os esquemas facilitam a vida das pessoas, sendo assim, quando alguém necessita de algum serviço prestado por este profissional (bibliotecário), busca um indivíduo que se encaixe neste esquema de estereótipo, muitas vezes resolvendo rapidamente o seu problema e com pouco esforço.

Outra abordagem trata dos estereótipos como protótipos. Estes são semelhantes aos esquemas do grupo, exceto por existirem em um nível mais baixo e mais específico de representação; eles estão ligados às propriedades ou características mais importantes dos esquemas, fornecendo descrições detalhadas e específicas. Pereira (2002) define protótipo como uma representação abstrata das características típicas e não de todos os fatores de uma categoria. Para Stangor e Schaller (1996, p. 8), protótipos são "representações mentais que consistem de um conjunto de associações entre rótulos de grupo."

Podemos citar como exemplo, o protótipo de uma cadeira. A Figura 2 demonstra o protótipo de uma cadeira.

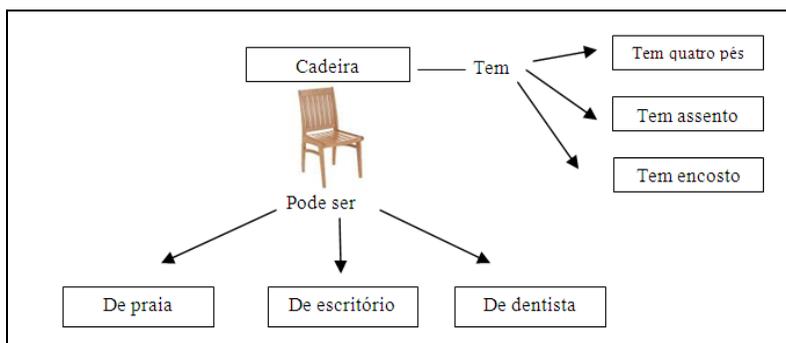


Figura 2 – Protótipo de uma cadeira
Fonte: Adaptado de Amoretti (2001)

O protótipo é uma subcategoria de referência, na qual a combinação de características típicas cria a ideia de melhor exemplar de um grupo. Dessa forma, a ideia do protótipo permite ao sujeito, mediante a identificação das características típicas de várias categorias, a construção mental do melhor exemplar, e assim, quando ele encontrar

um novo objeto, ele poderá compará-lo com o protótipo que tem armazenado na memória (AMORETTI, 2001).

Quando se pensa em uma cadeira, atribuí-se algumas características a este item, como a presença de um encosto, não possuir braços, possuir quatro pés. Dessa forma, o protótipo de cadeira, pode permitir que novos objetos possam ser identificados e classificados como cadeira, baseados na ideia do signo cadeira (AMORETTI, 2001). Assim, quando o indivíduo for exposto a algo semelhante a uma cadeira, o mesmo acionará o protótipo existente, o melhor exemplar de uma cadeira.

A terceira e última abordagem para a representação cognitiva de um grupo social se dá através do uso de modelos de exemplares. Além das representações abstratas dos grupos sociais, as pessoas também comprometem a memória com encontros específicos com os indivíduos.

Segundo essa ótica, a representação que se tem de pessoas reais pertencentes aos grupos estereotipados influencia o conteúdo do estereótipo (PEREIRA, 2002). Para o autor, os modelos abstratos – esquemas de grupo e protótipos - supõem a presença de um conjunto de representações de características típicas do objeto, sendo essas formadas nas experiências com exemplares do grupo ou na aprendizagem com agentes externos, como família, amigos, professores, mídia; enquanto os modelos baseados em exemplares supõem a existência de representações arquivadas na memória independentemente para cada um dos exemplares. Um exemplo seria quando somos solicitados a refletir sobre professores. A tendência, neste exemplo, é evocar membros específicos desta categoria, professores com os quais tivemos contato, levando em consideração as representações armazenadas na memória para concebermos o estereótipo do professor.

Pereira (2002) dispõe que, no caso dos modelos baseados em exemplares, a percepção do estereótipo do objeto não ocorre por uma representação abstrata, e sim por um conjunto de exemplares evocados através da mera exposição ao objeto. O autor acredita que esses modelos surgem como uma tentativa de lidar com fatores como a diversificação dos subtipos encontrados nos grupos, a percepção da variabilidade grupal e a influência de variáveis contextuais para a aplicação dos estereótipos, o que não ocorre nos modelos abstratos. Stangor e Shaller (1996) acreditam que esta abordagem torna mais fácil o processo de representação da variabilidade intragrupal na memória.

2.3 CONSEQUÊNCIAS DOS ESTEREÓTIPOS

Os estereótipos podem ser considerados como uma “faca de dois gumes” (BERNARDES, 2003). Isto é, ao mesmo tempo em que eles ajudam os indivíduos a lidarem com o complexo mundo social, os estereótipos podem ter consequências nefastas, principalmente pelo fato de não respeitarem as diferenças individuais do sujeito objeto de estereotipização. Hobbins (2005) acredita que o perigo dos estereótipos é que, como são populares, são comumente aceitos e fazem com que muitas pessoas tenham percepções equivocadas sobre um grupo quando baseado em falsas premissas.

De acordo com Stangor (2000), os estereótipos podem gerar pelo menos quatro importantes consequências: discriminação, acentuação perceptiva, favoritismo do grupo e profecias autorrealizáveis.

A discriminação pode ser definida por comportamentos negativos ou mesmo agressiva em relação a sujeitos, motivados pelo simples fato destes pertencerem à determinada categoria social (PEREIRA, 2002). Bernardes (2003) cita um exemplo de discriminação, em que um desconhecido é considerado perigoso simplesmente por pertencer ao grupo social dos negros.

A acentuação perceptiva trata da situação nas quais indivíduos do mesmo grupo são percebidos de maneira mais semelhantes do que realmente são, gerando uma homogenia no grupo, enquanto que os membros de outros grupos sociais são vistos como mais diferentes do que realmente são (FORD; STANGOR, 1992). Isso ocorre principalmente pelo fato de que, se o indivíduo quer se perceber positivamente, ele generaliza isso para os demais participantes do grupo, criando um sentimento de identidade social e auto-estima positiva. Este fato também favorece a ideia de favoritismo do grupo, em que os membros do grupo são sempre vistos de maneira mais positiva do que membros não pertencentes ao grupo (TAJFEL, 1981; PEREIRA, 2002). Desse modo, para que o indivíduo tenha uma ideia positiva de si mesmo, faz-se necessário valorizar cada vez mais o grupo o qual pertence, destacando este como melhor do que outros (TAJFEL, 1981; SCANDROGLIO, MARTÍNEZ, SEBASTIAN, 2008).

Outra consequência importante do estereótipo é a profecia autorrealizável. O que isso significa? Significa dizer que quando um

indivíduo se comporta de maneira semelhante à crença originalmente errônea, ele confirma o estereótipo existente (WELLS, 2010). Word, Zanna e Cooper (1974) colocam que os estereótipos possuem uma dinâmica natural, que faz com que os sujeitos se comportem da forma correspondente à imagem que se construiu sobre eles.

Assim, o indivíduo observador desenvolve percepções equivocadas, as quais influenciam a forma como os indivíduos alvo são tratados, e estes, por sua vez, como meio de reagirem ao comportamento do observador, acabam confirmando a expectativa inicial (JUSSIM, 1986; STANGOR, 2000). Para Pereira (2002, p. 161) “[...] as profecias auto-realizadoras contribuem de forma decisiva para a manutenção dos estereótipos.”

Para Wells (2010) as consequências de estereotipar os grupos, dado que os estereótipos são muitas vezes negativos e imprecisos, consistem na contribuição para a polarização e o preconceito em contextos importantes. Word, Zanna e Cooper (1974) destacam que, uma vez incluído em uma categoria estereotipada, dificilmente se tem a chance de refletir e re-avaliar a posição desse sujeito.

2.4 MECANISMOS PARA SUPRESSÃO, REDUÇÃO E MODIFICAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS

Para Pereira (2002), o processo de mudança de um estereótipo é muito lento e trabalhoso, requer um alto grau de motivação e dispêndio de uma representativa parcela de esforços por parte do percebido. Muitos autores concordam que suprimir, ou eliminar os estereótipos não é tarefa simples (MACRAE, MILNE, BODENHAUSEN, 1994; PEREIRA, 2002; BERNARDES, 2003).

Como retratado, muitas vezes os estereótipos estão associados a conceitos negativos, sendo muitas vezes a base causal na manifestação dos preconceitos e na eliciação de comportamentos discriminatórios. (PEREIRA, 2002). Para Bodenhausen e Macrae (1996), esses vieses e preconceitos tendem a levar a uma consciência pública da injustiça social dos estereótipos e, com isso, a uma maior cautela nas avaliações baseadas em estereótipos. Para que a ativação e o uso dos estereótipos sejam evitados, é necessário que os indivíduos consigam controlar seus pensamentos estereotípicos (BERNARDES, 2003).

Esse mecanismo de supressão dos estereótipos exige um monitoramento constante dos processos de pensamento e uma reação quando os pensamentos estereotipados são ativados; e isso requer um esforço mental significativo, que será menos provável de ocorrer se houver recursos cognitivos insuficientes (DEVINE, 1989).

Contudo, o que pesquisas apontaram foi que a tentativa de evitar um pensamento indesejado pode resultar na hiperacessibilidade desse pensamento (WEGNER, ERBER, 1992; MACRAE, MILNE, BODENHAUSEN, 1994), ou seja, quanto mais o indivíduo tentar evitar este pensamento, mais este fica acessível na mente.

Bernardes (2003) coloca que os resultados encontrados no trabalho de Macrae, Milne e Bodenhausen (1994) sugerem que uma vez suprimidos os pensamentos estereotípicos, estes retornam à consciência e têm um impacto nas avaliações e nos comportamentos dos indivíduos em relação a outros grupos sociais, ou seja, ocorre um efeito de ricochete dos pensamentos estereotípicos. Para a autora, torna-se evidente que a supressão de estereótipos é um processo complexo e, aparentemente, determinado e influenciado por diversos fatores.

Em relação à modificação do conteúdo dos estereótipos, Pereira (2002) sugere que, como estes não são inatos, ou seja, são adquiridos no curso da vida, eles podem vir a sofrer modificações com o passar do tempo. Contudo, observa-se que, essa mudança é um processo difícil, pois os estereótipos recebem apoio, através do discurso interpessoal, dos canais de socialização, tais como pais, escolas, e, principalmente, dos canais de comunicação de massa (HEWSTONE, 1996; MAASS, ARCURI, 1996; FRIEDMAN, LYNE, 2001; WELLS, 2010).

Algumas intervenções podem levar à alteração dos estereótipos, uma delas é a mudança de atitude em relação a uma categoria social. Pereira (2002) menciona o fato de dois grupos, que se percebem de uma forma estereotipada, estabelecerem algum tipo de contato; nesse caso, o resultado esperado é uma redução na visão estereotipada mantida mutuamente pelos indivíduos dos dois grupos. Assim, com a passagem do tempo, a intensificação de contatos e o conseqüente acréscimo no grau de conhecimento a respeito dos indivíduos dos outros grupos, podem vir a provocar mudanças significativas nas crenças estereotipadas (PEREIRA, 2002). Outra forma seria a reconstrução das barreiras da categoria. Nesse caso, um único exemplar de determinado grupo pode ser suficiente para alterar inteiramente a forma como o

percebedor categoriza os membros do grupo alvo. Ou seja, as características deste exemplar são tão marcantes e diferentes do que foi previamente percebido, contradizendo de forma nítida o estereótipo armazenado, que o sujeito é levado a um processo de conversão do estereótipo. (PEREIRA, 2002) Hewstone (1996) também sugere que o aumento do contato com o grupo alvo do estereótipo resultará na melhoria das relações com esse grupo, embora Allport (1954) afirme ser necessária uma série de condições para que esse contato seja bem sucedido, pois, em condições não apropriadas, pode, ao contrário, aumentar o preconceito e os estereótipos.

Pereira (2002) ainda destaca outro mecanismo de mudança nos estereótipos: o efeito de diluição. Para o autor, a adoção de um estereótipo impõe que se faça um julgamento sobre o outro indivíduo. Diante desse julgamento, o percebedor pode optar por utilizar as informações presentes no momento exato de fazer o julgamento, em vez de utilizar os conteúdos disponíveis na memória sobre o grupo social a que ele pertence. Para Pereira (2002), esse efeito é decorrente, sobretudo, do entendimento de que a generalização exagerada não é uma estratégia socialmente desejável, sendo que, quando um sujeito é tratado individualmente, este não deve sofrer um processo de estereotipização.

2.5 ESTEREÓTIPO DO CONTADOR

Muitos estudos vem sendo realizados para examinar a imagem pública dos contadores, descrevendo as percepções que as pessoas têm tanto desses profissionais quanto da contabilidade, a partir de diferentes perspectivas. Dimnik e Felton (2006) apontam que o profissional contábil é o que mais tem se preocupado com a imagem pública nos últimos anos. Os autores colocam que, durante anos, os contadores têm agonizado com a imagem de uma pessoa chata, pouco atraente, forçados a se defender contra acusações de irrelevância, se esforçando para reforçar sua reputação de competência e integridade, situação já alertada, muito antes, por Holland (1973), quando afirmou que a profissão contábil mais do que qualquer outra, travava batalhas com os remanescentes de um estereótipo negativo poderoso.

Em relação à profissão, as percepções encontradas apontam que o trabalho do contador envolve atividades repetitivas, chatas, e, principalmente, ligadas a cálculos e tributos. (MIRANDA; MIRANDA;

ARAUJO, 2012). Essas percepções negativas sobre o profissional contábil começaram a ser expostas com as alegações de Stacey (1958), de que o contador era retratado em romances e poesias de forma pouco lisonjeira. Estudos posteriores mantiveram o pressuposto de que o estereótipo do contador era negativo, sendo tratado como chato, submisso, despreparado, sem criatividade, desinteressante (BEARDLSEE; O'DOWD, 1962; DECOSTER, RHODE, 1971; COBBS, 1976; ARANYA *et al.*, 1978; CORY, 1992).

Mais de quarenta anos depois, essas percepções parecem estar inalteradas (PARKER, 2000; FRIEDMAN, LYNE, 2001; HUNT; FALGIANI, INTRIERI, 2004; HOOPER, KEARINS, WELLS, 2009). Enis (1998) refere que isso pode ser consequência das percepções da contabilidade e dos contadores, por consistirem de um conjunto complexo de imagens técnicas e pessoais entrelaçadas, que diferem entre os grupos de observadores.

Para Bougen (1994), essa percepção negativa persiste devido à complexidade da imagem do contador, a qual é derivada da interdependência entre a contabilidade e a escrita fiscal e a indefinição das características pessoais e de contabilidade em si. O autor ainda sugere que, historicamente, os contadores estiveram dispostos a aceitar a imagem negativa em relação à profissão, pois isso lhes permitiu maior credibilidade com o público. Para Brass (2004), os contadores são culpados dos equívocos do estereótipo negativo, já que nunca tentaram corrigir a imagem de escriturador fiscal.

Outro motivo alegado por vários autores é a falta de clareza, por parte do público, sobre o que é a profissão, quais são as atividades exercidas pelo profissional contábil (COBBS, 1976; MCMURDY, 1997; HAZELL, 1998; SMITH, BRIGGS, 1999; PARKER, 2000). Acreditam esses autores que a linguagem utilizada por contadores é adotada como uma forma de confundir o público e mantê-lo no escuro sobre o que é contabilidade. Albrecht e Sack (2000) também concordam que há desinformação ou falta de informação sobre o que é contabilidade e sobre que funções são exercidas pelos contadores.

Se, em parte, a forma como as pessoas são vistas determina como elas são tratadas, supõe-se que a percepção dos contadores ou da própria contabilidade é influenciada pela ausência de informações.

Apesar de as mudanças no ambiente de negócios terem ocasionado uma transformação significativa no papel do contador

(HOPWOOD, 1994; ALBRECHT, SACK, 2000; PARKER, 2000), essas percepções negativas continuam inalteradas (PARKER, 2000; COATE, MITSCHOW, SCHINSKI, 2003; BYRNE; WILLIS, 2005). A sombra do estereótipo do contador ainda permanece terrivelmente sobre a consciência pública. (JEACLE, 2008).

O estereótipo perpetuado é de contadores vistos como fazendo trabalho chato, tedioso, monótono e de processamento de números (ALBRECHT, SACK, 2000). Jeacle (2008, p. 1298) ainda afirma que, a “imagem dominante continua a ser essencialmente a de desajustado socialmente.”

Por outro lado, há também estudos que sugerem a existência de alguns aspectos positivos na imagem dos contadores, apresentando características como honesto, confiável, preciso (BOUGEN, 1994; FRIEDMAN, LYNE, 2001; FELTON; DIMNIK, BAY, 2007; JEACLE, 2008; CARNEGIE, NAPIER, 2010).

Contudo, os diversos estudos citados sugerem que é impossível catalogar a imagem dos contabilistas de forma simples, em positiva ou em negativa, não alcançando, de fato, apenas um estereótipo da profissão (DIMNIK, FELTON, 2006). Os autores colocam que os estereótipos do contador podem variar de acordo com o grupo que é inquirido para expressar opinião. Para Vicente e Machado (2010, p. 6) “A catalogação depende do grupo social que é solicitado para facultar a sua opinião, da própria natureza do trabalho do contabilista e, ainda, do fato do trabalho contabilístico se aproximar ou não da escrituração e registro”.

Além dos estudos realizados para analisar a percepção da imagem do contador, a partir da visão de diferentes grupos, tais como de estudantes universitários, alunos do ensino médio, outros profissionais, professores, clientes, o estereótipo do contador foi também analisado no cinema, em jornais, livros e anúncios de propaganda.

As pesquisas realizadas com estudantes do ensino médio em vários países, apontaram que a maior parte desconhece o que é a contabilidade ou mesmo sabem quais são as funções de um contador. A profissão é vista como chata, desinteressante, maçante, metódica, de baixo *status* em relação a outras profissões. Então pergunta-se: qual seria a consequência desta percepção para a contabilidade? Jeacle (2008) acredita que esta representação negativa é bastante prejudicial, e o efeito desse estereótipo recai fortemente sobre o futuro recrutamento

profissional. Para Wells (2010) diante desta imagem negativa a contabilidade pode deixar de atrair jovens com habilidades e capacidades necessárias para a profissão, opinião compartilhada por Albu, Albu e Girmina (2011), que colocam que os estereótipos acabam afetando o processo de escolha da carreira bem como o processo acadêmico como um todo (ALBU; ALBU; GIRMINA, 2011).

Holland (1973) ainda ressalta que, muitas vezes, são os estereótipos profissionais que formam a base para as decisões sobre que carreira o indivíduo deve seguir. Desse modo, “Se esta visão é estereotipada negativamente pelos estudantes, pode acarretar na decisão precipitada de cursar outra formação em carreiras relacionadas, ao desconsiderar simplesmente a possibilidade de cursar contabilidade” (AZEVEDO, 2010, p. 7)

A falta de nitidez quanto às funções do contador e da própria contabilidade faz com que os estudantes tenham uma imagem que não revela propriamente a realidade (PARKER, 2000; SMITH, BRIGGS, 1999). Hiroshi (1998) comenta que outros cursos, como medicina, economia, engenharia, química, conseguem chamar a atenção para suas áreas, mostrando seus novos “produtos”, suas curiosidades, ao contrário do que acontece com a contabilidade.

As pesquisas com estudantes universitários também apontaram um estereótipo negativo do contador. A profissão é considerada monótona, repetitiva, sem criatividade, sem interação com as pessoas, cujo profissional trabalha essencialmente com números. Essas percepções podem, igualmente, ter consequências graves para a próxima geração de contabilistas, já que, como resultado, a profissão pode deixar de recrutar os melhores e mais brilhantes alunos (SMITH; BRIGGS, 1999). Para os jovens, a reputação de uma profissão como maçante e chata, atua como um forte desincentivo para seguir esta carreira, principalmente para os melhores alunos (FRIEDMAN; LYNE, 2001). Isso, de fato, reforça a ideia de que a percepção de que estudantes detêm sobre um determinado curso é fator preponderante na escolha de suas carreiras profissionais (AZEVEDO; CORNACHIONE JUNIOR; CASA NOVA, 2008).

Bedeian *et al.* (1986) propõem que uma imagem inadequada poderia, injustamente, criar preconceito contra a profissão em indivíduos para a qual fossem adequados. Da mesma forma, Usoff e Feldman (1998) afirmam que as percepções imprecisas da profissão

poderão, ainda, levar ao recrutamento de estudantes sem as habilidades e capacidades necessárias para desempenharem as funções exigidas de contadores. Nesse sentido, como consequência, a percepção da contabilidade e do contador se caracteriza como autorrealizável. (FRIEDMAN; LYNE, 2001; PEREIRA, 2002)

Saemann e Crooker (1999) evidenciaram que, com as mudanças no ambiente de negócios, outras competências e habilidades têm sido exigidas dos indivíduos, tais como: criatividade, intuição, habilidades com pessoas, facilidade de comunicação. Contudo, Parker (2000) coloca que a imagem do contador tradicional, “*beancounter*” é o oposto, uma vez que está relacionada com o trabalho metódico, repetitivo, sem criatividade, de difícil relacionamento com as pessoas.

Albrecht e Sack (2000) acreditam que as universidades têm um papel importante a desempenhar na mudança dessa imagem, sugerindo que é preciso haver mudanças nos currículos, na forma mecanicista de ensinar contabilidade, além de promover o desenvolvimento de outras competências, que se esperam dos contadores. Jackling e DeLange (2009), em sua pesquisa, constataram uma evidente lacuna entre as competências dos alunos e as expectativas dos empregadores em termos de habilidades de equipe, liderança, comunicação e habilidades interpessoais, ressaltando que o mercado exige um profissional diferente do que está sendo formado nas universidades.

Nos Estados Unidos, o declínio das matrículas em programas de contabilidade foi apontado em vários estudos (ALBRECHT; SACK, 2000; ANDERSEN, 1989; FELTON, BHUR, NORTHEY; 1994; HERMANSON *et al.*, 1996; SCHLEE *et al.*, 2007), demonstrando que a profissão foi se tornando menos atraente para os alunos ao longo dos anos. Azevedo (2010) também menciona este fato como uma fonte mundial de preocupação de acadêmicos e de profissionais. Para Albrecht e Sack (2000) um dos fatores deste declínio é que, atualmente, os estudantes têm muito mais alternativas atraentes de carreira do que no passado, e, se as pessoas não enxergarem a contabilidade como uma área que proporciona desafios para o desenvolvimento de habilidades e aprendizados, elas, muito provavelmente, evitarão seguir este tipo de formação (AZEVEDO, 2010). No Quadro 1 estão evidenciadas algumas pesquisas realizadas com estudantes do ensino médio e universitários e, apontados os resultados encontrados.

Quadro 1 – Pesquisas realizadas com estudantes

Autores/Ano	Resultados
Aranya <i>et al.</i> (1978)	A maioria dos alunos de contabilidade mostrou interesses vocacionais nos negócios, sendo considerado como contido, comprometido com obrigações e valores da sociedade; enquanto os alunos de psicologia expressam interesse por áreas voltadas para arte, entretenimento e cultura em geral.
Imada, Fletcher e Dalessio (1980)	Os alunos percebem o contador como mais interessado em gestão de negócios, atividades que envolvam trabalho detalhado e baixo nível de desgaste, enquanto entrevistadores e contadores o percebem como aventureiro, extrovertido, com vasta gama de interesses.
Cory (1992)	A imagem do contador comparada com a do advogado, banqueiro e gerente de <i>marketing</i> , não é na sua totalidade negativa.
Fischer e Murphy (1995)	Estudantes de outros cursos demonstraram antipatia pela profissão, considerando-a como tediosa, que causa aborrecimentos e forte sugestão de práticas anti-éticas; quanto aos alunos de contabilidade, estes reconheceram as atitudes negativas em relação à profissão, contudo mostraram-se comprometidos com a carreira, e acreditando que contabilidade é algo interessante de estudar e que a profissão tem <i>status</i> elevado.
Saemann e Croocker (1999)	As percepções tradicionais da profissão, como precisão, conformidade com normas, e planejamento, desencorajam os indivíduos mais criativos de buscarem o curso de contabilidade.
Michael e Levas (2003)	Os estudantes de outros cursos da área de negócios interpretaram o estereótipo do contador como alguém conservador, retraído e com dificuldades de desenvolver trabalho em grupo.
Marriott e Marriott (2003)	A atitude dos alunos foi mais positiva no início do curso e caiu significativamente no final. No final do curso, os estudantes consideraram a profissão menos respeitada, menos interessante e a perspectiva de ser empregado como contador menos agradável.
Coleman, Kreuze, e	Os autores entrevistaram estudantes de negócios em suas percepções da profissão contábil

Langsam (2004)	após marcantes escândalos como o caso Enron. Os resultados mostraram que os alunos não pensam em mudar a escolha da carreira em função dos problemas ocorridos.
Byrne e Willis (2005)	Os alunos irlandeses do ensino secundário possuem visão tradicional, considerando que o contador chato, preciso, com extrema observância das normas.
Sugahara, Kurihara e Boland (2006)	Os alunos japoneses da área de negócios demonstraram acreditar que é uma carreira predominantemente masculina; os profissionais são pouco criativos; a formação exige muito tempo e esforço nos estudos.
Diptyana e Djuwari (2007)	Alunos da Indonésia consideram personalidade dominante do contador como investigativa (crítico, complexo, analítico, introvertido, metódico, racional, reservado) e convencional (prático, eficiente, sem imaginação, obediente, metuculoso).
Schlee <i>et al.</i> (2007)	Os estudantes apresentaram os contadores como habilidosos com números, nada criativos, introvertidos, não sabem trabalhar em equipe, detalhistas, organizados.
Azevedo, Cornachione Júnior e Casa Nova (2008)	Diferenças significativas relativamente à percepção sobre o curso de contabilidade para os fatores relativos à ambição, propensão ao risco, independência, orientação a pessoas, nível de estudo, trabalho em equipe, flexibilidade, nível de estudo, liderança, sendo que, para esses fatores a percepção dos estudantes dos outros cursos foi significativamente mais negativa do que a percepção dos estudantes de contabilidade.
Haynes, Briggs e Copeland (2008)	Verificou se os alunos de contabilidade mostravam as mesmas preferências de personalidade, tanto no trabalho quanto no lazer. O resultado foi que o comportamento era diferente. O que levou os autores a concluírem que uma compreensão do tipo de personalidade em várias situações pode ajudar os contadores a exporem essas características, que muitas vezes são exigidas para a mudança da profissão estereotipada.
Wells, Kearins e Hoopers (2009)	Profissão comum, onde tem que ter habilidades com números, é detalhista, repetitivo, formal, chato, rígido.
Germanou, Hassall e	Alunos da Malásia e da Inglaterra concordaram com as oportunidades de trabalho,

Tournas (2009)	progressão na carreira, a natureza interessante do trabalho do contador; consideraram o trabalho estressante, cumpridor de normas e prazos rígidos. Os ingleses perceberam o trabalho mais associado a benefícios econômicos, realização e contribuição para o bem-estar da sociedade. Já os malásios consideraram como uma profissão de oportunidades para segurança do emprego
Malthus e Fowler (2009)	Os alunos da Nova Zelândia têm uma ideia errada do que o contador faz, e adotam o estereótipo que o contador é chato e maçante.
Jackling, DeLange e Philips (2010)	Verificou se as percepções dos alunos de contabilidade, nascidos na Austrália, eram diferentes dos alunos estrangeiros em relação à profissão do contador. Os estrangeiros perceberam de forma muito mais estereotipada, como profissionais que seguem regras fixas, ficam isolados, não interagem com outras pessoas, trabalham com números.
Coutinho e Silva e Silva (2012)	Os estudantes participantes da análise não tinham uma visão tradicional do contador, considerando-o interessante, desafiador, atrativo.
Miranda, Miranda e Araujo (2012)	Os alunos não conheciam alguns aspectos relevantes da profissão; os contadores foram considerados éticos; e não há grande desvalorização da profissão comparada com outras.
Leal <i>et al.</i> (2012)	A imagem não é negativa em nenhuma das variáveis: criatividade, dedicação aos estudos, trabalho em equipe, comunicação, liderança, propensão ao risco e ética..
Baxter e Kavanagh (2012)	Os alunos australianos do primeiro ano do curso ainda tinham uma visão do contador tradicional, percebia o trabalho do contador como chato, definitivo, maçante e preciso.

Fonte: Elaborado pela autora

Nas pesquisas realizadas com alunos do ensino médio, muitas evidenciaram que os professores influenciam de maneira significativa a escolha da carreira profissional (GALLUP, 1991; HARDIN, O'BRYAN, QUIRIN, 2004; BYRNE, WILLIS, 2005; WELLS, FIGER, 2006). Para Hardin, O'Bryan e Quirin (2004), os educadores do ensino médio têm uma opinião relativamente baixa sobre contabilidade em comparação com outras carreiras, como uma opção de carreira para estudantes desse nível de ensino.

Para Smith e Briggs (1999), o profissional contábil faz muito pouco para mudar essa percepção, de modo que uma lacuna é criada entre a expectativa do que esperamos de contadores e realidade observada. Para esses autores, se não ocorrer uma ação buscando mudança da imagem da contabilidade, esta pode vir a ser considerada como uma profissão de segunda classe, sem importância.

No Quadro 2 estão evidenciadas algumas pesquisas realizadas com professores e os resultados observados.

O estereótipo do contador e da contabilidade também foi abordado pelos meios de comunicação. Pesquisas apontam que essas fontes têm exercido influência significativa para a difusão e propagação do estereótipo do contador para a sociedade (SMITH, BRIGGS, 1999; BYRNE, WILLIS, 2005; WELLS, FIEGER, 2006; MALTHUS, FOWLER, 2009; PEKDEMIR, PEKDEMIR, 2010; SAMKIN, 2010; EVANS, FRASER, 2012). Para Samkin (2010), os meios de comunicação têm sido usados para uma representação estereotipada do contador e da própria contabilidade.

Para Carnigie e Napier (2010), a percepção da sociedade sobre a legitimidade da profissão contábil e sobre seus membros se baseia nas imagens verbais e visuais dos contabilistas, projetadas não só pelos contadores em si, mas também pelos meios de comunicação.

Para Dimnik e Felton (2006) a representação de uma imagem na cultura popular pode ter um impacto significativo sobre qualquer grupo social, já que ajuda a estabelecer e reforçar estereótipos do grupo, servindo tanto como um espelho difundindo amplamente a percepção pública, quanto como uma lente para moldar crenças sociais.

Quadro 2 – Pesquisas realizadas com professores

Autores/Ano	Resultados
Pollock, Papiernik e Slaubaugh (2002)	Os respondentes perceberam a carreira como desinteressante, estressante, demorada, não gratificante financeiramente.
Hardin, O'Bryan e Quirin (2004)	A profissão de contador foi vista como menos interessante, menos <i>status</i> , de menos interação com pessoas, menor qualidade de vida, pouco comunicativo em relação às outras profissões.
Wells e Fieger (2006)	Os professores não vêem a contabilidade como possibilidade de carreira quando comparadas com as outras profissões; é menos interessante e desafiador.
Sugahara, Kurihara e Boland (2006)	A carreira de contador foi apontada como rotineira, baixo <i>status</i> social, profissionais que não sabem interagir com pessoas, são pouco comunicativos, ganham menos que profissionais de medicina e direito, contudo são vistos de forma mais positiva do que os da engenharia.
Pekdemir e Pekdemir (2010)	Uma parte notável dos entrevistados não tinha opinião clara sobre a profissão contábil, resultando em uma percepção negativa.
Albu, Albu e Girbina (2011)	O trabalho procurou investigar na Romênia, se a academia preparava contadores de acordo com os estereótipos existentes ou se assumia um papel ativo na melhoria da imagem dos contabilistas na sociedade e na preparação dos alunos de acordo com as tendências esperadas na profissão. Os resultados sugeriram que cabe à academia desempenhar o papel de preparar os contadores para o futuro, informando os gestores e o público sobre o papel mais moderno do contador, que podem gerir mudanças e melhorias nas empresas.

Fonte: Elaborado pela autora

Diversos estudos buscaram analisar a imagem do contador retratada nos filmes. Cory (1992) concluiu que a imagem popular do contador era a de um homem de meia-idade, calvo, chato, covarde. Holt (1994) relata que os contadores têm sido geralmente retratados como brancos, subordinados, dedicados, educados e gostam de trabalhar com números. Smith e Briggs (1999) apontam que a visão do estereótipo do contador tem se transformado de chato para não profissional e criminoso.

Esse estereótipo é reforçado por outros meios de comunicação, como livros, propagandas, novelas, músicas, jornais, ilustrando assim que a profissão contábil está enfrentando um grande desafio em termos de como está sua imagem em relação ao público. (SMITH; JACOBS, 2011)

Em resumo, não existe um único estereótipo - em vez disso, a imagem do contador é considerada complexa (BEARD, 1994; FRIEDMAN, LYNE, 2001; HOFFJAN 2004; DIMNIK, FELTON, 2006). Enquanto alguns estudos atribuem algumas características positivas para contadores, traços negativos parecem prevalecer em outros. Características positivas e negativas também competem na percepção do público (DECOSTNER; RHODE, 1971).

Para Evans e Fraser (2012) a complexidade do estereótipo pode decorrer do fato de que a profissão contábil, tradicionalmente tenha fomentado o estereótipo do contador tradicional, que cuida da escrituração das contas, cujas conotações, muitas vezes, são negativas, sendo visto como conservador, apático, chato; embora isso também sirva para inspirar confiança, uma vez que eles também foram associados à precisão, competência e honestidade (BOUGEN, 1994; DIMNIK, FELTON, 2006). Mais recentemente, a profissão parece ter promovido os aspectos mais interessantes de seu trabalho, minimizando o estereótipo existente, ou pelo menos tentando camuflá-lo (JEACLE, 2008).

No Quadro 3 são apresentados alguns trabalhos envolvendo os estereótipos do contador em filmes e músicas. No Quadro 4, são apresentados trabalhos analisando a percepção da imagem do contador em jornais, revistas e anúncios de propaganda.

Quadro 3 – Pesquisas realizadas em filmes e músicas

Autores/Ano	Resultados
Beard (1994)	Analisou 16 filmes, onde os contadores aparecem como desajustados, submissos, sem imaginação, subordinados, antissociais, que podem ser substituídos por máquinas, respeitoso às leis, organizado, rígido.
Smith e Briggs (1999)	Analisaram 24 filmes produzidos entre 1954 e 1997, o contador foi visto como chato, sem imaginação, tímido, facilmente dominado, envolvido em fraudes.
Dimnik e Felton (2006)	Existe um popular estereótipo calculista, vilão, ganancioso, maçante, personalidade limitada, mas também identificaram estereótipos simpáticos como íntegro, honesto, ético, preciso.
Felton, Dimnik e Bay (2007)	Analisaram 22 características pessoais do contador em 110 filmes, o contador foi tratado como maçante, chato, tedioso, honesto, íntegro.
Smith e Jacobs (2011)	Na música a imagem do contador é como facilitador de posições de riqueza e privilégio, autores de fraudes e enganosa, abusa de sua posição de confiança. E a contabilidade foi apontada como um servo do capitalismo, símbolo de <i>status</i> que pode ser comprado.

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 4 – Pesquisas realizadas em jornais, livros e anúncios de propaganda

Autores/Ano	Resultados
Stacey (1958)	Na literatura o contador é considerado chato, maçante, preso ao computador, habilidoso com cálculos.
DeCoster e Rhode (1971)	Em jornais a imagem da profissão do contador é de chato, seco, homem de meia idade, frio, distante e impessoal.
Bougen (1994)	O estudo buscou a forma como o estereótipo do contador é construído dentro do discurso de humor. Foram retratados como sem graça, conservadores, chatos, usando óculos, meticulosos, sem capacidade criativa, honestos, íntegros.

Friedman e Lyne (2001)	A pesquisa explorou como a palavra “ <i>beancounter</i> ” tem sido utilizada como um estereótipo do contador, em jornais e revistas publicados entre 1970 e 1995. Os resultados apontaram que as nuances negativas prevalecem sobre as positivas, principalmente considerando o contador como uma pessoa chata, limitada, que não consegue alcançar seus objetivos, metódico, que não entende o negócio.
Hoffjan (2004)	Ficou evidenciada nas propagandas a questão ética do trabalho do contador, a visão de um profissional leal, organizado, inflexível, sem criatividade, passivo e sem humor.
Jeacle (2008)	Examinou a literatura de recrutamento de 4 grandes empresas de contabilidade e 6 institutos profissionais para desvendar as técnicas implantadas para camuflar o espectro do estereótipo da profissão, a qual se apresentou como atraente, divertida, para pessoas jovens, aventureira, vida social agitada.
Baldvinsdottir <i>et al.</i> (2009)	Investigaram a imagem dos contadores nos discursos usados em <i>softwares</i> profissionais publicados nas entre os anos de 1970 e 2000. Os resultados apontam que inicialmente a imagem era de um contador responsável, racional, objetivo; na década de 90 passaram a aventureiros, ousados, orientados para ação, menos racionais; e na última década um contador inteligente, que utiliza ferramentas para fazer seu trabalho, sem exigir muito esforço.
Carnegie e Napier (2010)	Este trabalho examinou como os contadores e a contabilidade são retratados em livros escritos para o público em geral. As características evidenciadas foram honesto e confiável, cuidadoso com o dinheiro, metuculoso, educado, maçante, chato, obcecados por dinheiro.
Evans e Fraser (2012)	Retrataram o estereótipo da contabilidade e do profissional escocês nos romances policiais, e encontraram que o contador é considerado sem graça, conservador, maçante, mas também é preciso, competente, honesto, confiável e a contabilidade com a potencial função de combater a corrupção.

Fonte: Elaborado pela autora

Algumas pesquisas procuraram identificar também as percepções de usuários das informações geradas pela contabilidade. Wells (2010) revelou em sua pesquisa entendimentos imprecisos expressos por destinatários dos serviços contábeis sobre a contabilidade e a própria profissão. Foram citadas algumas funções que não pertenciam ao contador, enquanto algumas tipicamente realizadas por esses profissionais foram ignoradas. A maioria dos participantes percebeu o papel do contador envolvido na preparação de declarações de impostos, demonstrando que o conhecimento desses usuários é bastante limitado.

Hooper, Kearins e Wells (2009) sugerem que, para remover o mistério percebido a partir do papel dos contadores, é necessário, não somente explicar exatamente as tarefas desempenhadas por um contador, mas também como e por que elas são realizadas. Nesse sentido, ao traçar o perfil do papel do contabilista desta forma deverá se demonstrar a ligação entre a informação produzida por um contador e sua contribuição para o desempenho de uma entidade. (HOOPER; KEARINS; WELLS, 2009)

No Quadro 5, apresentam-se os resultados de alguns trabalhos envolvendo usuários da informação contábil.

Carnegie e Napier (2010, p. 360) acreditam que “A compreensão das imagens externas de contabilidade e dos contadores é importante para a apreciação dos papéis de contabilidade em um contexto social mais amplo”. Para West (2001, p. 24), “Há muito trabalho a ser feito no desenvolvimento de uma melhor compreensão do estereótipo da contabilidade, sua origem e evolução, sua validade e suas consequências.”

Azevedo (2010) argumenta que a profissão contábil carece de projetar uma imagem de confiança, de respeitabilidade e capaz de oferecer desafios, recompensas e perspectivas, a fim de atrair e reter os estudantes e profissionais mais talentosos e competentes.

Quadro 5 – Pesquisas realizadas com grupos específicos

Autores/Ano	Resultados
Friedman e Lyne (1997)	O trabalho identificou a percepção de gerentes operacionais de 11 empresas a respeito dos contadores. Os mesmos foram vistos como contadores tradicionais, chatos, maçantes, que produzem informações com pouca utilidade.
Vaivio e Kokko (2006)	Entrevistaram <i>controllers</i> finlandeses para examinar se o conceito de <i>beancounter</i> ainda era válido. Chegaram à conclusão de que estes não são vistos como contadores tradicionais, são organizados, críticos, atentos as mudanças e ao mercado, estão envolvidos em redes sociais.
Hooper, Kearins e Wells (2009)	Os entrevistados, em geral, percebem o papel do contador como cumpridor de normas e obrigações, chato, controlador de custos e medidas de desempenho, que não tem uma visão ampla dos fatos.
Azevedo e Cornachione Júnior (2012)	Identificaram por meio de pesquisa de campo que os profissionais de contabilidade não são negativamente estereotipados no que tange a sua ética profissional.

Fonte: Elaborado pela autora

3 METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Esta pesquisa caracteriza-se como teórico-empírica e, no que compete aos objetivos, é classificada como exploratório-descritiva, visto que o objetivo geral consiste em analisar a percepção da imagem do contador por parte de estudantes e professores universitários. Para Triviños (2006, p. 110), “O estudo descritivo pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade”. Quanto ao estudo exploratório, Richardson (1999) explica que, em investigações dessa natureza, a pesquisa não se realiza somente no intuito de conhecer o tipo de relação existente, mas, sobretudo, para descobrir relações entre os fenômenos.

Quanto ao delineamento da pesquisa, caracteriza-se como do tipo levantamento ou *survey* e pesquisa bibliográfica. Para Gil (1999), as pesquisas do tipo levantamento caracterizam-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se almeja conhecer. Quanto à pesquisa bibliográfica, Oliveira (2002, p. 119) destaca que ela tem como finalidade “[...] conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno”. Por meio da pesquisa bibliográfica foram encontrados estudos similares, que possibilitaram identificar os estereótipos do contador relacionados na literatura.

No que se refere à abordagem do problema, esta pesquisa é considerada de natureza quali-quantitativa (predominantemente quantitativa), por tratar-se da identificação da percepção da profissão do contador e pelo tratamento quantitativo dado a esta percepção. Para Richardson (1999), a abordagem quantitativa caracteriza-se pelo emprego de quantificação tanto na coleta de informações, como no tratamento destas por meio de técnicas estatísticas.

3.2 SELEÇÃO DA AMOSTRA

A população definida para esta pesquisa compõe-se de estudantes e professores universitários dos cursos de contabilidade, administração, direito, engenharia de produção e jornalismo de duas universidades, uma pública e outra privada, localizadas no Estado de Santa Catarina. Para a

realização desta pesquisa, optou-se por uma amostra não probabilística do tipo intencional. Assim, a delimitação desta população foi feita em função do período ou da fase em que o estudante se encontrava, sendo que foram selecionadas apenas turmas das últimas duas fases do curso (7 e 8 fase ou 9 e 10 fase para alguns cursos).

O curso de engenharia da produção não obteve respostas suficientes por parte dos professores, contudo não foi excluído da pesquisa por apresentar um número considerável de respostas por parte dos alunos.

A amostra da pesquisa foi composta por 461 estudantes e 102 professores. O Quadro 6 evidencia a composição da população desta pesquisa.

Quadro 6 – Composição da população

Curso	Quantidade de respondentes	
	Estudantes	Professores
Contabilidade	132	35
Administração	91	21
Direito	155	31
Engenharia da Produção	31	-
Jornalismo	52	15
Total	461	102

Fonte: Elaborado pela autora

Analisando separadamente os grupos, 266 respondentes do grupo estudantes são do sexo feminino (58%) enquanto 195 são do sexo masculino (42%). Já os respondentes do grupo professores foram 41 são do sexo feminino (40%) e 61 do masculino (60%).

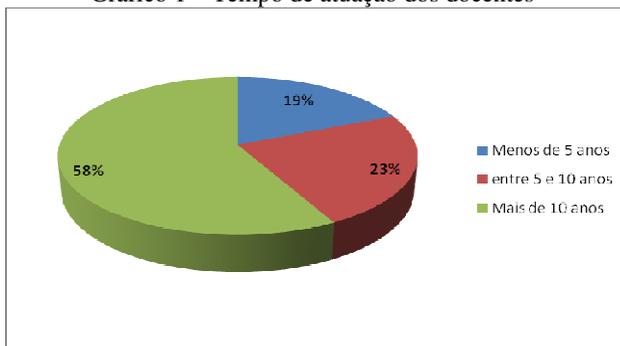
A idade dos respondentes é evidenciada na Tabela 1, sendo que 31,37% dos respondentes do grupo professores encontram-se na faixa etária entre 36 e 45 anos e, do grupo estudantes, 74,62% dos respondentes tem até 25 anos de idade.

Faixa etária	Professores		Estudantes	
	Respondentes	Percentual	Respondentes	Percentual
até 25 anos	2	1,96%	344	74,62%
de 26 a 35 anos	20	19,61%	92	19,96%
de 36 a 45 anos	32	31,37%	19	4,12%
de 46 a 55 anos	29	28,43%	4	0,87%
de 56 a 65 anos	17	16,67%	2	0,43%
de 66 a 75 anos	2	1,96%	-	-
Total	102	100%	461	100%

Tabela 1 – Faixa etária dos respondentes
Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Em relação ao grupo de professores foi questionada a esfera de atuação. Verificou-se que 54% dos docentes atuam na esfera privada. Em relação ao tempo de docência dos respondentes, destaca-se 58% dos respondentes atuam como docentes por mais de 10 anos, conforme demonstrado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Tempo de atuação dos docentes



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

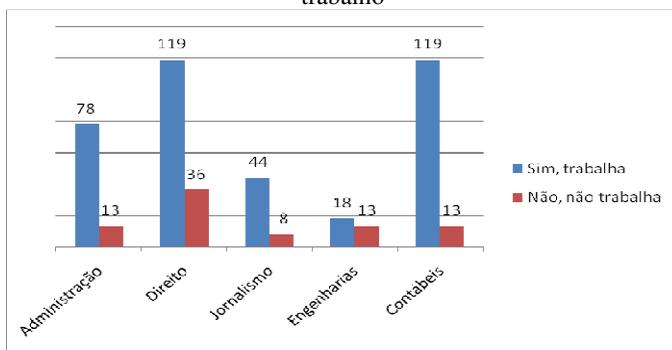
Dos professores pesquisados, procurou-se também saber se os mesmos dedicavam-se exclusivamente para a docência, 53% afirmaram que sim, que seu tempo era dedicado exclusivamente para a docência.

Sobre o grupo dos estudantes, constatou-se que 82% dos respondentes já atuam no mercado de trabalho, sendo que, dos estudantes do curso de contabilidade 66% dos respondentes já atuam na

área. Constatou-se também que 94% dos estudantes respondentes estão realizando o primeiro curso de graduação.

O Gráfico 2 demonstra o número de respondentes de cada curso que já atuam no mercado de trabalho.

Gráfico 2 – Número de respondentes por curso que atuam no mercado de trabalho



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados deu-se por meio da aplicação de questionário, que teve como escopo central obter a percepção dos indivíduos pesquisados sobre a imagem da profissão do contador. Dessa forma, o questionário foi dividido em dois blocos: (i) perfil do respondente; e (ii) percepção da profissão do contador. O número de questões variou de acordo com o grupo aplicado. O questionário aplicado aos estudantes de contabilidade continha 8 questões (Apêndice A), enquanto o questionário aplicado aos dos demais cursos continham 7 questões (Apêndice B). O questionário aplicado aos professores do curso de contabilidade continha 8 questões (Apêndice C), enquanto os aplicados aos professores dos demais cursos 6 questões (Apêndice D). A diferença em relação à quantidade de questões foram questionamentos direcionados para o curso de contabilidade, com questões específicas para esses respondentes.

O instrumento utilizado teve como base o questionário desenvolvido por Saemann e Crooker (1999), adaptado e ajustado para esta pesquisa com o objetivo de mensurar a percepção da profissão

contábil. Para tanto valeu-se da escala de diferencial semântico, utilizando 28 pares de adjetivos representando visões opostas. Esses pares foram divididos em quatro categorias de análise, sendo: estrutura, precisão, isolamento e interesse. Para Matsukuma e Hernandez (2006), a escala de diferencial semântico é uma escala bipolar, em que os respondentes optam por sua resposta sabendo que, quanto mais próximo de um dos extremos, mais o objeto que está sendo avaliado se encontra próximo àquele extremo.

Para a utilização do questionário mencionado, foram necessárias algumas adaptações também nos termos utilizados, levando em consideração que cada conceito depende de aspectos culturais e da estrutura linguística da população na qual será aplicado (GUSKY, 1997). Desta forma, o questionário revisado ficou com 33 pares de adjetivos bipolares para medir a percepção sobre a profissão do contador nas dimensões estrutura, precisão, isolamento e interesse. O apêndice E demonstra como os pares foram divididos de acordo com cada categoria.

Os aspectos positivos e negativos dos pares foram dispostos, no questionário, de forma aleatória, sem reservar exclusivamente nenhum lado da escala para um único aspecto, evitando, assim, que o respondente assinalasse apenas um lado.

O questionário utilizou uma escala de diferencial semântico de 5 pontos, sendo considerado a pontuação 1 e 2 como desfavorável, 4 e 5 como favorável e 3 como posição neutra. Como os aspectos negativos e positivos foram distribuídos nos dois lados da escala, para análise foi utilizada a escala reversa.

A aplicação do questionário foi precedida de um pré-teste, realizado com duas turmas de estudantes e cinco professores do curso de contabilidade, com o intuito de verificar o nível de compreensão das questões, sendo que, na necessidade de ajustes, estes foram realizados. O questionário final foi aplicado entre os meses de novembro e dezembro de 2012. Com o grupo de estudantes, foi aplicado diretamente em sala de aula, e com o grupo dos professores, por meio de formulário *on line*, disponibilizado por meio de *link*.

Nesta pesquisa, para analisar a confiabilidade do instrumento de coleta de dados, utilizou-se o coeficiente Alfa de Cronbach. Apresentado por Lee J. Cronbach, em 1951, como um meio de estimar a confiabilidade de um questionário aplicado em uma pesquisa. O alfa mede a correlação entre as respostas a um questionário por meio da

análise do perfil das respostas dadas pelos respondentes (HORA, MONTEIRO, ARICA; 2010). Trata-se de uma correlação média entre perguntas. Segundo Trochim (2002), a consistência interna refere-se ao grau com que os itens do questionário estão correlacionados entre si e com o resultado geral da pesquisa, o que representa uma mensuração da confiabilidade do mesmo. O valor encontrado do Alfa de Cronbach foi de 0,817. Freitas e Rodrigues (2005) dispõem que ainda não há um consenso entre os pesquisadores acerca da interpretação da confiabilidade de um questionário, obtida a partir do valor deste coeficiente, contudo, em geral, considera-se satisfatório um instrumento de pesquisa com $\alpha \geq 0,70$.

3.4 FORMULAÇÃO DAS HIPÓTESES

A fim de identificar algumas características que poderiam explicar a percepção dos estudantes e professores universitários sobre a profissão do contador foram formuladas algumas hipóteses de pesquisa. Estas hipóteses e suas justificativas teóricas são apresentadas a seguir.

3.4.1 Diferença de percepção entre endogrupo e exogrupo

Uma das funções dos estereótipos apresentadas por Turner (1988) é a função de auto-estima. Esta consiste de forma que os indivíduos se sintam bem consigo mesmos e com os grupos a que pertencem. Desta forma, as pessoas tendem a se identificar de forma mais positiva com os grupos as quais pertencem e menos positiva com os grupos as quais elas não fazem parte. Como consequência, tem-se a diferenciação dos grupos em endogrupo e exogrupo, onde haverá um claro favorecimento do próprio grupo (endogrupo) em relação aos demais grupos (exogrupo). Isto está baseado na ideia de que os indivíduos, em geral, mantêm contatos mais intensos com os membros do próprio grupo, o que acaba exigindo uma cuidadosa avaliação dos aspectos positivos e negativos no momento de julgamento de uma situação. Esta situação já não ocorre com os membros não participantes, ou seja, membros do exogrupo, onde o contato é reduzido, o que leva no momento de julgamento, uma menor alocação de recursos cognitivos, desta forma ocasionando julgamentos mais extremados (STEPHEN, 1985).

Desta forma, algumas hipóteses foram criadas:

H1 - Não há diferença entre professores do curso de contabilidade e professores dos demais cursos em relação à percepção da imagem do contador;

H2 - Não há diferença entre estudantes de contabilidade e estudantes dos demais cursos em relação à percepção da imagem do contador;

H3 - Não há diferença entre estudantes e professores dos demais cursos em relação à percepção da imagem do contador;

3.4.2 Teoria da Identidade Social

Tajfel e Turner (1979), baseados na teoria da identidade social, acreditam que os indivíduos são motivados a manterem uma identidade social positiva dos grupos a que pertencem. Desta forma, atribuindo aspectos positivos aos membros do grupo, ele se sente bem por fazer parte do mesmo, contribuindo para sua auto-estima. Jost e Banaji (1994) também acreditam que este favor leva a manter o *status* do grupo, onde os aspectos positivos são atribuídos aos endogrupo e os negativos ao exogrupo. Desta forma:

H4 - Não há diferença entre estudantes e professores do curso de contabilidade em relação à percepção da imagem do contador;

3.4.3 Processo afetivo e mecanismos culturais

O processo afetivo está relacionado às experiências afetivas resultantes das interações entre os grupos (endogrupo e exogrupo). Para Pereira (2002) a interação com determinados grupos pode gerar afetos negativos, principalmente com os quais se tem pouco ou quase nenhum contato. Hewstone (1996), afirma que a maior exposição ao sujeito alvo do estereótipo pode levar à mudança de percepção. Claro que essa exposição ou maior contato, não garante que a mudança ocorra no sentido positivo, tudo dependerá da forma como esta relação acontece, mas a teoria parte do pressuposto que a mudança é favorável.

Pereira (2002) também coloca que os estereótipos são produtos da interação social, transmitidos pelos diversos agentes sociais, como família, professores, ambiente de trabalho, bem como pelos meios de comunicação. Assim os indivíduos são influenciados por estes referentes

dos estereótipos, assumindo os mesmos como modelos pessoais. Desta forma as seguintes hipóteses foram criadas:

H5 - Não há diferença entre estudantes que já atuam na área de contabilidade e aqueles que não atuam ou não trabalham, em relação à percepção da imagem do contador;

H6 - Não há diferença entre estudantes que atuam no mercado de trabalho e aqueles que ainda não atuam, em relação à percepção da imagem do contador.

H7 - Não há diferença entre professores e estudantes que utilizam serviços contábeis e aqueles que não o utilizam, em relação à percepção da imagem do contador;

3.5 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados através dos questionários foram transferidos para o *software* estatístico SPSS®, versão 19, em que foram realizadas as análises estatísticas utilizadas na pesquisa.

Além da estatística descritiva, foi empregado também o teste não paramétrico Qui-Quadrado. O teste foi realizado admitindo-se um nível de significância de 5%. Em relação às frequências esperadas nas celas, o teste Qui-Quadrado não deverá ser utilizado se houver qualquer frequência esperada inferior a 1 ou se mais de 20% das frequências esperadas forem menores que 5 (SIEGEL; CASTELLAN JR., 2008), sendo este o limite considerado nesta pesquisa.

Para a utilização do Qui-Quadrado foi feita a redução de categorias, onde a escala de 5 pontos foi transformada em 3 pontos, onde as respostas 1 e 2 passaram a ser consideradas como 1, ou seja, aspecto negativo; a resposta 3 passou a ser consideradas como 2, neutra; e as respostas 4 e 5 passaram a ser consideradas como 3, aspecto positivo.

Para determinar se as características apontadas pelos respondentes na escala de diferencial semântico eram favoráveis, desfavoráveis ou nulas em relação à profissão do contador, foi considerada a média das respostas de cada item, conforme explicado no Quadro 7. O mesmo critério foi adotado para analisar as categorias estrutura, precisão, isolamento e interesse.

Quadro 7 – Cálculo da média

Média encontrada	Situação
Entre 1,00 e 2,33	Desfavorável/Negativa
Entre 2,34 e 3,65	Neutra
Entre 3,66 e 5	Favorável/Positiva

Fonte: Elaborado pela autora

Também foram utilizados os mapas perceptuais construídos pela técnica de Análise de Correspondência (ANACOR), a qual que se baseia nos resultados do teste Qui-Quadrado. Para Fávero *et al.* (2009, p. 272) a ANACOR “é uma técnica que exhibe as associações entre um conjunto de variáveis categóricas não métricas em um mapa perceptual, permitindo, desta maneira, um exame visual de qualquer padrão ou estrutura nos dados”.

Para tratamento das questões abertas foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo. De acordo com Moraes (1999) trata-se de uma metodologia de pesquisa que descreve e interpreta o conteúdo de toda classe de documentos e textos, o que conduz a descrições sistemáticas, ajudando a reinterpretar as mensagens e a alcançar uma compreensão mais ampla de seu significado, num nível que vai além da leitura comum.

4 ANÁLISE E RESULTADOS DA PESQUISA

4.1 PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES

Primeiramente foi analisada a percepção dos professores sobre os quesitos apontados como mais favoráveis ou menos favoráveis sobre a profissão do contador de acordo com a lista de 33 pares de adjetivos, lembrando que, para o item ser considerado favorável, sua média deveria transitar entre 3,66 e 5 e, por sua vez, para ser considerado desfavorável, o item deveria apresentar média entre 1 e 2,33, conforme anteriormente explicado, na metodologia do trabalho. Os itens que apresentaram valores entre 2,33 e 3,66 foram considerados neutros, portanto não foram aqui evidenciados. O Quadro 8 evidencia as diferenças encontradas entre os professores de cada curso.

Quadro 8 – Diferenças encontradas nos aspectos favoráveis e desfavoráveis entre os professores de cada curso

Cursos			
	Contábeis	Administração	Jornalismo
Aspectos favoráveis	Analítico Interessante Atrativo Fascinante	Não apresentou	Não apresentou
Aspectos desfavoráveis	Não apresentou	Soluções pré-determinadas Estático Orientado para números	Repetitivo Complexo Lento Introvertido Prático Tedioso Monótono Fixo

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Nota-se que os respondentes do curso de direito não apresentaram adjetivos diferentes em relação aos apontados pelos respondentes dos outros grupos. Em relação aos aspectos favoráveis, os professores dos cursos de administração e jornalismo não apresentaram nenhum aspecto

diferenciado entre os professores dos outros cursos. Os professores do curso de contabilidade apontaram alguns adjetivos que não foram mencionados pelos demais professores, ressaltando-se o item “Interessante”, que apresentou uma média de 4,23, com desvio padrão de 1,06, o que indica que, aproximadamente, 90% das respostas concentraram-se entre 3 e 5.

Em relação aos aspectos desfavoráveis, os professores dos cursos de administração e jornalismo apontaram os adjetivos “lento”, com média de 2,20 e desvio padrão de 0,86; “introvertido”, com média de 1,93 e desvio padrão de 0,80; “monótono”, com média 2,00 e desvio padrão 1,00; “soluções pré-determinadas”, com média 2,28 e desvio padrão de 0,90.

O Quadro 9 demonstra a concordância de opinião de professores de dois ou mais cursos em relação aos aspectos favoráveis e desfavoráveis. Nos aspectos favoráveis as médias mais altas foram encontradas nos adjetivos “preciso”, com 4,67 e desvio padrão de 0,49, pelos professores do curso de jornalismo; os professores do curso de direito elegeram o adjetivo “exato”, com média de 4,32 e desvio padrão de 0,94; para os professores do curso de administração foi o termo “usa a lógica”, com média de 4,19 e desvio padrão de 0,87. Os professores do curso de contabilidade também consideraram o termo “usa a lógica”, com a média de 4,00 e desvio padrão de 0,80, sendo que o termo “concreto” também atingiu uma média alta, 3,97, com desvio padrão de 0,89. Esses resultados demonstram que a profissão é vista como muito precisa, sem ambiguidades, com uma visão muito detalhista e exata.

Nos aspectos desfavoráveis destacam-se “metódico”, apontado pelos professores do curso de jornalismo com média de 1,27 e desvio padrão de 0,80, também sendo representativo para os professores do curso de contabilidade, apresentando média de 1,94 e desvio padrão de 1,03. O termo “estruturado” também foi mencionado pelos professores do curso de administração com média de 1,67 e desvio padrão de 0,73; “planejado” foi apontado pelos professores do curso de direito e jornalismo, com média 1,93 e desvio padrão de 1,23, e média de 1,40 e desvio padrão de 0,83, respectivamente. Esses resultados demonstram que a profissão é vista de forma muito estruturada, inflexível e metódica.

Quadro 9 - Semelhanças encontradas nos aspectos favoráveis e desfavoráveis entre os professores de cada curso

Cursos				
	Contábeis	Administração	Direito	Jornalismo
Aspectos favoráveis	Concreto	Exato	Exato	Exato
	Usa a lógica	Concreto	Concreto	Concreto
	Preciso	Usa a lógica	Usa a lógica	Usa a lógica
	Completo	Preciso	Preciso	Preciso
Aspectos desfavoráveis	Planejado	Regras estabelecidas	Submissão às normas	Regras estabelecidas
	Metódico	Estruturado	Conservador	Estruturado
		Submissão às normas	Factual	Submissão às normas
		Conservador	Planejado	Conservador
		Factual	Metódico	Factual
		Planejado	Matemático	Planejado
		Metódico	Padrões uniformes	Metódico
		Matemático		Matemático
	Rotina		Padrões uniformes	
			Rotina	

Conforme observado na literatura, os indivíduos são categorizados em grupos de acordo com uma série de características. Essa categorização cria um sentimento de diferenciação em relação ao grupo que o indivíduo pertence e os outros grupos, onde a tendência é sempre o favorecimento do próprio grupo. Neste sentido, para verificar se havia ou não diferença entre os professores de contabilidade e professores dos demais cursos (HI) foi aplicado o teste Qui-Quadrado. Os resultados indicam diferenças em 06 pares de adjetivos, conforme a Tabela 2.

As percepções dos professores de jornalismo são as que mais se distanciam dos demais cursos, sendo que praticamente a maior parte das respostas foram no sentido de percepção negativa, como é o caso do par de adjetivos “Tedioso - Atraído”, em que 53,3% dos respondentes a consideram uma profissão tediosa, diferentemente dos professores de

contabilidade que a consideram atrativa (68,6%). O mesmo ocorre no par de adjetivos “Monótono – Fascinante”, em que 80% dos professores de jornalismo a consideram uma profissão monótona contra 62,9% dos professores de contabilidade, que a consideram fascinante.

Tabela 2 – Valores Qui-Quadrado *HI*

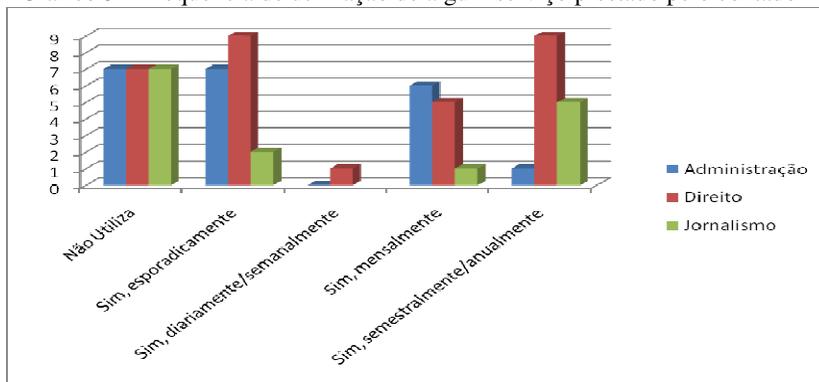
Par de adjetivos	<i>P</i>	Qui-Quadrado
Dimensão – Estrutura		
Lento – Emocionante	0,012	16,304
Focado para manutenção de registros - Focado para tomada de decisão	0,009	17,057
Dimensão – Isolamento		
Orientado para números - Orientado para pessoas	0,004	19,154
Dimensão – Interesse		
Estático – Dinâmico	0,011	16,522
Tedioso – Atrativo	0,000	30,649
Monótono – Fascinante	0,000	31,746

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Os cursos de direito e administração em grande parte dos quesitos consideram estas características como neutras. Em relação às dimensões, nenhuma apresentou resultados significativos, não sendo possível rejeitar a hipótese nula de *HI*.

Foi questionado aos professores sobre a utilização de algum serviço prestado por um contador e a frequência dessa utilização (não foi considerado o curso de contabilidade), com o intuito de verificar se o contato com o profissional contador pode ou não interferir na percepção da imagem desta profissão. Dos respondentes, 68% utilizam algum tipo de serviço contábil, sendo que os professores do curso de direito são os que mais utilizam (77%), e os professores do curso de jornalismo são os que menos utilizam o serviço prestado pelo profissional contador. Os resultados estão evidenciados no Gráfico 3.

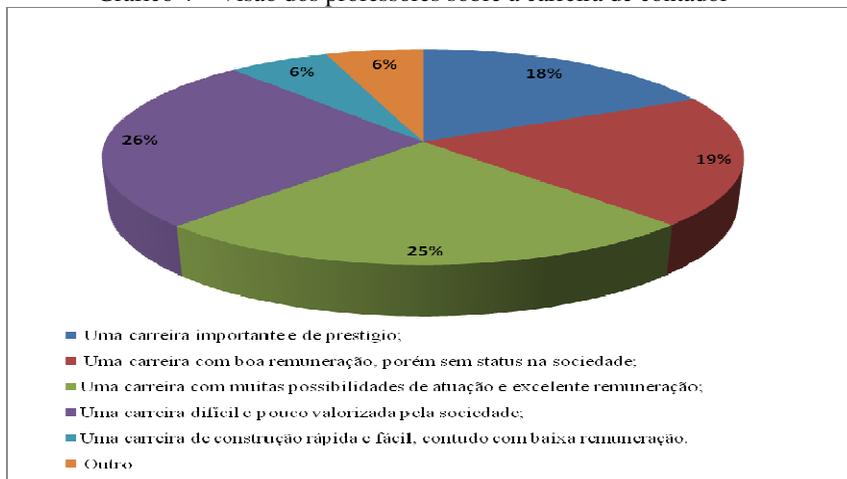
Gráfico 3 – Frequência de utilização de algum serviço prestado pelo contador



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Em relação à visão que esses professores possuem da carreira do contador, os respondentes apontam que a carreira do contador é uma carreira com muitas possibilidades de atuação e excelente remuneração (31%), resultado semelhante ao da percepção dos estudantes, contudo também consideram uma carreira sem *status* na sociedade (20%), difícil e pouco valorizada (19%), conforme demonstrado no Gráfico 4.

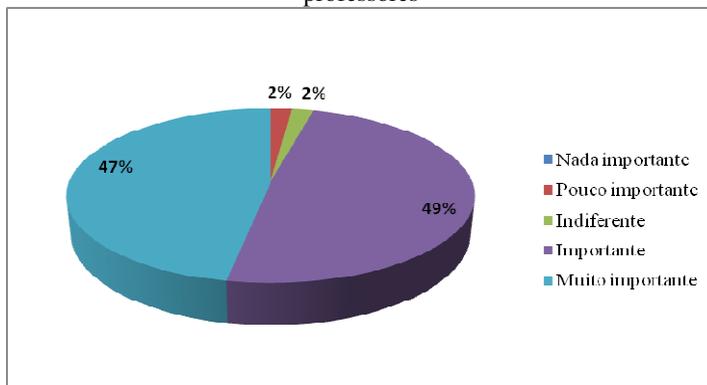
Gráfico 4 – Visão dos professores sobre a carreira de contador



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Em relação ao nível de importância atribuído ao trabalho do contador para a sociedade, o Gráfico 5 apresenta os resultados.

Gráfico 5 – Nível de importância atribuído à profissão do contador pelos professores



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Os resultados encontrados no grupo dos professores não diferem dos estudantes, sendo que 96% dos respondentes consideram importante e muito importante, não havendo nenhuma resposta para nada importante.

Procurou-se saber também como eles imaginam que os contadores são percebidos por outros profissionais. As respostas foram divididas em duas categorias: visão da profissão e visão do profissional. O Quadro 10 apresenta as categorias e subcategorias identificadas.

Quadro 10 – Categorias e subcategorias da análise de conteúdo a visão da carreira do contador

Categoria Visão da Profissão	Categoria Visão do Profissional
Falta valorização	Falta formação
Envolve cálculos, tributos e análises financeiras	Agentes da burocracia
Respeitada e admirada	Pouco crítico
Consultores no ponto de vista de números	Metódico
Importante	Pouco comunicativo
Atividades repetitivas	Introspectivo
Cumprir normas e regras	Matemático

Muitos professores de contabilidade acreditam que a maior parte das pessoas não conhece esta profissão e, por isso, consideram a carreira como pouco valorizada, que envolve muitos cálculos, e que os contadores são agentes da burocracia. Outros alegam que é uma carreira importante, respeitada e admirada. Alguns depoimentos exemplificam essa análise: *“Aqueles que têm pouco conhecimento sobre contabilidade nos tratam apenas como profissionais que executam atividades repetitivas e que cumprem a legislação afirmando que a contabilidade não serve para nada; os que não conhecem contabilidade acreditam que somos engenheiros (muitos cálculos) e por isso mesmo não dão importância ao trabalho executado pela classe contábil”*; *“Uma parte dos contadores são vistos como profissionais conformados, sem iniciativa e sérios. Contudo, existem profissionais que são participativos, inovadores e que se comprometem com a profissão, aqueles que fazem a diferença”*; *“Como profissionais fechados em si mesmos e que têm dificuldades para comunicar-se com outras áreas”*; *“Como matemáticos ou de ciências exatas, como sem grande relevância e burocratas”*; *“Mero apurador de impostos”*.

4.2 PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES

Foi analisada primeiramente a percepção dos estudantes sobre os quesitos apontados como mais favoráveis ou menos favoráveis sobre a profissão do contador. As respostas foram mais consistentes em relação às apontadas pelos professores, demonstrando semelhanças entre as opiniões. O Quadro 11 evidencia os aspectos favoráveis e desfavoráveis, de comum acordo entre estudantes de dois ou mais cursos.

De 6 itens favoráveis apresentados, em 4 os respondentes de todos os cursos concordaram no sentido de que o trabalho do contador é concreto, usa a lógica, é exato e preciso. O item “concreto” teve a maior média conferida pelos estudantes do curso de engenharia de produção, com 3,90 e desvio padrão de 0,83; o item “usa a lógica” por sua vez teve a média de 4,42 e desvio padrão de 1,02, apontados pelos estudantes do curso de jornalismo; os estudantes do curso de jornalismo apresentaram a maior média no item “exato”, com 4,38 e desvio padrão de 0,95; finalmente, o item “preciso” também foi destacado pelos estudantes do curso de jornalismo com a maior média, 4,17, com desvio padrão de 1,13.

Quadro 11 - Semelhanças encontradas entre os grupos de estudantes

Cursos					
	Contábeis	Administração	Direito	Jornalismo	Engenharia
Aspectos favoráveis	Concreto Usa a lógica Exato Preciso Analítico Completo	Concreto Usa a lógica Exato Preciso	Concreto Usa a lógica Exato Preciso	Concreto Usa a lógica Exato Preciso Analítico Completo	Concreto Usa a lógica Exato Preciso
Aspectos desfavoráveis	Planejado Submissão às normas Complexo	Estruturado Metódico Planejado Matemático Rotina Soluções pré-determinadas Regras estabelecidas Submissão às normas Conservador Padrões uniformes Orientado para números Visão de fins lucrativos	Estruturado Metódico Factual Planejado Matemático Rotina	Estruturado Metódico Factual Planejado Matemático Rotina Regras estabelecidas Repetitivo Orientado para números Complexo Padrões uniformes Monótono Lento	Estruturado Metódico Factual Planejado Matemático Rotina Soluções pré-determinadas Regras estabelecidas Submissão às normas Repetitivo Conservador Monótono Lento Visão de fins lucrativos

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Em relação aos aspectos desfavoráveis, dos 14 itens mencionados apenas 1 foi citado pelos estudantes de todos os cursos, o item “planejado”. Os estudantes do curso de engenharia de produção apresentaram a média mais baixa neste item, 1,87 e desvio padrão de 0,85; seguido dos estudantes dos cursos jornalismo, com média 2,00 e desvio padrão de 1,33, administração, com média 2,14 e desvio padrão de 1,18, direito, com média 2,15 e desvio padrão de 1,18 e contabilidade, com média 2,08 e desvio padrão de 1,02.

Os itens “estruturado”, “metódico”, “matemático” e “rotina” também foram apontados pelos estudantes de 4 cursos, sendo administração, direito, jornalismo e engenharia de produção. A Tabela 3 apresenta as médias e os desvios padrão de cada curso.

Tabela 3 – Médias e desvios padrão dos itens apresentados em quatro cursos

	Estruturado		Metódico		Matemático		Rotina	
	<i>Média</i>	<i>Desvio padrão</i>						
Administração	2,10	0,88	2,19	1,10	2,14	1,14	2,13	1,00
Direito	2,24	0,94	2,17	1,12	2,17	1,29	2,23	1,04
Jornalismo	2,25	1,14	1,92	1,13	1,81	1,27	1,88	0,98
Engenharia de Produção	2,19	0,79	1,68	0,70	2,16	0,90	2,03	0,84

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Os estudantes do curso de contabilidade apresentaram dois itens que não foram mencionados pelos estudantes dos outros cursos, “metódico” e “interessante”. O item “metódico” – aspecto desfavorável – apresentou média de 1,95 e desvio padrão de 0,80, enquanto o item “interessante” – aspecto favorável - apresentou média de 3,74 e desvio padrão de 0,96. Os estudantes do curso de engenharia de produção também apontaram o aspecto desfavorável “estático”, com média de 2,00 e desvio padrão de 0,73; e os estudantes de jornalismo o item “tedioso”, com média 1,96 e desvio padrão de 1,00.

Para verificar se havia diferenças entre estudantes de contabilidade e estudantes dos demais cursos em relação à percepção da imagem do contador foi testada a hipótese *H2*. A Tabela 4 evidencia os resultados encontrados.

Par de adjetivos	P	Qui-Quadrado
Dimensão – Estrutura		
Regras estabelecidas - Novas ideias	0,010	20,069
Lento – Emocionante	0,000	42,396
Submissão às normas e padrões - Independente/autônomo	0,000	29,627
Conservador – Inovador	0,036	16,492
Metódico – Desestruturado	0,013	19,347
Focado para manutenção de registros - Focado para tomada de decisão	0,006	21,256
Visão de fins lucrativos - Visão de benefícios para a sociedade	0,000	28,777
Dimensão – Precisão		
Sintético – Analítico	0,006	21,637
Planejado - Imprevisível/espontâneo	0,010	20,150
Prático – Teórico	0,010	19,988
Fixo – Adaptável	0,024	17,681
Matemático – Verbal	0,000	38,503
Dimensão – Isolamento		
Solitário – Interativo	0,001	25,962
Orientado para números - Orientado para pessoas	0,000	48,075
Dimensão – Interesse		
Chato – Interessante	0,000	69,298
Estático – Dinâmico	0,002	23,807
Tedioso – Atrativo	0,000	49,39
Monótono – Fascinante	0,000	40,279
Desprestígio – Prestígio	0,039	16,264

Tabela 4 – Valores Qui-Quadrado H_2
Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Analisando as dimensões, houve diferenças entre os respondentes dos cursos nos quesitos “Estrutura” ($p = 0,034$ e $X^2 = 10,419$) “Isolamento” ($p = 0,000$ e $X^2 = 34,781$) e “Interesse” ($p = 0,000$ e $X^2 = 68,624$). Na dimensão “Estrutura” as principais diferenças apresentadas foram em relação ao curso de administração e contabilidade, em que os estudantes de administração vêm de uma forma mais estruturada que os

de contabilidade. No cálculo da média desta dimensão não houve nenhuma resposta positiva, ou seja, a profissão do contador não é vista como flexível, independente, inovadora, criativa, desestruturado de regras e padrões; ainda prevalecem as percepções de uma profissão mais rígida, que cumpre regras, conservadora, lenta, focada para manutenção de registros. A Tabela 5 apresenta a tabela de contingência do Qui-Quadrado.

Tabela 5 – Tabela de contingência H2 – dimensão Estrutura

Resposta		CURSOS					Total
		ADM	CONT	DIR	ENG PROD	JOR	
1	Count	27	17	29	8	10	91
	Expected Count	18	26,1	30,6	6,1	10,3	91
	% within CURSO	29,70%	12,90%	18,70%	25,80%	19,20%	19,70%
	Residual	9	-9,1	-1,6	1,9	-0,3	
2	Count	64	115	126	23	42	370
	Expected Count	73	105,9	124,4	24,9	41,7	370
	% within CURSO	70,30%	87,10%	81,30%	74,20%	80,80%	80,30%
	Residual	-9	9,1	1,6	-1,9	0,3	
Total	Count	91	132	155	31	52	461
	Expected Count	91	132	155	31	52	461
	% within CURSO	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
		%	%	%	%	%	%

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

A dimensão “Interesse” indicou que os estudantes dos cursos de administração e direito têm uma visão mais neutra, já os alunos de jornalismo e de engenharia da produção têm uma visão mais negativa, acreditando que a profissão do contador é chata, tediosa, rotineira, monótona, enquanto que os alunos de contabilidade possuem uma visão mais positiva, considerando a profissão interessante. A Figura 3 apresenta os resultados.

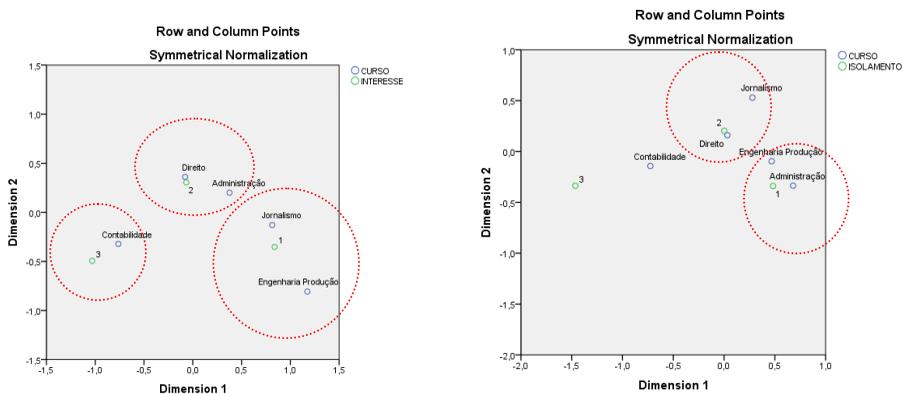


Figura 3 – Mapa perceptual $H2$ – dimensões Interesse e Isolamento
 Fonte: Dados da pesquisa (2013)

A dimensão “Isolamento” demonstrou que os estudantes dos cursos de engenharia de produção e de administração percebem a profissão como orientada para números, introvertida, solitária. Os estudantes de direito e jornalismo vêm como neutro, não se posicionando sobre essas características. Por sua vez, os estudantes de contabilidade ficaram divididos entre a percepção neutra e a percepção de que a profissão é interativa, extrovertida e orientada para pessoas, que o contador não é aquele profissional que só trabalha com números e não sabe lidar com pessoas.

A hipótese $H5$ tinha o intuito de verificar se o fato de os estudantes do curso de contabilidade já atuarem na área poderia ocasionar diferença de percepção sobre a profissão do contador, em relação àqueles que não ainda não atuam na área ou mesmo não trabalham. O teste indicou que não há indícios para considerar a hipótese nula em nenhum dos pares de adjetivos e dimensões, o que indica que o fato desses estudantes já trabalharem com contabilidade não altera a forma de perceber a profissão.

Como foi verificado que 82% dos estudantes de todos os cursos já atuavam no mercado de trabalho, a hipótese $H6$ verificou se o fato de os estudantes trabalharem pode interferir na percepção da profissão do contador, em relação àqueles estudantes que ainda não trabalham. Os resultados indicam diferenças em 4 pares de adjetivos, apontando que os estudantes que não trabalham apresentam maior percentual nas respostas

positivas. Esse fato pode ser decorrente de que os estudantes que não trabalham sofrem menos influências de percepções estereotipadas por colegas de trabalho e outros profissionais, diferentemente daqueles que trabalham. A Tabela 6 apresenta os resultados encontrados.

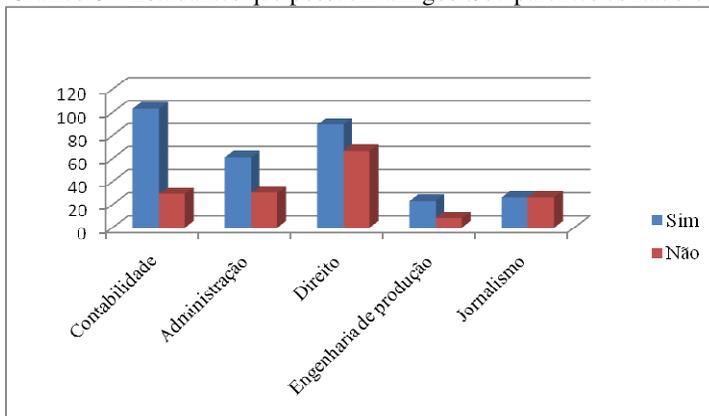
Tabela 6 – Valores Qui-Quadrado H_6

Par de adjetivos	<i>Estudantes que não trabalham</i>	<i>Estudantes que trabalham</i>
	% Resposta n. 3	% Resposta n. 3
Repetitivo – Variado	22,80	8,40
Regras Estabelecidas - Novas ideias	16,70	6,00
Focado para manutenção de registros - Focado para tomada de decisão	32,80	18,10
Rotina – Novidade	11,40	1,20

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Foi questionado aos estudantes de todos os cursos se possuíam amigos e/ou parentes contadores. Esta pergunta tinha o intuito de verificar a existência de uma ligação pessoal com ou não com o contador. O Gráfico 6 apresenta os resultados dessa investigação.

Gráfico 6 – Estudantes que possuem amigos e/ou parentes contadores



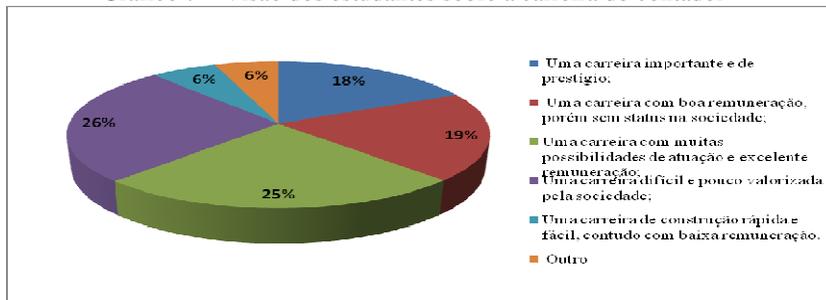
Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Como se percebe, 65,50% dos respondentes possuem amigos e/ou parentes que são contadores, evidenciando que existe algum tipo de contato com este profissional.

Foi questionado também se esses estudantes utilizam algum serviço prestado pelo contador (com exceção dos estudantes de contabilidade, pois a intenção era verificar se os estudantes dos outros cursos tinham alguma noção das funções deste profissional). Os resultados indicam que 53% dos estudantes não utilizam qualquer serviço prestado pelo contador. Dos estudantes que utilizam, destaca-se os do curso de jornalismo, em que 73% dos respondentes dizem utilizar algum tipo de serviço contábil.

Quando questionados como consideravam a carreira de contador, 26% dos respondentes consideram uma carreira difícil e pouco valorizada pela sociedade, mas também uma carreira com muitas possibilidades de atuação e excelente remuneração (25%), conforme apresentado no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Visão dos estudantes sobre a carreira do contador

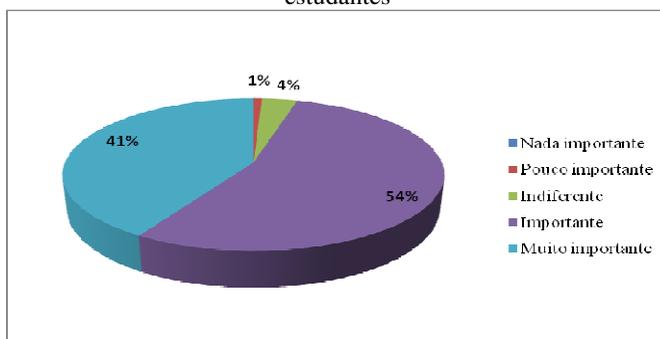


Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Analisando as respostas por curso, percebeu-se que 31% dos estudantes do curso de administração percebem a carreira do contador como uma carreira difícil e pouco valorizada pela sociedade, mesma opinião dos estudantes de engenharia de produção (55%); por sua vez os estudantes de direito percebem-na como uma carreira importante e de prestígio (26%), enquanto os estudantes de contabilidade 42% consideram uma carreira com muitas possibilidades de atuação. Na alternativa “outro”, obteve-se respostas como: “a carreira do contador é muito complexa e com baixa remuneração”, “uma carreira com muitas

possibilidades, mas com baixa remuneração”, “*uma carreira difícil de construir e pouco valorizada*”. Em relação ao nível de importância atribuído ao trabalho do contador para a sociedade, o Gráfico 8 apresenta os resultados.

Gráfico 8 – Nível de importância atribuído à profissão do contador pelos estudantes



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Como se observa, mais de 90% dos respondentes consideram a profissão do contador importante ou muito importante para a sociedade, sendo que não houve nenhuma resposta para o item “nada importante”.

Para os estudantes do curso de contabilidade foi feita a seguinte pergunta: “Qual a reação das pessoas quando você comenta que cursa contabilidade? O que elas dizem?”. A análise das respostas permitiu a criação de 3 categorias: visão do curso, escolha do curso e visão da futura carreira.

Na categoria visão do curso muitos responderam que as pessoas acham um curso chato, que envolve muita matemática, complexo, difícil. Mas também pode ser considerado um curso com grandes possibilidades de atuação, bom empregabilidade, curso interessante completo. “*Acreditam que é uma ciência exata e pensam que sou ótimo em matemática*”; “*Você gosta de matemática? A grande maioria não sabe exatamente o que o contador faz, não gosta sem saber e se espanta por saber que você faz contabilidade e que gosta*”. Na categoria escolha do curso foi mencionado que é um curso com grandes possibilidades, empregabilidade, contudo com menor remuneração que outros. Ainda foi mencionado que as pessoas que escolhem contabilidade são loucas e

gostam muito de números. *“Grandes chances profissionais”; “Curso com boa empregabilidade, especialmente na área pública”; “Profissão boa, com emprego garantido. Mercado precisando de contadores. Possibilidade de boa remuneração”; “Que estou louca e que gosto de muita matemática!”*. Em relação à visão da carreira futura como contador os alunos mencionaram que é uma boa profissão e muito promissora, profissional essencial para a sociedade. *“Elogiam, dizem que é uma profissão boa, com mercado de trabalho atraente”; “Não costumam se impressionar muito. Geralmente dizem que tem um grande mercado de trabalho, Porém já escutei pessoas falando que fariam Contabilidade agora, ao invés de administração ou economia. Acredito que está sendo mais valorizado”*.

4.3 PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES X PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES

O Quadro 12 demonstra os aspectos favoráveis e desfavoráveis apresentados pelos estudantes e professores de cada curso, lembrando que o curso de engenharia de produção não aparece, pois o mesmo só obteve respostas do grupo de estudantes.

As respostas dos membros de cada curso, professores e estudantes, apresentam muitas semelhanças, o que pode ser atribuído ao perfil de cada curso.

Analisando individualmente as categorias por curso, constatou-se que no grupo de professores, apenas a categoria “estrutura” apresentou média inferior a 2,33. Esse resultado foi apontado pelos representantes do curso de jornalismo, que considera o trabalho do contador muito estruturado, metódico, conservador, rotineiro, submisso às normas e padrões, muito matemático e orientado para números, não sendo considerado um trabalho emocionante, autônomo, inovador, criativo, mais livre e desestruturado. Os representantes dos cursos de administração, direito e jornalismo consideraram esta categoria neutra, ou seja, não auferiram qualquer manifestação no sentido da estrutura de trabalho do contador.

As demais categorias também foram consideradas neutras pelos membros de todos os cursos, não sendo possível, portanto, concluir se o trabalho do contador é visto de maneira mais precisa ou imprecisa; se é

um trabalho que proporciona mais isolamento ou interatividade com outras pessoas e se é considerado interessante ou não.

Em relação ao grupo de estudantes, os respondentes de todos os cursos consideraram todas as categorias na média, ou seja, entre 2,34 e 3,66, com exceção do curso de engenharia de produção, onde os respondentes apontaram a categoria “interesse” como abaixo da média, considerando o trabalho do contador um trabalho tedioso, estático, muito monótono e rotineiro.

Quadro 12 - Aspectos favoráveis e desfavoráveis apresentados pelos estudantes e professores de cada curso

Cursos				
	Contábeis	Administração	Direito	Jornalismo
Aspectos favoráveis	Completo	Concreto	Concreto	Concreto
	Concreto	Exato	Exato	Exato
	Preciso	Preciso	Preciso	Preciso
	Usa a lógica	Usa a lógica	Usa a lógica	Usa a lógica
Aspectos desfavoráveis	Planejado	Conservador	Factual	Estruturado
		Estruturado	Matemático	Factual
		Matemático	Metódico	Matemático
		Metódico	Planejado	Metódico
		Planejado		Padrões uniformes
		Regras estabelecidas		Planejado
		Rotina		Regras estabelecidas
Submissão às normas		Rotina		

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

As hipóteses *H3* e *H4* buscaram identificar se havia diferenças de percepção entre estudantes e professores de cada curso. Os resultados indicam que estudantes e professores de contabilidade diferem em 4 pares de adjetivos.

Os alunos consideram a profissão mais submissa às normas e padrões (42,4%), atrativa (32,6%) e fascinante (36,4%), do que os professores. Em relação à profissão ser mais voltada para rotinas ou para

novidades, os estudantes foram neutros neste quesito (40,2%), enquanto os professores acreditam que a profissão envolva muita mais novas atividades do que atividades rotineiras (51,4%). Contudo, esses resultados demonstram que os alunos percebem a futura profissão escolhida de uma forma mais positiva do que aqueles que trabalham para formar estes futuros profissionais. Os resultados são apresentados na Tabela 7.

Tabela 7 – Valores Qui-Quadrado hipótese *H5*

Par de adjetivos	<i>P</i>	Qui-Quadrado
Submissão às normas e padrões - Independente/autônomo	0,015	8,361
Tedioso – Atrativo	0,006	10,248
Monótono – Fascinante	0,004	10,849
Rotina – Novidade	0,029	7,085

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

As diferenças encontradas entre estudantes e professores dos outros cursos são apresentadas na Tabela 8.

Tabela 8 – Valores Qui-Quadrado *H6*

Par de adjetivos	<i>P</i>	Qui-Quadrado
Dimensão – Estrutura		
Submissão às normas e padrões - Independente/autônomo	0,022	23,796
Visão de fins lucrativos - Visão de benefícios para a sociedade	0,011	25,917
Dimensão – Precisão		
Sintético – Analítico	0,023	23,675
Dimensão – Interesse		
Chato – Interessante	0,002	31,772
Estático – Dinâmico	0,034	22,367
Tedioso – Atrativo	0,017	24,589
Monótono – Fascinante	0,021	23,837

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Em relação ao par de adjetivos “Submissão às normas e padrões – Independente/autônomo”, as percepções mais negativas são dos professores de jornalismo (86,7%), seguido dos estudantes de engenharia da produção (77,4%) e dos professores de administração (76,2%). O par “Visão de fins lucrativos – Visão de benefícios para a sociedade” indicou que estudantes de administração (69,2%), estudantes de engenharia da produção (61,3%) e professores de jornalismo (60%) possuem as percepções mais negativas. A Figura 4 demonstra as diferenças no par “Chato – Interessante”.

Neste quesito, os estudantes de jornalismo percebem a profissão como chata, enquanto os professores de direito e administração e os estudantes de direito percebem como uma profissão interessante, o que pode decorrer da diferença de perfil profissional entre os cursos de jornalismo e contabilidade. Em relação aos pares “Tedioso – Atrativo” e “Monótono – Fascinante”, os estudantes de direito percebem a profissão como atrativa (23,9%) e fascinante (21,9%) enquanto os professores de jornalismo a percebem como tediosa (53,3%) e extremamente monótona (80%).

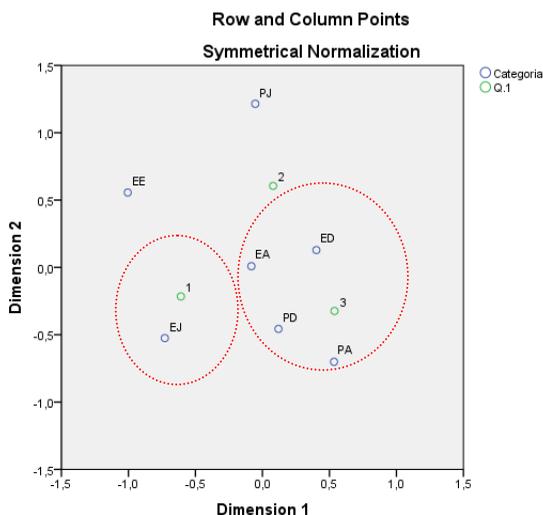


Figura 4 – Mapa perceptual H6 – par de adjetivos Chato - Interessante
Fonte: Dados da pesquisa (2013)

A hipótese *H7* procurou verificar se havia diferença de percepção sobre a profissão do contador entre os professores e estudantes que utilizam algum serviço contábil daqueles que não o utilizam. A Tabela 9 demonstra os resultados encontrados.

Tabela 9 – Valores Qui-Quadrado *H7*

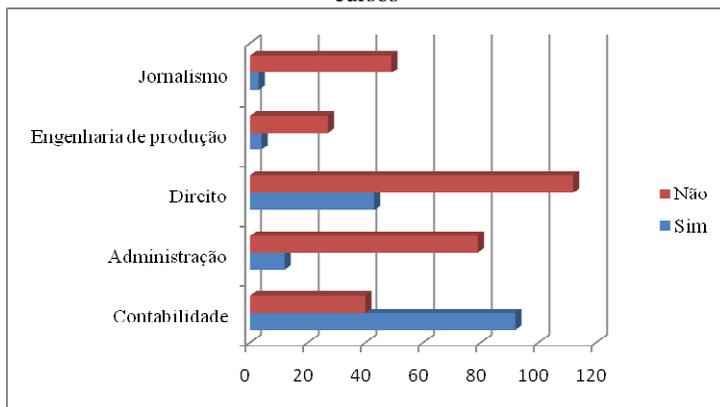
Par de adjetivos	<i>P</i>	Qui-Quadrado
Dimensão – Estrutura		
Soluções pré-determinadas - Soluções criativas	0,034	6,748
Repetitivo – Variado	0,020	7,839
Lento – Emocionante	0,022	7,678
Dimensão – Precisão		
Factual – Intuitivo	0,031	6,960
Dimensão – Isolamento		
Solitário – Interativo	0,000	15,249
Dimensão – Interesse		
Chato – Interessante	0,017	8,117
Tedioso – Atrativo	0,004	11,281
Monótono – Fascinante	0,005	10,670

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Os resultados indicam diferenças de percepção em 8 pares de adjetivos entre os respondentes que utilizam algum tipo de serviço contábil e aqueles que não o utilizam. Os resultados confirmam a teoria de Hewstone, em que os respondentes que utilizam algum serviço contábil apresentaram maior percentual nas respostas positivas, e os respondentes que não o utilizam apresentaram maior percentual nas respostas negativas. A única exceção quanto às respostas negativas foi em relação ao par de adjetivos “Soluções pré-determinadas – Soluções criativas”, para o qual 63,8% dos respondentes que utilizam serviços consideram que a profissão envolve mais soluções pré-determinadas, não buscam outras alternativas ou soluções mais criativas; o percentual dos respondentes que não utilizam serviços foi de 55,7%.

Também foi questionado aos estudantes, caso eles estivessem fazendo a opção por um curso de graduação, se eles escolheriam o curso de contabilidade. Os estudantes do curso de direito demonstraram maior empatia com o curso de contabilidade, sendo que quase 30% dos respondentes optariam por fazer contabilidade se não tivessem escolhido seu curso. Os estudantes do curso de jornalismo e engenharia de produção foram os que apresentaram menor percentual, 6% e 13%, respectivamente. Esses resultados podem estar ligados à questão do perfil de cada curso. No caso dos cursos de administração e direito, são cursos que mantêm uma determinada ligação com a contabilidade, inclusive, alguns possuindo disciplinas de contabilidade em suas grades curriculares. Por sua vez, o perfil dos cursos de engenharia de produção e jornalismo são totalmente distintos. Além de que, como já demonstrado, existe uma percepção estereotipada de que a profissão do contador não é criativa, comunicativa, não tem habilidades para lidar com pessoas, apresenta falta de análise crítica, não é considerado um profissional intuitivo, ou extrovertido (AZEVEDO, CORNACIONE JÚNIOR, CASA NOVA, 2008; HARDIN, O'BRYAN, QUIRIN, 2004; SCHLEE et al., 2007; SUGAHARA, KUHIRAHARA, BOLAND, 2006), características apontadas como essenciais nos alunos desses cursos (FREITAS, DORNELLAS, BELHOT; 2006; RABELO, 2010). O Gráfico 9 demonstra as respostas por curso.

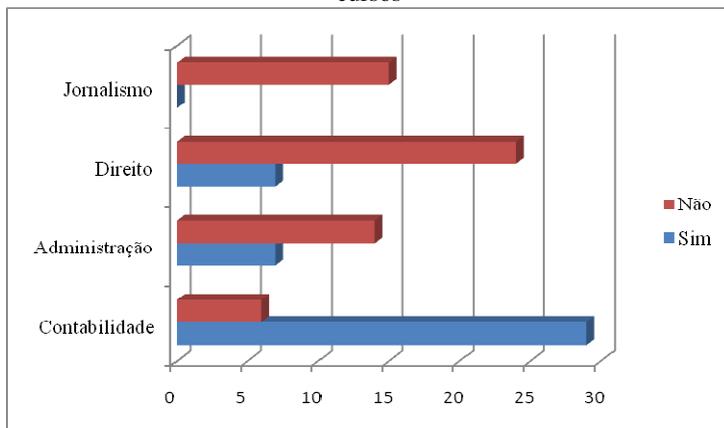
Gráfico 9 – Opção pelo curso de contabilidade pelos estudantes dos demais cursos



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Para os professores também foi questionado se eles optariam pela carreira de contador se não tivessem optado pela sua profissão. O Gráfico 10 demonstra as respostas dos respondentes por curso.

Gráfico 10 – Opção pelo curso de contabilidade pelos professores dos demais cursos



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Os resultados são semelhantes aos dos estudantes, sendo que os professores do curso de administração estariam mais propensos a optarem por contabilidade como carreira (33%), seguido do curso de direito (23%). Destaca-se o posicionamento dos professores do curso de jornalismo, em que 100% das respostas foram negativas, demonstrando total incompatibilidade de perfis entre as carreiras de jornalismo e contabilidade.

O Quadro 13 apresenta as categorias de análise e respectivas subcategorias em relação à questão “O que você acha que o contador faz na sua atividade profissional?”.

Considerando os conteúdos relacionados ao profissional em si, os relatos apontam que prevalecem os pensamentos de que o contador é um profissional que presta algum tipo de consultoria, seja financeira, tributária, administrativa. Ele também está relacionado a uma pessoa que orienta seus clientes, auxilia na administração do negócio. Algumas respostas: “*Ele verifica possíveis erros e orienta qual a melhor solução com relação aos recursos humanos, fisco, impostos e afins*”, “*O*

contador não é só uma obrigação, e sim um parceiro na gestão financeira do negócio”.

Quadro 13 – Categorias e subcategorias da análise de conteúdo atribuições do contador

Categoria Profissional	Categoria Atividades executadas	Categoria Objetivos
Preciso e focado Consultor de pessoas físicas e jurídicas Pessoa que cuida da organização Orienta pessoas e empresas Auxilia na administração Organiza a atividade contábil Grande administrador, parceiro na gestão do negócio	Planejamento, execução e controle de atividades Auditoria e perícia contábil Elaboração e análise de demonstrações financeiras Controle de contas e finanças Atendimento da legislação/fisco Elaboração de folha de pagamento Declaração de IR Rotinas administrativas Calcula e apura impostos Análise de custos Constituição e baixa de empresas Cálculos	Gerar informações para a tomada de decisões Gerir a organização Facilitar a fiscalização do governo Alertar as empresas sobre as mudanças no mercado Solucionar problemas

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Em relação às atividades executadas, foram apontadas principalmente as funções ligadas à apuração de impostos, cumprimento da legislação, elaboração de balanços e demonstrações de resultado, bem como elaboração de folha de pagamento e declaração de imposto de renda. *“Responsável pela parte contábil, fiscal, tributária e trabalhista de uma empresa”*; *“Lida com questões tributárias”*, *“É responsável por toda a parte de finanças, desde folha de pagamento, até impostos, lucros e, também, investimentos”*; *“Várias funções, mas a primeira é a declaração de imposto de renda”*, *“Agiliza os impostos das empresas”*”, *“Toda atividade financeira relacionada à demissão e admissão de pessoas em uma empresa”*, *“Balanços patrimoniais, DRE, contratos sociais e alteração dos mesmos, guia de pagamento de impostos”*. Como se percebe, basicamente as atividades mencionadas foram aquelas relacionadas aos aspectos tributários, financeiros e às

obrigações trabalhistas. Contudo, muitos respondentes mencionaram que o contador executa muitas atividades envolvendo cálculos, números e também rotinas administrativas, alguns exemplos: “*Contas de empresas, auxílio parte financeira e bastante uso de números*”; “*Trabalha com números e a integridade e legalidade deles numa empresa ou para pessoas físicas e jurídicas*”; “*Contas e números*”; “*Faz cálculos para realização de negócios em diversas áreas da sociedade*”; “*Cuida das contas de empresa a que presta serviços*”; “*Analisa e trabalha com números e cálculos*”; “*Trabalha com questões relacionadas a parte administrativa da empresa e/ou pessoa física*”. Este resultado não difere de outras pesquisas realizadas, o que vem a confirmar a presença de um imaginário coletivo sobre a contabilidade, como evidenciado no trabalho de Dias (2005), segundo a qual a profissão do contador é vista como envolvendo cálculos, matemática, voltada apenas para os números. Na pesquisa de Hunt, Falgiani e Intrieri (2004), os estudantes identificam a contabilidade com a matemática, podendo ter muitos cálculos. Jackeling, DeLange e Phillips (2010) também evidenciaram que os alunos percebem o contador envolvido com números; resultado semelhante encontrado por Wells, Kearins e Hooper (2009), o que demonstra a falta de conhecimento das pessoas sobre o que é a contabilidade.

Outras descrições das atividades executadas pelo contador foram elencadas: “*Destrói a vida de nós, empresários. Sei que não são todos, porém, é, sem dúvida, a grande maioria, que não faz a mínima ideia do que está acontecendo ao seu redor, não se atualiza e perde oportunidades a todo momento*”; “*Faz praticamente a mesma coisa dia após dia*”; “*Lida com números, cumpre normas, possui uma vida fria, tediante, usa quase somente a lógica e raciocínio prático, esquece das pessoas e de outros fatores sociais*”; “*Poderia realizar trabalhos pensando num todo, tendo uma visão geral dos negócios e não somente fechados em atender questões operacionais*”.

São notáveis as críticas ao contador, em relação à falta de algumas habilidades pessoais, como senso crítico, pró-atividade, saber lidar com pessoas. Isso pode, de certa maneira, estar atrelado à formação técnica deste profissional, denunciando que a educação na área de contabilidade está ainda presa à memorização de conhecimentos e domínio de conteúdos em detrimento do desenvolvimento de habilidades e atitudes dos estudantes (ALBRECHT; SACK, 2000). E,

também, pela influência exercida pelos meios de comunicação, que transmitem a imagem do contador como tímido, introvertido, monótono, chato, de visão limitada, lógico, sem criatividade, introspectivo, que não gosta de lidar com pessoas, anti-social (BEARD, 1994; DIMNIK, FELTON, 2006; MICHAEL, LEVAS, 2003; SMITH, BRIGGS, 1999; SMITH, JACOBS, 2011).

Quanto aos objetivos das atividades executadas pelo contador foram apontados desde facilitar o fisco, gerir a empresa, gerar informações para a tomada de decisões a alertar sobre as mudanças no mercado, zelar pelo bem da organização. *“Faz cálculos e administra bens de terceiros para que facilite para o fisco”*; *“Orienta e zela pelo bem das organizações e das pessoas”*; *“Controla as empresas, orientando-as a seguirem um caminho certo, dentro das normas e leis”*; *“Estrutura as informações financeiras com o objetivo de orientar a tomada de decisão”*; *“Soluciona problemas”*.

De forma geral, a visão da atividade do contador ainda está atrelada ao contador tradicional, que é responsável pela escrituração contábil, entrega de declarações, apuração de impostos, contudo, é uma visão muito restrita, o que demonstra que a maior parte dos respondentes não tem uma ideia clara desta profissão e nem da própria contabilidade. Outras pesquisas também demonstram que há essa falta de entendimento sobre o que é a profissão e a contabilidade (DIAS, 2005; MALTHUS, FOWLER, 2009; MIRANDA, MIRANDA, ARAÚJO, 2012; PEKDEMIR; PEKDEMIR; 2010).

De maneira geral, permanece a representação do contador como uma carreira desinteressante, envolvendo atividades repetitivas, que cumpre normas e envolve muitos cálculos, além do que, o profissional continua sendo visto como introspectivo, pouco crítico e comunicativo.

5 CONCLUSÕES E LIMITAÇÕES

5.1 CONCLUSÕES

Este estudo teve como objetivo geral analisar a percepção que estudantes e professores universitários têm acerca da profissão do contador.

Para esta pesquisa, com o intuito de verificar se a profissão contábil é estereotipada de forma negativa, foi utilizado um questionário com 33 pares de características opostas, atribuídas a esta profissão. Os resultados encontrados neste estudo, após analisados, indicam que estudantes e professores percebem a profissão do contador de forma mais positiva nos aspectos de precisão, lógica, de ser completa e concreta, exata, resultados semelhantes aos encontrados nas pesquisas de Bougen (1994), Carnegei e Napier (2010); Friedman e Lyne (2001); Felton, Dimnik e Bay (2007); Jeacle (2008).

Nos aspectos negativos a profissão é percebida como planejada, conservadora, estruturada, matemática, metódica, rotineira, submissa às normas e padrões, resultados também apontados nas pesquisas de Baxter e Kavanagh (2012), Jackling, DeLange e Philips (2010), Malthus e Fowler (2009), Schlee *et al.* (2007), Wells, Kearins e Hooper (2009). As características como atrativa, interessante e fascinante foram mencionadas apenas pelos professores do curso de contabilidade. A pesquisa de Coutinho e Silva e Silva (2012) também evidenciaram resultados nesse sentido, apontando que os estudantes de contabilidade percebiam a profissão como interessante, desafiadora e atrativa. Esta avaliação mais positiva pelo grupo de professores de contabilidade encontra base na teoria da identidade social, segundo a qual o grupo se avalia de forma mais positiva para garantir sua auto-estima em relação aos demais grupos, criando uma identidade social com o grupo a qual pertence.

Analisando as características apresentadas pelos grupos, percebe-se que há um alto nível de consenso sobre elas. A profissão do contador ainda é vista de forma tradicional, ou seja, este profissional executa atividades rotineiras, metódicas, é submisso às normas e aos padrões. Os respondentes, de forma geral, não identificam esta profissão como interessante, criativa, variada, mais independente de regras e padrões,

incluindo-se entre esses os próprios estudantes e professores do curso de contabilidade.

Em relação às atividades que este profissional exerce, as respostas foram classificadas em três categorias: objetivo da profissão, o profissional e as atividades propriamente ditas. Quanto à primeira categoria, as respostas indicam que o objetivo desta profissão é gerar informações para tomada de decisão, gerir a organização, solucionar problemas e facilitar a fiscalização do governo. Já o profissional é considerado uma pessoa que orienta, auxilia na administração, organiza as atividades da empresa e é um parceiro da organização. E as atividades compreendem o controle de contas, atendimento da legislação, escrituração contábil, folha de pagamento, cálculos, apuração de impostos e declaração de imposto de renda.

A maior parte dos respondentes categorizou as atividades do contador de forma mais ampla, por meio de esquemas de grupo, os quais ocorrem pela generalização dos sujeitos, e tendem à falta de especificidade. Exemplos dessas atividades são assim apontadas: controle de contas, cálculos, atendimento da legislação, solução de problemas, ou seja, não há um nível de categorização mais detalhado.

Outras respostas foram baseadas em protótipos, que fornecem descrições mais detalhadas sobre o grupo analisado, como é o caso das respostas envolvendo elaboração de escrituração contábil, folha de pagamento, apuração de impostos, observando-se que há uma subcategorização das atividades exercidas. Já o uso de modelos de exemplares, baseados na influência do contato real com o sujeito estereotipado e o conteúdo do estereótipo, foi evidenciado nas respostas em que o contador é visto como meio de facilitar a vida do fisco, ou um grande parceiro da organização. Isso demonstra que os respondentes que tiveram contato com este profissional, levaram em consideração essas representações armazenadas na memória, de acordo com suas experiências.

Contudo, este panorama não difere do que algumas pesquisas já relataram, ou seja, é evidente a falta de clareza sobre as atividades e sobre a própria profissão apresentadas pelos indivíduos pesquisados (HAZELL, 1998; PARKER, 2000; SMITH, BRIGGS, 1999) e a indefinição das características pessoais e da contabilidade em si (BOUGEN, 1994). Há uma confusão em separar o que é atividade, profissional e contabilidade por parte da sociedade. As opiniões sobre o

contador e a contabilidade são expressas de maneira que nem sempre conferem com o papel do contador ou da própria atividade (DIAS, 2005). Dentre as atribuições designadas pelas pessoas, em geral, muitas nem pertencem aos contadores, como é o caso de controle de contas financeiras, ou organização administrativa da empresa, o que demonstra que elas não conhecem as verdadeiras atribuições de um contador, ou o que realmente é contabilidade. A profissão normalmente está relacionada a situações triviais, a de encontrar pessoas que resolvam necessidades imediatas, como a apresentação de declaração de Imposto de Renda.

Quando questionados sobre a forma que outros profissionais percebiam a profissão do contador, os professores de contabilidade afirmam que esta imagem não é boa. Eles acreditam que o contador é visto como um profissional sem visão de negócios, pouco participativo ou envolvido na gestão, pouco atualizado, usa muito a lógica e se esquece das pessoas, apenas cumpre normas e resolve questões operacionais. Quanto à profissão em si, esta é percebida envolvendo cálculos, matemática, ligada a aspectos fiscais e tributários, principalmente à declaração do Imposto de Renda.

Os estudantes de contabilidade por sua vez, quando questionados sobre a reação das pessoas quando sabiam que ele cursava contabilidade, responderam que o curso é visto como chato, complexo, envolve muita matemática, mas que apresenta grandes possibilidades de atuação, empregabilidade, embora com menor remuneração que outros cursos e precisa ser um pouco louco e gostar muito de números. A visão da futura carreira foi retratada como uma boa profissão, essencial para a sociedade e muito promissora.

Como se pode notar, tanto as opiniões declaradas pelos professores quanto pelos estudantes, confirmam a permanência da representação do contador como uma carreira nada interessante, envolvendo atividades repetitivas, que cumpre normas e envolve muitos cálculos, além do que, o próprio profissional vem sendo visto como introspectivo, pouco crítico e pouco comunicativo. As consequências desta imagem para esta profissão é a profecia do autorrealizável, segundo a qual os indivíduos acabam se comportando de maneira a seguir a crença originalmente estereotipada, e, assim, confirmando o estereótipo existente (WELLS, 2010). Este fato já foi evidenciado em vários estudos (ATKINSON *et al.*, 1983; AZEVEDO, 2010; STEELE,

ARONSON, 1995; WELLS, 2010; WORD *et al.*, 1974), sendo que para Pereira (2002) essas profecias contribuem, de forma decisiva, para a manutenção dos estereótipos.

Para contribuir com o alcance do objetivo geral desta pesquisa foram, ainda, testadas algumas hipóteses, principalmente no intuito de verificar se havia diferenças de percepção entre os grupos analisados. Foram encontradas diferenças entre estudantes de contabilidade e estudantes dos demais cursos em relação às dimensões “estrutura”, “isolamento” e “interesse”. Na dimensão “estrutura”, as principais diferenças apresentadas deram-se em relação ao curso de administração e contabilidade, em que os estudantes de administração percebem a profissão de uma forma mais estruturada, mais rígida e conservadora, focada para a manutenção de registros, do que os estudantes de contabilidade. A dimensão “isolamento” indicou que os estudantes dos cursos de engenharia de produção e administração percebem a profissão como orientada para números, introvertida, solitária, enquanto os estudantes de contabilidade ficaram divididos entre a percepção neutra e a de que a profissão é interativa, extrovertida e orientada para pessoas; que o contador não é aquele profissional que só trabalha com números e não sabe lidar com pessoas. Na dimensão “interesse” os alunos de jornalismo e engenharia da produção têm uma visão mais negativa, acreditando que a profissão do contador é chata, tediosa, rotineira, monótona, enquanto os alunos de contabilidade possuem uma visão mais positiva, considerando a profissão interessante.

Em relação às diferenças encontradas entre os professores de contabilidade e os dos demais cursos, os resultados indicam diferenças em 6 pares de adjetivos, sendo que as percepções dos professores de jornalismo são as que mais se distanciam das dos demais cursos; praticamente a maior parte das respostas foram no sentido de percepção negativa. Consideram uma profissão tediosa e monótona, enquanto os professores de contabilidade a consideram atrativa e fascinante. Estas diferenças de percepção, apontadas pelos professores e alunos muito se relacionam com a questão do perfil profissional que cada curso possui. Os respondentes dos cursos de administração e direito foram os que apresentaram percepções mais neutras em relação à profissão do contador, talvez pelo fato de que esses cursos mantenham alguma ligação com a contabilidade, inclusive, alguns possuindo disciplinas de contabilidade em suas grades curriculares. Por sua vez, o perfil dos

cursos de engenharia de produção e jornalismo, é totalmente distinto da contabilidade.

A preocupação nesse sentido é que essa percepção estereotipada interfira no recrutamento de candidatos com as habilidades exigidas pela profissão, deixando de atraí-los, já que a profissão passa a ser percebida como desinteressante (AZEVEDO; CORNACHIONE JUNIOR; CASA NOVA, 2008; BEDEIAN, 1986; FRIEDMAN, LYNE, 2001; SMITH, BRIGGS, 1999). O oposto, porém, também pode ocorrer, ou seja, pode ocorrer o recrutamento de pessoas que talvez não tenham as habilidades requeridas. Coloca-se isso com base na ideia de que a categorização leva os indivíduos a se identificarem com as características do grupo, criando um grau de pertencimento a este grupo (HINTON, 2000; USOFF, FELDMAN, 1998).

Outra hipótese foi testada para verificar se as percepções dos respondentes que utilizam algum tipo de serviço contábil era diferente daqueles que não utilizavam. Do grupo dos professores (com exceção de contabilidade), 68% utilizam algum tipo de serviço, sendo os professores de direito os que mais utilizam (77%). Entre os estudantes (com exceção de contabilidade), 53% utilizam algum serviço, sendo os estudantes de jornalismo os que mais utilizam, com 73%. Os resultados indicaram que os respondentes que utilizam algum serviço contábil apresentaram maior percentual nas respostas positivas e os respondentes que não utilizam, apresentaram maior percentual nas respostas negativas. Estes resultados confirmam a teoria de Hewstone (1996), que afirma que a maior exposição ao sujeito alvo do estereótipo pode levar à mudança de percepção;

Outra curiosidade era saber se o fato de estudantes já atuarem no mercado de trabalho poderia ocasionar diferenças de percepção em relação àqueles que ainda não atuam. Do grupo analisado, 82% já atuam no mercado de trabalho, contudo os resultados indicaram diferenças entre os grupos em apenas quatro pares de adjetivos, sendo que os estudantes que não trabalham apresentaram maior percentual nas respostas positivas. Esse fato pode ser explicado pelos aspectos envolvidos na formação dos estereótipos, principalmente os aspectos afetivos e culturais. No aspecto afetivo, esses alunos podem ter apresentado respostas mais positivas por terem sido expostos a um determinado estímulo, no caso, a própria pesquisa (PEREIRA, 2002); no aspecto cultural o fato desses estudantes não trabalharem reduz o

contato com agentes sociais que transmitem os estereótipos, no caso, o contato com outros colegas de trabalho e outros profissionais.

De forma geral, o que se pode concluir é que ainda paira no ar o estereótipo do “*beancounter*”, a imagem do contador tradicional ainda está muito ligada à do contador contemporâneo. As características de uma profissão chata, maçante, rotineira, que envolve muitos cálculos, sem criatividade, sem habilidades com pessoas, permanecem. A profissão é considerada importante ou muito importante por mais de 90% dos respondentes, contudo os mesmos não sabem definir com clareza o que este profissional faz, atribuindo-lhe apenas algumas, e as mais triviais, atividades. Portanto, não há como negar que existe uma percepção estereotipada sobre este profissional.

E como modificar esta situação? Para que ocorra alguma mudança, este profissional deve procurar sua importância, agregar valor à sua profissão. O profissional contábil deve se empenhar em demonstrar a importância do seu trabalho, das atividades que realiza, a fim de que a sociedade tenha noção e nitidez das funções atreladas a ele e as considere relevantes. Com a compreensão das funções do contador, a dimensão e a amplitude da profissão se torna mais clara, o que favorece positivamente a imagem pública. Vale lembrar que o valor da profissão, assim como a sua credibilidade e seu desenvolvimento futuro, estão diretamente ligados a esta imagem.

Faz-se necessário maior envolvimento dos contadores e dos próprios órgãos de classe, para aproximar mais a contabilidade das pessoas, demonstrando, assim, também, o seu papel de agente social. É imperativo que os contadores se posicionem como uma categoria profissional importante para o desenvolvimento da sociedade, estando cada vez mais presente e ativa no contexto econômico, social e político.

As instituições de ensino superior também possuem papel fundamental para a mudança da imagem do contador. E, por isso, devem proporcionar além da formação técnica deste futuro profissional, o desenvolvimento de habilidades interpessoais, de comunicação, de gestão, tão solicitadas pelo mercado e pela própria sociedade.

5.2 LIMITAÇÕES

Por se tratar de uma amostra não probabilística, o estudo apenas incorporou a percepção dos indivíduos que se dispuseram a responder a

pesquisa, o que acaba não permitindo generalizações. Desta forma, os achados ainda devem ser mais estudados.

O estudo utilizou-se de ferramenta desenvolvida por um trabalho norte-americano, o que, de certa forma, pode conter, em seus resultados, influências culturais.

5.3 RECOMENDAÇÕES

Recomenda-se que sejam realizadas investigações adicionais com amostras diferentes, já que, como colocado, este estudo utilizou-se de amostra não probabilística. Outras pesquisas também poderiam ser feitas abrangendo outros grupos, como os usuários dos serviços contábeis ou outros profissionais. Outra sugestão seria estudar também a percepção da imagem do contador pelos próprios profissionais, para entender o conjunto de fatores que estão presentes e influenciando a auto-imagem do profissional contador, e de que forma ela se projeta no exercício profissional.

6 REFERÊNCIAS

ALBRECHT, W. S., SACK, R. J., Accounting education: Charting the course through a perilous future. **American Education Association Series**, v. 16, 2000.

ALBU, N.; ALBU, C. N.; GIRBINA, M. M. Can the stereotype of accountant be changed through accounting education? Some conjectures on educating accounting students in Romania. **International Journal of Business Research Publisher**, v. 11, n. 1, 2011.

ALLPORT, G. **The nature of prejudice**. Reading, MA: Addison-Wesley, 1954.

AMORETTI, Maria Suzana Marc. Protótipos e estereótipos: aprendizagem de conceitos mapas conceituais: experiência em educação a distância. **Informática na educação: teoria e prática**, v. 4, n. 2, p. 49-55, 2001.

ARTHUR ANDERSEN, ARTHUR YOUNG, COOPERS & LYBRAND, DELOITTE HASKINS & SELLS, ERNST & WHINNEY, PEAT MARWICK MAIN & CO, PRICE WATERHOUSE, & TOUCHE ROSS. **Perspectives on education: Capabilities for success in the accounting profession**. New York, 1989.

ARANYA, N. *et al.* An empirical examination of the stereotype accountant based on Holland's theory. **Journal of Occupational Psychology**, v. 51, n. 2, p. 139-145, 1978.

ATKINSON, R. C.; ATKINSON, R. L.; HILGRARD, E. Introduction to psychology. 8. ed. New York: Hancourt Brace Jovanovich Inc, 1983.

AZEVEDO, Renato Ferreira Leitão. **A percepção pública sobre os contadores: “Bem ou mal na foto”?** 2010. 115 f. Dissertação (Mestrado em Contabilidade). Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, 2010.

AZEVEDO, R. F. L.; CORNACHIONE JÚNIOR, E. B.; CASA NOVA, S. P. A percepção dos estudantes sobre o curso e o perfil dos estudantes de contabilidade: uma análise comparativa das percepções e estereotipagem. In: CONGRESSO USP DE CONTABILIDADE E CONTROLADORIA, 8, 2008, São Paulo. **Anais...**, São Paulo: CONGRESSO USP, 2008.

AZEVEDO, R. F. L.; CORNACHIONE JÚNIOR, E. B. Ética profissional contábil: uma análise visual da percepção pública. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade – Repec**, v. 6, n. 1, p. 19-37, jan./mar. 2012.

BALDFVINSDOTTIR, G.; BURNS, J.; NORREKLIT, H.; SCAPENS, R. W.. The image of accountants: from bean counters to extreme accountants. **Accountability Journal**, v. 22, n. 6, 2009.

BAXTER, P.; KAVANAGH, M. Stereotypes, students' perceptions and inherent creativity: further Australian evidence. **Australasian Accounting Business and Finance Journal**, v. 6, n. 5, p. 81-100, 2012.

BEARD, V. Popular culture and Professional identity: accountants in the movies. **Accounting, Organizations and Society**, v. 19, n. 3, p. 302-318, 1994.

BEARDLSEE, D. C., O'DOWD, D. D. Students and the occupational world. In: SANFORD, N.; ADELLSON, J. (Eds). **The American College: A psychological and social interpretation of higher learning**. New York: Wiley, 1962.

BEDEIAN, A. G. MOSSHOLDER, K. W.; TOULIATOS, J.; BARKMAN, A. I.. The accountant's stereotype: an update for vocational counselors. **Carrer Development Quarterly**, . v. 35, p. 113-122, 1986.

BELSKI, William H.; RICHMOND, Kelly A.; BROZOVSKY, John A. "A Few Bad Apples in the Bunch?": A Post-Enron Examination of the Business Student's Perception of the Prestige of the Accounting Profession. **New Accountant**, n. 718, p. 12-15, 2004.

BERNARDES, Dora Luisa Gerald. Dizer “não” aos estereótipos sociais: as ironias do controle mental. **Análise Psicológica**, v. 3, n. 21, p. 307-321, 2003.

BIROLI, Flávia. É assim, que assim seja: mídia, estereótipos e exercício de poder. In: Encontro de Compólitica, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 4, 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: 2011.

BOUGEN, P. D. Joking apart: The serious side to the accountant stereotype. **Accounting, Organizations and Society**, v. 3, n. 19, p. 319-335, 1994.

BODENHAUSEN, C. V., MACRAE, C. N. The selfregulation of intergroup perception: Mechanisms and consequences of stereotype suppression. In: MACRAE, C. N.; STANGOR, C.; HEWSTONE, M. (Eds.), **Stereotypes and Stereotyping**. New York: Guilford, 1996. p. 227-253.

BRASS, R. Is image letting accountants down? **Accounting & Business**, v. 8, n. 1, p. 20-22, 2004.

BYRNE, M., WILLIS, P. Irish secondary students' perceptions of the work of an accountant and the accounting profession. **Accounting Education: an international journal**, v. 14, n. 4, p. 367-381, 2005.

CARDOSO, Ricardo Lopes. **Competência do contador: um estudo empírico**. 2006. Tese de Doutorado (Controladoria e Contabilidade) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA – USP), São Paulo, 2006.

CARNEGIE, Garry D.; NAPIER, Christopher J. Traditional accountants and business professionals: portraying the accounting profession after Enron. **Accounting Organizations and Society**, v.3, n.35, p. 360-376, 2010.

CASTAÑÓN, G. A. O cognitivismo e o problema da cientificidade da psicologia. **Psicologia: teoria e prática**, v. 12, n. 2, p. 233-253, 2010.

COATE, C. J.; MITSCHOW, M. C.; SCHINSKI, M. D. What student think of CPAs: is the stereotype alive and well? **The CPA Journal**, v. 73, n. 8, p. 52-55, 2003.

COBBS, J. L. How the business press views the accounting profession. **Journal of Accountancy**, v. 142, n. 3, p. 94-97, 1976.

COLEMAN, M.; KREUZE, J.; LANGSAM, S. The new scarlet letter: Student perceptions of the accounting profession after Enron. **Journal of Education for Business**, v. 79, n. 3, p. 134-141, 2004.

CONSENZA, José Paulo. Perspectivas para a profissão contábil num mundo globalizado – “Um estudo a partir da experiência brasileira”. **Revista Brasileira de Contabilidade**, n° 130, p. 43-61, jul./ago. 2001.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **Número de profissionais ativos registrados nos conselhos regionais de contabilidade.** Disponível em: <http://www3.cfc.org.br/spw/crcs/ConsultaPorRegiao.aspx?Tipo=1>>
Acesso em: 07 maio 2013.

CORY, S. N. Quality and quantity of accounting students and the stereotypical accountant: Is there a relationship? **Journal of Accounting Education**, v. 10, n. 1, p. 1-24, 1992.

COUTINHO E SILVA, A. H.; SILVA, E. G. R. Percepção dos estudantes de ciências contábeis do Rio de Janeiro sobre o estereótipo do profissional de contabilidade no período após a adoção do IFRS. In: Congresso Nacional de Administração e Ciências Contábeis – AdCont, 3, 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: AdCont, 2012.

DECOSTER, D. T. RHODE, J. G. The accountant's stereotype: real or imagined, deserved or unwarranted. **Accounting Review**, v. 46, n. 4, p. 651-669, 1971.

DEVINE, P. Stereotypes and prejudice: their automatic and controlled components. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 56, p. 5-18, 1989.

DIAS, Guadalupe Machado; MARTINS, Gilberto de Andrade. Representações sociais e imaginário coletivo na contabilidade. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 2, n. 4, p. 9-31, 2005.

DIMNIK, T.; FELTON, S. Accountant stereotypes in movies distributed in North America in the twentieth century. **Accounting Organizations and Society**, v. 31, n. 2, p. 129-155, 2006.

DIPTYANA, P.; DJUWARI, C. Student's perception towards accountant personality in accounting department and management department (a case study at STIE Perbanas Surabaya). In: SEAAIR, 2007, Indonésia. **Anais...** Indonésia: SEAAIR, 2007.

ENIS, C. R. The effect of gender on role perceptions of accountants: Twenty years through the looking glass. **Advances in Public Interest Accounting**, v. 7, p. 107-138, 1998.

EVANS, L.; FRASER, I. The accountant's social background and stereotype in popular culture: the novels of Alexander Clark Smith. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, v. 25, n. 6, p. 964-1000, 2012.

FÁVERO, L. P.; BELFIORE, P. P.; SILVA, F. L.; CHAN, B. L.. **Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FELTON, S. DIMNIK, T.; BAY, D. Perceptions of accountant's ethics: evidence from their portrayal in cinema. **Journal of Business Ethics**, v. 83, n. 2, p. 217-232, 2007.

FELTON, S., BUHR, N., NORTHEY, M. Factors influencing the business student's choice of a career in chartered accountancy. **Issues in Accounting Education**, v. 9, n. 1, p. 131-141, 1994.

FISHER, R., MURPHY, V. A pariah profession? Some student perceptions of accounting and accountancy. **Studies in Higher Education**, v. 20, n. 1, p. 45-58, 1995.

FORD, T. E.; STANGOR, C. The role of diagnosticity in stereotype formation: Perceiving group means and variances. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 63, n. 3, p. 356-367, 1992.

FORTES, José Carlos. **Ética e responsabilidade profissional do contabilista**. Fortaleza: Fortes, 2002.

FREITAS, A. A.; DORNELLAS, D. V.; BELHOT, R. V. Requisitos profissionais do estudante de engenharia de produção: uma visão através dos estilos de aprendizagem. **GEPROS**, n. 2, p. 125-135, abr. 2006.

FREITAS, A. L. P.; RODRIGUES, S. G. A avaliação da confiabilidade de questionários: uma análise utilizando o coeficiente de alfa de cronbach. In: SIMPEP, 12, Bauru, 2005. **Anais...** Bauru: SIMPEP, 2005.

FRIEDMAN, A. L., LYNE, S. R. Activity-based techniques and the death of the beancounter. **European Accounting Review**, v. 6, n. 1, p. 19-44, 1997.

FRIEDMAN, A. L.; LYNE, S. R. The beancounter stereotype: towards a general model of stereotype generation. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 12, n. 4, p. 423-451, 2001.

GERMANOU, E.; HASSALL, T.; TOURNAS, Y. Students' perceptions of accounting profession: work value approach. **Asian Review of Accounting**, v. 17, n. 2, p. 136-148, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUSKY, R. Psychological Methods for Evaluating Quality and Assessing Acoustic Information. **Acta acústica**, v. 83, p. 765-774, 1997.

HAMILTON, D. L. **Cognitive processes in stereotyping and intergroup behaviour**. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum, 1981.

HAMILTON, D.; TROLIER, T. K. Stereotypes and stereotyping: an overview of cognitive approach. In: DOVIDIO, J. F.; GAERTNER, S. L. (Coord.). **Prejudice, discrimination, and racism**. Orlando: Academic Press, 1986.

HARDIN, J. R.; O'BRYAN, D.; QUIRIN, J. J. Accounting versus engineering, law, and medicine: perceptions of influential high school teachers. **Advances in Accounting**, v. 17, p. 205-220, 2000.

HARTWELL, C. L., LIGHTLE, S. S., MAXWELL, B. High School Students' Perceptions of Accounting. **The CPA Journal**, v. 75, n. 1, p. 62-67, 2005.

HAYNES, D.; BRIGGS, S. P.; COPELAND, S. Mind the gap: accountants at work and play. **Critical perspectives on Accounting**, v. 19, p. 81-96, 2008.

HAZELL, M. Would you like your child to become an accountant? **Management Accounting**, v. 76, n. 11, p. 56, 1998.

HERMANSON, R. H. *et al.* Strategies for recruiting the best and brightest students into accounting : American Accounting Association teaching and curriculum section. **Journal of Accounting Education**, v. 14, n. 3, p. 347-365, 1996.

HEWSTONE, M. Contact and categorisation: Social psychological interventions to change intergroup relations. In: **Stereotypes and stereotyping**. New York: Guilford Press, 1996.

HINTON, P. R. **Stereotypes, cognition and culture**. Hove: Psychology Press, 2000.

HIROSHI, Silvio. Um plano de marketing para a contabilidade. **Caderno de Estudos**, v.10, n.17, p. 47-58, jan./abr. 1998.

HOFFJAN, A. H. The image of the accountant in a german context. **Accounting and the Public Interest**, v. 4, p. 62-89, 2004.

HOLLAND, J. L. **The Psychology of Vocational Choice**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1973.

HOLT, P. E. Stereotypes of the accounting professional as reflected in popular movies, accounting students and society. **New Accountant**, v. 9, n. 7, p. 24-25, 1994.

HOOPER, K.; KEARINS, K.; WELLS, P. Tax agent, bean counter or cost controller: what do clients think of their accountants. In: AFAANZ CONFERENCE, 2009, Adelaide. **Anais...** Adelaide: AFAANZ CONFERENCE, 2009.

HOPWOOD, A. G. Accounting and everyday life: an introduction. **Accounting, Organizations and Society**, v. 19, n. 3, p. 299-301, 1994.

HORA, H. R. M.; MONTEIRO, G. T. R.; ARICA, J. Confiabilidade em questionários para qualidade: um estudo com o coeficiente Alfa de Cronbach. **Produto & Produção**, v. 11, n. 2, p. 85-103, jun. 2010.

HUNT, S. C.; FALGIANI, A. A.; INTRIERI, R. C. The nature and origins of student's perceptions of accountants. **Journal of Education for Business**, v. 79, n. 3, 2004.

IMADA, A. S.; FLETCHER, C.; DALESSIO, A. Individual correlates of an occupational stereotype: a reexamination of the stereotype of accountants. **Journal of Applied Psychology**, v. 65, n. 4, p. 436-439, 1980.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação. Sinopses Estatísticas da Educação Superior [1995 a 2011]. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/superior-censosuperior-sinopse> >. Acesso em: 02 mar. 2013.

JACKLING, B.; DE LANGE, P. Do accounting graduates' skills meet the expectations of employers? A matter of convergence or divergence. **Accounting Education: an International Journal**, v. 18, n. 4-5, p. 369-385, 2009.

JACKLING, B.; DE LANGE, P.; PHILLIPS, J. Perceptions of accounting: do australian born students see accounting differently from those born overseas? In: Moroney, R.; DELANGE, P. (Ed.). **Proceedings of the 2010 Accounting & Finance Association of Australia and New Zealand (AFAANZ) Conference**, Carlton, Melbourne, 2010. p. 1-25.

JEACLE, L. Beyond the boring grey: the construction of the colourful accountant. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 19, n. 8, p. 1296-1320, 2008.

JEACLE, L. Going to the movies: accounting and twentieth century cinema. **Accounting, Auditing and Accountability Journal**, v. 22, n. 5, p. 677-708, 2009.

JOST, J. T.; BANAJI, M. R. The role of stereotyping in system-justification and production of false consciousness. **British Journal of Social Psychology**, v. 33, n. 1, 1994.

JUSSIM L. **Self-fulfilling prophecies**: a theoretical and integrative review. *Psychological Review*, v. 93: p. 429-445, 1986.

LEAL, E. A. et al. Estereótipos na profissão contábil. In: Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração - ENANPAD, 36, 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ENANPAD, 2012.

LEYENS, J. P.; YZERBYT, V.; SCHADRON, G. **Stereotypes and social cognition**. London: Sage, 1994.

LIPPMANN, W. **Public opinion**. New York: Harcourt, Brace, 1922.

MAASS, A., ARCURI, L. Language and stereotyping. In: MACRAE, C.; STANGOR, C.; HEWSTONE, M. (Eds.), **Stereotypes and stereotyping**. p. 193-226. New York: Guilford Press, 1996.

MACKIE, D. M. *et al.* Social Psychological Foundations of Stereotype Formation. In: MACRAE, C. N.; STANGOR, C.; HEWSTONE, M. (Eds.), **Stereotypes and Stereotyping**. New York: Guilford Press, 1996.

MACRAE, C. N.; MILNE, A.; BODENHAUSEN, G. Stereotypes as energy-saving devices: a peek inside the cognitive toolbox. **Journal of Experimental Social Psychology**, ano 66, n. 1, p. 37-47, 1994.

MALTHUS, S.; FOWLER, C. Perceptions of accounting as a career: a qualitative New Zealand study. In: AFAANZ CONFERENCE, 2008, New Zealand. **Anais...** New Zealand, AFAANZ CONFERENCE, 2008.

MARRIOTT, P.; MARRIOTT, N. Are we turning them on? A longitudinal study of undergraduate accounting students' attitudes towards accounting as a profession. **Accounting Education: An International Journal**, v. 12, n. 2, p. 113-133, 2003.

MATSUKUMA, C. M. O.; HERNANDEZ, J. M. C. Escalas e métodos de análise em pesquisa de satisfação de clientes. **Revista de Negócios**, v. 11, n. 1, p. 48-65, jan./mar., 2006.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Teoria geral da administração: da revolução urbana à revolução digital**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MCHUGH, G. *et al.* Accountants behaving badly: a marketing perspective. **Irish Marketing Review**, v. 11, n. 1, p. 19-26, 1998.

MCMURDY, D. Down with goobledygook. **CA Magazine**, v. 130, n. 7, p. 13, 1997.

MICHAELS, N. M.; LEVAS, M. G. The relationship of personality traits and self-monitoring behavior to choice of business major. **Journal of Education for Business**, v. 78, n. 3, p. 153-157, 2003.

MIRANDA, C. S.; MIRANDA, R. A. M.; ARAUJO, A. M. P. Percepções dos estudantes do ensino médio sobre o curso de ciências contábeis e as atividades do profissional contador. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS, 6., 2012, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPCONT, 2012. CD-ROM.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAIS, J. J. S. A representação social do contador e a imagem dele perante a sociedade. **Studia Diversa**, CCAE-UFPB, v. 1, n. 1, p. 36-43, 2007.

MYERS, D. G.; **Social psychology**. Boston: McGraw-Hill, 2000.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

OAKES, P. J. ; TURNER, J. Is limited information processing capacity the cause of social stereotyping? In: STROEBE, W.; HEWSTONE, M. (Eds.). **European Review of Social Psychology**. Chichester, UK: Wiley, 1990. p. 111-135

PARKER, L., Goodbye, number cruncher! **Australian CPA**, v. 77, n. 2, p. 50-52, 2000.

PEKDEMIR, I.; PEKDEMIR, R. **High school teachers' perceptions and opinions on professional accountants: the Turkey case**. Disponível em: <http://ideas.repec.org/p/pramprapa/29865.html>. Acesso em: 15 jan. 2013.

PENDRY, L. F., MACRAE, C. N. Stereotypes and mental life: The case of the motivated but thwarted tactician. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 30, p. 303-325, 1994.

PEREIRA, Emanuel Pereira. **Psicologia social dos estereótipos**. Sao Paulo: E.P.U., 2002.

POLLOCK, K. S.; PAPIERNIK, J. C.; SLAUBAUGH, M. D. High school guidance counselors' perceptions of the profession. **The CPA Journal**, v. 72, n. 5, p.73, 2002.

RABELO, E. C. Ambiente informacional de estudantes de jornalismo. **Revista de Ciências Humanas**, v. 10, n. 1, p. 113-124, jan./jun. 2010.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROBBINS, S. P. **Comportamento organizacional**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

SAEMANN, Georgia P.; CROOKER, Karen J. Student perceptions of the profession and its effect on decisions to major in accounting. **Journal of Accounting Education**, v. 17, p. 1-22, 1999.

SAMKIN, G. Accounting in the media. **Qualitative Research in Accounting & Management**, v. 17, n. 3, p. 237-248, 2010.

SCANDROGLIO, B.; MARTÍNEZ, J. S. L.; SEBASTIÁN, M. C. S. J. La Teoría de La Identidad Social: una síntesis crítica de sus fundamentos, evidencias y controversias. **Psicothema**, v. 20, n. 1, 2008.

SCHLEE, R. *et al.* Perception bias among undergraduate business students by major. **Journal of Education for Business**, v. 82, n. 3, p. 169-177, 2007.

SIEGEL, S.; CASTELLAN JR., N. J. **Estatística não-paramétrica para ciências do comportamento: métodos de pesquisa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

SMITH, M., BRIGGS, S. From beancounter to action hero. **Charter**, v. 70, n. 1, p. 36-39, 1999.

SMITH, D.; JACOBS, K. "Breaking up the sky": the characterisation of accounting and accountants in popular music. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, v. 24, n. 7, p. 904-931, 2011.

STANGOR, C., SCHALLER, M. Stereotypes as individual and collective representations. In: MACRAE, C., STANGOR, C.; HEWSTONE, M. (Eds.), **Stereotypes and stereotyping**, p. 3-37. New York: Guilford Press, 1996.

STANGOR, C. Volume overview. In: STANGOR, C. (Ed.). **Stereotypes and Prejudice**. Philadelphia: Psychology Press, 2000.

STACEY, N. A. H. The accountant in literature. **Accounting Review**, v. 33, n. 1, p. 102-105, 1958.

STEELE, C. M.; ARONSON, J. Stereotype threat and the intellectual test performance of African Americans. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 69, n. 5, p. 797-811, 1995.

STEPHEN, W. Intergroup relations. In: LINDZEY; ARONSON (Eds.). **Handbook of social psychology**. New York: Randon House, 1985.

SUGAHARA, S. KURIHARA, O.; BOLAND, G. Japanese secondary school teachers perceptions of the accounting profession. **Accounting Education: an internacional journal**, v. 15, n. 4, p. 405-418, 2006.

TAJFEL, H. Cognitive aspects of prejudice. **Journal of Social Issues**, v. 25, n. 4, p. 79-97, 1969.

TAJFEL, H. **Human groups and social categories: studies in social psychology**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1981.

TAJFEL, H.; TURNER, J. C. An integrative theory of intergroup conflict. In: AUSTIN, W. G.; WORCHEL, S. (Eds.), **The social**

psychology of intergroup relations. Monterey, CA: Brooks/Cole, 1979. p. 33-47.

TAJFEL, H.; TURNER, J. C. The social identity theory of intergroup behaviour. In: WORCHEL, S.; AUSTIN, W. G. (Eds.). **Psychology of intergroup relations.** Chicago, MI: Nelson Hall, 1986.

THE GALLUP ORGANISATION. Accounting recruiting research: survey of high school students and college students: **The Gallup Organisation**, 1991.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2006.

TROCHIM, W. **Research methods knowledge base.** Disponível : < <http://anatomyfacts.com/Research/ResearchMethodsKnowledgeBase.pdf> >. Acesso em: 03 mar. 2013.

TURNER, R. Personality in society: social psychology's contribution to sociology. **Social Psychology Quarterly**, v. 51, n. 1, p. 1-10, 1988.

USOFF, C., FELDMAN, D. Accounting students' perceptions of important skills for career success. **Journal of Education for Business**, v. 73, n. 4, p. 215-220, 1998.

VAIVIO, J.; KOKKO, T. Counting big:re-examining the concept of the bean counter controller. **The finish Journal of Business Economics**, v. 1, n. 6, p. 49-74, 2006.

VICENTE, Célia Cristina da Silva; MACHADO, Maria João. A imagem dos contabilistas: diferenças e factores que as determinam. Conferência: **Innovación y responsabilidad: desafios y soluciones, XIV Encuentro AECA** – Asociación Española de Contabilidad y Administración de Empresas, 2010.

WEGNER, D. M.; ERBER, R. The hyperaccessibility of suppressed thoughts. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 63, n. 6, p. 903-912, 1992.

WELLS, P. K.; KEARINS, K.; HOOPER, K. Perceptions of accounting and accountants: looking in the mirror. In: American Accounting Association – AAA, 2009. New York. **Anais...** New York, AAA, 2009.

WELLS, P. K. Those persistent accounting stereotypes: why are they so resistant to change? In: AFAANZ CONFERENCE, 2010, New Zealand. **Anais...** New Zealand, AFAANZ CONFERENCE, 2010.

WELLS, P. K.; FIEGER, P. High school teacher's perceptions of accounting: an international study. **Australian Journal of Accounting Education**, v. 2, n. 1, p. 29-51, 2006.

WEST, B. P. On the social history of accounting: the bank audit by Bruce Marshall. **Accounting History**, v. 6, n. 1, p. 11-30, 2001.

WORD, C. O.; ZANNA, M. P.; COOPER, J. The nonverbal mediation of self-fulfilling prophecies in interracial interaction. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 10, p. 109-120, 1974.

LISTA DE APÊNDICES

- APÊNDICE A – Questionário aplicado com estudantes de contabilidade
- APÊNDICE B – Questionário aplicado com estudantes dos demais cursos
- APÊNDICE C – Questionário aplicado com professores de contabilidade
- APÊNDICE D – Questionário aplicado com professores dos demais cursos
- APÊNDICE E – Divisão de pares de adjetivos por dimensão

APÊNDICE A



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**



Prezado respondente

Esta pesquisa tem por objetivo identificar a percepção da imagem do contador por alunos e professores universitários. O questionário está dividido em 02 blocos, o primeiro para identificação do perfil do respondente e segundo com 8 (oito) questões voltadas para percepção da imagem do contador. Os questionários não são identificados. O tempo médio para resposta do questionário é de 5 a 10 minutos

BLOCO 01 - Dados do respondente

Idade: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

Período/fase: _____

Você trabalha?

- () SIM, trabalho na área de contabilidade
() SIM, porem não trabalho na área de contabilidade
() NÃO trabalho.

É formado em outro curso de graduação?

- () Sim. Qual? _____
() Não

BLOCO 02 – Questões

1- Abaixo existem 33 pares de palavras. Pense neles como opostos. Considere cada par e assinale na escala numérica que foi apresentada a sua opinião nesse sentido em relação ao termo que melhor descreve as características do trabalho realizado por um contador. Desta forma, assinalando os valores numéricos 1 ou 2, a resposta apresenta afinidade com o termo do lado esquerdo, optando pelos valores numéricos 4 ou 5,

representa afinidade com o termo do lado direito e a opção de número 3 indica neutralidade em relação aos dois termos apresentados.

Chato	1	2	3	4	5	Interessante
Soluções criativas	1	2	3	4	5	Soluções pré-determinadas
Repetitivo	1	2	3	4	5	Variado
Novas ideias	1	2	3	4	5	Regras estabelecidas
Complexo	1	2	3	4	5	Fácil
Lento	1	2	3	4	5	Emocionante
Flexível	1	2	3	4	5	Estruturado
Solitário	1	2	3	4	5	Interativo
Submissão às normas e padrões	1	2	3	4	5	Independente/autônomo
Dinâmico	1	2	3	4	5	Estático
Extrovertido	1	2	3	4	5	Introvertido
Sintético	1	2	3	4	5	Analítico
Inovador	1	2	3	4	5	Conservador
Intuitivo	1	2	3	4	5	Factual
Ambíguo	1	2	3	4	5	Exato
Planejado	1	2	3	4	5	Imprevisível/Espontâneo
Orientado para pessoas	1	2	3	4	5	Orientado para números
Prático	1	2	3	4	5	Teórico
Tedioso	1	2	3	4	5	Atrativo
Monótono	1	2	3	4	5	Fascinante
Abstrato	1	2	3	4	5	Concreto
Usa a imaginação	1	2	3	4	5	Usa a Lógica
Completo	1	2	3	4	5	Superficial
Novidade	1	2	3	4	5	Rotina

Visão detalhista	1	2	3	4	5	Visão global
Preciso	1	2	3	4	5	Impreciso
Visões alternativas	1	2	3	4	5	Padrões uniformes
Adaptável	1	2	3	4	5	Fixo
Metódico	1	2	3	4	5	Desestruturado
Focado para manutenção de registros	1	2	3	4	5	Focado para tomada de decisão
Visão de benefícios para a sociedade	1	2	3	4	5	Visão de Fins lucrativos
Prestígio	1	2	3	4	5	Desprestígio
Matemático	1	2	3	4	5	Verbal

2. Possui amigos e/ou parentes que são contadores?

() Sim () Não

3. Que motivo (s) influenciou/influenciaram na escolha pela carreira de contador?

() Concorrência no vestibular	() Influência da família(pai, mãe, parentes que trabalham com contabilidade)
() Empregabilidade que o curso proporciona	() Influência de colegas
() Possibilidade de uma boa remuneração	() Por que exercia atividade na área
() Realização pessoal, escolheu o que gosta	() Pela importância da profissão (status)
() Outro _____	

4. Qual a reação das pessoas quando você comenta que cursa contabilidade? O que elas falam?

5. O que você acha que o contador faz na sua atividade profissional?

6. Você considera a carreira de contador (assinalar somente uma opção):

- Uma carreira importante e de prestígio;
- Uma carreira com boa remuneração, porém sem status na sociedade;
- Uma carreira com muitas possibilidades de atuação e excelente remuneração;
- Uma carreira difícil e pouco valorizada pela sociedade;
- Uma carreira de construção rápida e fácil, contudo com baixa remuneração;
- Outro _____

7. Se você estivesse fazendo a opção de um curso de graduação hoje, optaria por fazer contabilidade?

- Sim
- Não

8. Que nível de importância você atribui ao trabalho do contador para a sociedade?

- Nada importante
- Pouco importante
- Indiferente
- Importante
- Muito importante

MUITO OBRIGADA PELA ATENÇÃO!

APÊNDICE B



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**



Prezado respondente

Esta pesquisa tem por objetivo identificar a percepção da imagem do contador por alunos e professores universitários. O questionário está dividido em 02 blocos, o primeiro para identificação do perfil do respondente e segundo com 7 (sete) questões voltadas para percepção da imagem do contador. Os questionários não são identificados. O tempo médio para resposta do questionário é de 5 a 10 minutos

BLOCO 01 - Dados do respondente

Idade: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

Período/fase: _____

Você trabalha?

() Sim () Não

Curso de graduação em andamento:

() Ciências contábeis () Direito

() Administração () Medicina

() Ciências econômicas () Jornalismo

() Engenharias

() Outro: _____

É formado em outro curso de graduação?

() Sim. Qual? _____

() Não

BLOCO 02 – Questões

1- Abaixo existem 33 pares de palavras. Pense neles como opostos. Considere cada par e assinale na escala numérica que foi apresentada a sua opinião nesse sentido em relação ao termo que melhor descreve as características do trabalho realizado por um contador. Desta forma, assinalando os valores numéricos 1 ou 2, a resposta apresenta afinidade com o termo do lado esquerdo, optando pelos valores numéricos 4 ou 5, representa afinidade com o termo do lado direito e a opção de número 3 indica neutralidade em relação aos dois termos apresentados.

Chato	1	2	3	4	5	Interessante
Soluções criativas	1	2	3	4	5	Soluções pré-determinadas
Repetitivo	1	2	3	4	5	Variado
Novas ideias	1	2	3	4	5	Regras estabelecidas
Complexo	1	2	3	4	5	Fácil
Lento	1	2	3	4	5	Emocionante
Flexível	1	2	3	4	5	Estruturado
Solitário	1	2	3	4	5	Interativo
Submissão às normas e padrões	1	2	3	4	5	Independente/autônomo
Dinâmico	1	2	3	4	5	Estático
Extrovertido	1	2	3	4	5	Introvertido
Sintético	1	2	3	4	5	Analítico
Inovador	1	2	3	4	5	Conservador
Intuitivo	1	2	3	4	5	Factual
Ambíguo	1	2	3	4	5	Exato
Planejado	1	2	3	4	5	Imprevisível/Espontâneo
Orientado para pessoas	1	2	3	4	5	Orientado para números

Prático	1	2	3	4	5	Teórico
Tedioso	1	2	3	4	5	Atrativo
Monótono	1	2	3	4	5	Fascinante
Abstrato	1	2	3	4	5	Concreto
Usa a imaginação	1	2	3	4	5	Usa a Lógica
Completo	1	2	3	4	5	Superficial
Novidade	1	2	3	4	5	Rotina
Visão detalhista	1	2	3	4	5	Visão global
Preciso	1	2	3	4	5	Impreciso
Visões alternativas	1	2	3	4	5	Padrões uniformes
Adaptável	1	2	3	4	5	Fixo
Metódico	1	2	3	4	5	Desestruturado
Focado para manutenção de registros	1	2	3	4	5	Focado para tomada de decisão
Visão de benefícios para a sociedade	1	2	3	4	5	Visão de Fins lucrativos
Prestígio	1	2	3	4	5	Desprestígio
Matemático	1	2	3	4	5	Verbal

2. Possui amigos e/ou parentes que são contadores?

() Sim () Não

3. Você utiliza algum serviço prestado por um contador?

() Sim () Não

4. O que você acha que o contador faz na sua atividade profissional?

5. Você considera a carreira de contador (assinalar somente uma opção):

- Uma carreira importante e de prestígio;
- Uma carreira com boa remuneração, porém sem status na sociedade;
- Uma carreira com muitas possibilidades de atuação e excelente remuneração;
- Uma carreira difícil e pouco valorizada pela sociedade;
- Uma carreira de construção rápida e fácil, contudo com baixa remuneração;
- Outro _____

6. Caso não tivesse optado pelo seu curso, optaria por fazer contabilidade?

- Sim
- Não

7. Que nível de importância você atribui ao trabalho do contador para a sociedade?

- Nada importante
- Pouco importante
- Indiferente
- Importante
- Muito importante

MUITO OBRIGADA PELA ATENÇÃO!

APÊNDICE C



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**



Prezado respondente

Esta pesquisa tem por objetivo identificar a percepção da imagem do contador por alunos e professores universitários. O questionário está dividido em 02 blocos, o primeiro para identificação do perfil do respondente e o segundo com 8 (oito) questões voltadas para percepção da imagem do contador. Os questionários não são identificados. O tempo médio para resposta é de 7 a 10 minutos.

BLOCO 1 - Dados do respondente

Idade: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

Esfera de atuação

() Pública () Privada () Ambas

Possui dedicação exclusiva como docente? () Sim () Não

É formado em ciências contábeis?

() Sim

() Não. Qual curso? _____

Possui outro curso de graduação?

Qual? _____

Tempo de atuação como docente:

() Menos de 5 anos

() Entre 5 e 10 anos

() Mais de 10 anos

Além da docência, atua como profissional da contabilidade em:

- Escritório de Contabilidade
- Auditoria/Perícia
- Consultoria (RH, tributária, finanças, custos, gerencial)
- Empresa privada (Comércio, Indústria e Prestação de Serviços)
- Outro. Qual? _____
- Não atua na área de Contabilidade
- Só atua como docente.
- Não atua como profissional da Contabilidade.

BLOCO 2 – Questões

1- Abaixo existem 33 pares de palavras. Pense neles como opostos. Considere cada par e assinale na escala numérica que foi apresentada a sua opinião nesse sentido em relação ao termo que melhor descreve as características do trabalho realizado por um contador. Desta forma, assinalando os valores numéricos 1 ou 2, a resposta apresenta afinidade com o termo do lado esquerdo, optando pelos valores numéricos 4 ou 5, representa afinidade com o termo do lado direito e a opção de número 3 indica neutralidade em relação aos dois termos apresentados.

Chato	1	2	3	4	5	Interessante
Soluções criativas	1	2	3	4	5	Soluções pré-determinadas
Repetitivo	1	2	3	4	5	Variado
Novas ideias	1	2	3	4	5	Regras estabelecidas
Complexo	1	2	3	4	5	Fácil
Lento	1	2	3	4	5	Emocionante
Flexível	1	2	3	4	5	Estruturado
Solitário	1	2	3	4	5	Interativo
Submissão às normas e padrões	1	2	3	4	5	Independente/autônomo
Dinâmico	1	2	3	4	5	Estático

Extrovertido	1	2	3	4	5	Introvertido
Sintético	1	2	3	4	5	Analítico
Inovador	1	2	3	4	5	Conservador
Intuitivo	1	2	3	4	5	Factual
Ambíguo	1	2	3	4	5	Exato
Planejado	1	2	3	4	5	Imprevisível/Espontâneo
Orientado para pessoas	1	2	3	4	5	Orientado para números
Prático	1	2	3	4	5	Teórico
Tedioso	1	2	3	4	5	Atrativo
Monótono	1	2	3	4	5	Fascinante
Abstrato	1	2	3	4	5	Concreto
Usa a imaginação	1	2	3	4	5	Usa a Lógica
Completo	1	2	3	4	5	Superficial
Novidade	1	2	3	4	5	Rotina
Visão detalhista	1	2	3	4	5	Visão global
Preciso	1	2	3	4	5	Impreciso
Visões alternativas	1	2	3	4	5	Padrões uniformes
Adaptável	1	2	3	4	5	Fixo
Metódico	1	2	3	4	5	Desestruturado
Focado para manutenção de registros	1	2	3	4	5	Focado para tomada de decisão
Visão de benefícios para a sociedade	1	2	3	4	5	Visão de Fins lucrativos
Prestígio	1	2	3	4	5	Desprestígio
Matemático	1	2	3	4	5	Verbal

2. Descreva quais as principais atribuições de contador na sua atividade profissional.

3. Você considera a carreira de contador (assinalar somente uma opção):

- Uma carreira importante e de prestígio;
- Uma carreira com boa remuneração, porém sem status na sociedade;
- Uma carreira com muitas possibilidades de atuação e excelente remuneração;
- Uma carreira difícil e pouco valorizada pela sociedade;
- Uma carreira de construção rápida e fácil, contudo com baixa remuneração;
- Outro _____

4. Que nível de importância você atribui ao trabalho do contador para a sociedade?

- Nada importante
- Pouco importante
- Indiferente
- Importante
- Muito importante

5. Se você tivesse que escolher uma carreira hoje, optaria por ser contador?

- Sim
- Não

QUESTÕES SOMENTE PARA RESPONDENTES COM FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS E/OU QUE EXERCEM A PROFISSÃO DE CONTADOR

6. Que motivo (s) influenciou/influenciaram na escolha pela carreira de contador?

<input type="checkbox"/> Concorrência no vestibular	<input type="checkbox"/> Influência da família (pai, mãe, parentes que trabalham com contabilidade)
<input type="checkbox"/> Empregabilidade que o curso proporciona	<input type="checkbox"/> Influência de colegas
<input type="checkbox"/> Possibilidade de uma boa remuneração	<input type="checkbox"/> Por que exercia atividade na área
<input type="checkbox"/> Realização pessoal, escolheu o que gosta	<input type="checkbox"/> Pela importância da profissão (status)
<input type="checkbox"/> Outro _____	

7. Em relação à profissão escolhida, você se considera:

- Nada satisfeito
- Pouco satisfeito
- Indiferente
- Satisfeito
- Muito satisfeito

8. Como você acha que os contadores são percebidos por outros profissionais?

MUITO OBRIGADA PELA ATENÇÃO!

APÊNDICE D



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**



Prezado respondente

Esta pesquisa tem por objetivo identificar a percepção da imagem do contador por alunos e professores universitários. O questionário está dividido em 02 blocos, o primeiro para identificação do perfil do respondente e o segundo com 6 (seis) questões voltadas para percepção da imagem do contador. Os questionários não são identificados. O tempo médio de resposta do questionário é de 5 a 7 minutos.

BLOCO 01 - Dados do respondente

Idade: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

Esfera de atuação

() Pública () Privada () Ambas

Possui dedicação exclusiva como docente? () Sim () Não

Possui curso de graduação em:

() Ciências contábeis () Direito

() Administração () Medicina

() Ciências econômicas () Jornalismo

() Engenharias

() Outro: _____

Possui outro curso de graduação?

Qual? _____

Em que curso(s) leciona: _____

Tempo de atuação como docente:

- () Menos de 5 anos
 () Mais de 10 anos

- () Entre 5 e 10 anos

BLOCO 2 – Questões

1- Abaixo existem 33 pares de palavras. Pense neles como opostos. Considere cada par e assinale na escala numérica que foi apresentada a sua opinião nesse sentido em relação ao termo que melhor descreve as características do trabalho realizado por um contador. Desta forma, assinalando os valores numéricos 1 ou 2, a resposta apresenta afinidade com o termo do lado esquerdo, optando pelos valores numéricos 4 ou 5, representa afinidade com o termo do lado direito e a opção de número 3 indica neutralidade em relação aos dois termos apresentados.

Chato	1	2	3	4	5	Interessante
Soluções criativas	1	2	3	4	5	Soluções pré-determinadas
Repetitivo	1	2	3	4	5	Variado
Novas ideias	1	2	3	4	5	Regras estabelecidas
Complexo	1	2	3	4	5	Fácil
Lento	1	2	3	4	5	Emocionante
Flexível	1	2	3	4	5	Estruturado
Solitário	1	2	3	4	5	Interativo
Submissão às normas e padrões	1	2	3	4	5	Independente/autônomo
Dinâmico	1	2	3	4	5	Estático
Extrovertido	1	2	3	4	5	Introverso
Sintético	1	2	3	4	5	Analítico
Inovador	1	2	3	4	5	Conservador
Intuitivo	1	2	3	4	5	Factual
Ambíguo	1	2	3	4	5	Exato
Planejado	1	2	3	4	5	Imprevisível/Esponâneo
Orientado para pessoas	1	2	3	4	5	Orientado para números

Prático	1	2	3	4	5	Teórico
Tedioso	1	2	3	4	5	Atrativo
Monótono	1	2	3	4	5	Fascinante
Abstrato	1	2	3	4	5	Concreto
Usa a imaginação	1	2	3	4	5	Usa a Lógica
Completo	1	2	3	4	5	Superficial
Novidade	1	2	3	4	5	Rotina
Visão detalhista	1	2	3	4	5	Visão global
Preciso	1	2	3	4	5	Impreciso
Visões alternativas	1	2	3	4	5	Padrões uniformes
Adaptável	1	2	3	4	5	Fixo
Metódico	1	2	3	4	5	Desestruturado
Focado para manutenção de registros	1	2	3	4	5	Focado para tomada de decisão
Visão de benefícios para a sociedade	1	2	3	4	5	Visão de Fins lucrativos
Prestígio	1	2	3	4	5	Desprestígio
Matemático	1	2	3	4	5	Verbal

2. Você utiliza algum serviço prestado por um contador?

- () SIM, diariamente/semanalmente () SIM, mensalmente
 () SIM, semestralmente/anualmente () SIM, esporadicamente
 () NÃO utilizo

3. O que você acha que o contador faz na sua atividade profissional?

4. Você considera a carreira de contador (assinalar somente uma opção):

- () Uma carreira importante e de prestígio;

- Uma carreira com boa remuneração, porém sem status na sociedade;
- Uma carreira com muitas possibilidades de atuação e excelente remuneração;
- Uma carreira difícil e pouco valorizada pela sociedade;
- Uma carreira de construção rápida e fácil, contudo com baixa remuneração;
- Outro _____

5. Que nível de importância você atribui ao trabalho do contador para a sociedade?

- Nada importante
- Pouco importante
- Indiferente
- Importante
- Muito importante

6. Caso não tivesse optado pela sua profissão, optaria por ser contador?

- Sim Não

MUITO OBRIGADA PELA ATENÇÃO!

APÊNDICE E

Categorias

1. Estrutura

Soluções criativas – Soluções pré-determinadas
Repetitivo – Variado
Novas ideias – Regras estabelecidas
Complexo – Fácil
Lento – Emocionante
Flexível – Estruturado
Submissão às normas – Independente/autônomo
Inovador – Conservador
Abstrato – Concreto
Usa a imaginação – Usa a lógica
Metódico – Desestruturado
Focado para a manutenção de registros – Focado para a tomada de decisão
Visão de benefícios para a sociedade – Visão de fins lucrativos

2. Isolamento

Solitário – Interativo
Extrovertido – Introverso
Orientado para pessoas – Orientado para números

3. Precisão

Sintético – Analítico
Intuitivo – Factual
Ambíguo – Exato
Planejado – Imprevisível/espontâneo
Prático – Teórico
Completo – Superficial
Visão detalhista – Visão global
Preciso – Impreciso
Visões alternativas – Padrões uniformes
Adaptável – Fixo
Matemático – Verbal

4. Interesse

Chato – Interessante
Dinâmico – Estático
Tedioso – Atrativo
Monótono – Fascinante
Novidade – Rotina
Prestígio - Desprestígio